

INAE
INSTITUTO NACIONAL DE ALTOS ESTUDIOS

SEMINÁRIO ESPECIAL

A NOVA INSERÇÃO INTERNACIONAL DO BRASIL
O NAFTA E A INTEGRAÇÃO HEMISFÉRICA
(Rio de Janeiro, setembro de 1994)

Patrocínio

Instituições

BNDES
Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social

BB

Banco do Brasil S.A.

FINEP

Financiadora de Estudos e Projetos

FUNDAÇÃO FORD

BID

Banco Interamericano de Desenvolvimento

IPEA

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

IBMEC

Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais

PNUD

Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

FIESP

Federação das Indústrias do Estado de São Paulo

FIRJAN

Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro

FIEMG

Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais

SEBRAE

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

ILDES

Fundação Friedrich Ebert no Brasil

ABDE

Associação Brasileira de Instituições Financeiras de Desenvolvimento

BOVESPA - BVRF - BM&F

Bolsa de Valores do Estado de São Paulo

Bolsa de Valores do Rio de Janeiro

Bolsa Mercantil de Futuros

Empresas

Aracruz Celulose

Bradesco

Eletrôbrás

Fundação Brascan

Gradiente

Grupo Caemi

Grupo Rhodia

Grupo Souza Cruz

Grupo Ultra

Grupo Villares

Norquisa

Texaco do Brasil

White Martins

JOÃO PAULO DOS REIS VELLOSO
(*Coordenador*)

LUIZ FELIPE LAMPREIA/RENATO BAUMANN
JOSÉ TAVARES DE ARAÚJO JR./ISAAC COHEN
PEDRO MOTTA VEIGA/RAÚL A. HINOJOSA-OJEDA
JEFFREY D. LEWIS/SHERMAN ROBINSON
MARCELO DE PAIVA ABREU

MERCOSUL E NAFTA: O BRASIL E A INTEGRAÇÃO HEMISFÉRICA

JOSE OLYMPIO
EDITORA

*João Velloso, Rui Velloso, Luiz Felipe Lampreia, Renato Baumann,
João Favres de Araújo Jr., Isaac Cohen, Pedro Motta Veiga,
Raúl A. Hinojosa-Ojeda, Jeffrey D. Lewis, Sherman Robinson,
Marcelo de Paiva Abreu, 1995*

Reservam-se os direitos desta edição à
LIVRARIA JOSÉ OLÍMPIO EDITORA S.A.
Rua da Glória, 344/4º andar
Rio de Janeiro, RJ – República Federativa do Brasil
Printed in Brazil / Impresso no Brasil

ISBN 85-03-00557-3

Gerência editorial: MARIA AMÉLIA MELLO

Editoria: KÁTIA THOMAS

Capa: JOATAN

Produção e diagramação: ANTONIO HERRANZ

Revisão de originais: JORGE URANGA

Revisão de provas: NAIR DAMETTO
FÁTIMA FADEL

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

MERCOSUL e NAFTA: o Brasil e a integração hemisférica / João Paulo dos
Reis Velloso (coordenador). [et al.] – Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.
290p.

Seminário especial: A nova inserção internacional do Brasil: o NAFTA e
a integração hemisférica (Rio de Janeiro, setembro de 1994)

1. Integração econômica internacional. 2. MERCOSUL. 3. NAFTA. 4.
Brasil – Integração econômica. I. Velloso, João Paulo dos Reis, 1931 –

95-0997

CDD – 337.18
CDU – 337.91

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: A nova inserção internacional do Brasil e a integração hemisférica: síntese (<i>Pedro Motta Veiga</i>)	7
PRIMEIRA PARTE	
A RODADA URUGUAI E A INSERÇÃO INTERNACIONAL DO BRASIL	
Implicações para o Brasil da Rodada Uruguaí (<i>Luiz Felipe Lampreia</i>) ..	15
Dimensões da inserção internacional do Brasil (<i>Renato Baumann</i>).....	39
A economia política da proteção após a Rodada Uruguaí (<i>José Tavares de Araújo Jr.</i>)	87
SEGUNDA PARTE	
O BRASIL, O MERCOSUL E O NAFTA	
Mercosul: a agenda da consolidação e os dilemas da ampliação (<i>Pedro Motta Veiga</i>)	109
Mercosul e NAFTA: convergência e divergência na integração das Américas (<i>Raúl A. Hinojosa-Ojeda, Jeffrey D. Lewis e Sherman Robinson</i>)	141
O NAFTA e as relações econômicas Brasil-Estados Unidos (<i>Marcelo de Paiva Abreu</i>)	233
Após o NAFTA: implementação da cláusula de adesão (<i>Isaac Cohen</i>) ..	267

Mercosul e NAFTA: convergência e divergência na integração das Américas*

*Raül A. Hinojosa-Ojeda*¹
*Jeffrey D. Lewis*²
*Sherman Robinson*³

* Versão condensada do estudo "Convergência e Divergência entre o NAFTA e o Mercosul: Superando os Dilemas da Integração Econômica Norte e Sul-Americana". Traduzido do inglês por Maria H. Lyra da Silva.

O Banco Interamericano do Desenvolvimento, a Comissão Econômica das Nações Unidas para a América Latina e o Caribe, o Centro Norte-Sul da Universidade de Miami e a Fundação Ford apoiaram o estudo completo. Gerald Autler, Andrea Cattaneo, Cristina Mingorance e Jorge Shepherd forneceram valiosa assistência de pesquisa. As opiniões expressas no presente estudo são as dos autores, não representando necessariamente aquelas das instituições a que são afiliados ou que lhes tenham dado apoio.

1. Da Universidade da Califórnia (Los Angeles) e Banco Interamericano do Desenvolvimento.
2. Do Banco Mundial.
3. Da Universidade da Califórnia (Berkeley) e Instituto Internacional de Pesquisa de Política Alimentar.

INTRODUÇÃO

AS RELAÇÕES econômicas e políticas entre os países do hemisfério ocidental vêm passando por uma profunda e histórica transformação. Os países latino-americanos e caribenhos, por sua vez, estão adotando uma nova estratégia de desenvolvimento baseada em abertura explícita às competições regional e global. Os Estados Unidos, enquanto isso, vêm-se defrontando com uma competição crescente dentro de uma economia mundial multipolar, e estão expressando nova disposição de entrarem em acordos econômicos regionais nunca antes tentados, ao mesmo tempo em que buscam redefinir seus interesses a longo prazo dentro de um sistema global pós-Guerra Fria. Sob o duplo impulso das liberalizações comerciais unilaterais e da formação de acordos regionais como o NAF-TA e o Mercosul, tem havido, recentemente, dramática intensificação dos elos de comércio e investimento em todo o hemisfério, tanto entre norte e sul quanto — cada vez mais — de sul para sul. Enquanto que a recuperação de comércio, investimento e crescimento vem sendo muito positiva para alguns setores e regiões nacionais, aumentou também a interdependência entre os impactos do mercado de trabalho, a estabilidade macroeconômica a curto prazo e as opções de desenvolvimento a longo prazo dentro do contexto das grandes disparidades em produtividade e níveis de renda, tanto em nível interno quanto entre o norte e o sul.

Com a aceleração de sua interdependência comercial e de investimentos, as Américas defrontam-se, hoje, diretamente com o que poderá tornar-se o mais importante desafio global das próximas décadas: qual é o padrão de integração econômica que poderá trazer o desenvolvimento

sustentável e equitativo de norte a sul? Que problemas de ação coletiva terão de ser superados, tanto em nível interno quanto entre os países, para que o desenvolvimento sustentável através do aumento da integração seja política e economicamente viável? Este desafio tem que ser visto dentro do contexto de um hemisfério caracterizado por países, no norte e no sul, com dispares interesses econômicos a curto prazo, divergentes cálculos geopolíticos e, em nível interno, diferentes grupos de interesse e dinâmicas institucionais. Assim, a Cúpula das Américas ocorreu em um momento muito oportuno e pode vir a ser muito útil, se conseguir iniciar um processo de abordagem das questões tanto econômicas quanto políticas envolvidas na formação de um bom relacionamento econômico no hemisfério.

Este estudo, apresentado em versão condensada, é parte de um projeto mais amplo destinado a modelar os impactos econômicos e a analisar a dinâmica da economia política de cenários alternativos de liberalização comercial e integração regional no hemisfério ocidental. Em estudos anteriores, analisamos o NAFTA e as relações entre o NAFTA, a América Central e o Caribe.⁴ No presente estudo, consideramos a relação entre o NAFTA, o Chile e o Mercosul. Demonstramos que a integração estratégica entre a Argentina, o Brasil, o Chile, o México e os Estados Unidos precisará ser resolvida de forma cooperativa, caso se pretenda que haja alguma forma de integração econômica abrangente no hemisfério ocidental.

A análise apresenta o modelo de equilíbrio geral computável da Área Norte-Americana/Sul-Americana de Livre Comércio (NASAF-TA-CGE) que foi desenvolvido para determinar o impacto econômico de diversos cenários alternativos para os arranjos comerciais no hemisfério ocidental. O modelo NASAF-TA-CGE é usado para gerar diversos cenários alternativos que podem ocorrer na esteira da formação do NAFTA e do Mercosul, incluindo:

- 1) O *status quo* com o NAFTA e o Mercosul.
- 2) Outros acordos de livre comércio (FTAs) bilaterais dos Estados Unidos ou do México.

4. Ver Hinojosa e Robinson (1991), Hinojosa e McCleery (1992), e Hinojosa, Lewis e Robinson (1994).

3) Adesões ao NAFTA.

4) Os avanços do Hemisfério Mercosul

5) Um Acordo de Livre Comércio do Hemisfério Ocidental (WHTA). O presente estudo contém ainda uma análise dos problemas de economia política relativos a cada um desses cenários alternativos, avaliando os *trade-offs* que cada país terá que calcular. Estes *trade-offs* referem-se aos possíveis benefícios econômicos dos cenários alternativos comparados com os riscos do ajuste econômico, assim como o grau de certeza de que negociações bem-sucedidas possam realmente ocorrer em cada cenário. Descobre-se um grande número de problemas complexos de ação coletiva. Se, por um lado, se demonstra que a formação de uma Área de Livre Comércio do Hemisfério Ocidental é o melhor cenário econômico para a maioria dos mais importantes países-membros do NAFTA e do Mercosul, a falta de um mecanismo para negociar com credibilidade um acordo multilateral dá grande desconto nesta primeira e melhor opção. Na ausência de uma solução que seja a melhor de todas, as relações estratégicas, tanto dentro do NAFTA e do Mercosul quanto entre os dois, tornam-se muito voláteis à medida que descobrimos que cada país tem um conjunto bem divergente de preferências para uma segunda opção no sentido de como e com quem prosseguir na liberalização do comércio.

A análise indica que há, essencialmente, dois tipos de relações comerciais que poderiam ser formadas no hemisfério ocidental: uma delas é a corrida competitiva entre blocos opostos, no sentido de construir seu próprio sistema de centro e raios de uma roda; a outra é a única liberalização complementar que é multilateralizada através de todos os blocos. Revela-se, assim, uma situação do tipo dilema de um prisioneiro, na qual, diante da ausência de cooperação para criar-se um bem público sob a forma de mecanismo de negociação multilateral visando a obter ganhos dinâmicos do comércio, cada país fica a cuidar de si em um ambiente de alto risco e altamente competitivo, que tenderá a concentrar-se sobre os ganhos a curto prazo, mais limitados e conflitivos. Esta situação tem a possibilidade de ser prontamente superada, no entanto, pelo desenvolvimento de mecanismos e de instituições que:

1) Reduzem a incerteza das negociações multilaterais ao longo do tempo.

2) Mitigam os custos econômicos dinâmicos da integração através do financiamento a longo prazo dos déficits comerciais e dos investimentos de ajuste comercial.

Apresentamos, a seguir, a organização deste estudo. A próxima seção examina a estrutura das relações econômicas e dos níveis de proteção dentro do NAFTA, do Chile, do Mercosul e entre estes, descrevendo os dados básicos usados em nosso modelo NASAFITA-CGE. A terceira seção discute a abordagem de nossa modelagem NASAFITA-CGE, e apresenta os resultados do modelo para cenários alternativos de possíveis relações comerciais no hemisfério ocidental. A quarta seção avalia os problemas de economia política e de ação coletiva relacionados com os cenários alternativos, e identifica os tipos de estruturas e de instituições para a cooperação no hemisfério necessárias para se alcançar, no hemisfério, uma ordem comercial de ótimo nível. A última seção apresenta nossas conclusões.

A ESTRUTURA DE COMÉRCIO, PRODUÇÃO E PROTEÇÃO NO HEMISFÉRIO

A análise dos impactos potenciais e da dinâmica do livre comércio no hemisfério ocidental deve começar pela rede complexa de laços econômicos já existente em toda a região. A importância relativa desses laços para cada país, entretanto, varia substancialmente através da região. A tabela 1 apresenta os principais indicadores desta interdependência assimétrica, incluindo as grandes diferenças de PIB e PIB *per capita*, assim como no comércio e nos fluxos financeiros norte-sul e sul-sul, como percentagem do PIB. Todos os dados são de 1990, ano-base do modelo NASAFITA-CGE.

A principal manifestação da assimetria do hemisfério evidencia-se nas grandes disparidades entre os números do PIB e do PIB *per capita*. O PIB dos Estados Unidos, por exemplo, é quase duzentas vezes o do Chile, e 13 vezes o do Brasil. O PIB *per capita* dos Estados Unidos é sete vezes o do México, do Brasil e da Argentina, e vinte vezes o do Mercado Comum Centro-Americano (MCCA). Estes distanciamentos são significativamente maiores do que aqueles com que se defrontou a Europa Ocidental por ocasião da ampliação da CE, situando-se, porém, dentro

da ordem de grandeza das atuais disparidades entre a Europa (Occidental e a Oriental) como também dentro do Leste Asiático.⁵

Comparando-se a importância relativa do comércio na atividade econômica dos países do hemisfério, o padrão predominante é o de que as economias menores dependem muito mais do comércio do que as maiores. O Chile, a menor economia no presente estudo, é o mais aberto ao comércio, com 57,2% de seu PIB representados pela importação e exportação. As economias maiores, o Brasil e os Estados Unidos, são as menos abertas, com um comércio total igual a 16,9% e 13,1%, respectivamente. Estes países grandes são também os menos dependentes da exportação, enquanto percentagem do PIB, representando esta 7,3% do PIB nos Estados Unidos e 7,6% no Brasil. O Chile, por sua vez, é o mais dependente da exportação, que é igual a 30,9% de seu PIB.

A tabela 1 mostra ainda que a dependência relativa do comércio dentro do hemisfério também varia substancialmente, sendo os países latino-americanos muito mais dependentes do comércio com os Estados Unidos do que vice-versa. A dependência do mercado dos Estados Unidos, no entanto, declina à medida que se avança para o sul no hemisfério, enquanto aumenta o comércio tanto entre os países latino-americanos quanto com o resto do mundo. No caso do México, o comércio com os Estados Unidos representa uma fatia muito maior do PIB (16,5%) do que o comércio com toda a comunidade latino-americana (que totaliza apenas 1,2%). Na Argentina, o comércio com os Estados Unidos só chega a 2,7% do PIB, enquanto que o comércio com a comunidade latino-americana totaliza 4,9%. A Argentina é, também, o único dos países da lista que comercializam mais com a América Latina e o Caribe (ALC) do que com os Estados Unidos em 1990. Enquanto que todos os países da ALC mostram maior dependência do comércio dos Estados Unidos do que este depende dos mercados da ALC, é importante notar que os Estados Unidos comerciam com os países da ALC de mais do que o fazem o México ou o Brasil, em termos de percentagem de seu PIB. Estas diferenças levam-nos a esperar maiores impactos da liberalização do comércio sobre os países menores em contraposição aos maiores, assim como impactos relativamente maiores sobre os países latino-americanos em comparação com os Estados Unidos.

5 Ver Hinojosa (1993) para uma análise comparativa das desigualdades regionais dentro da Europa, Ásia e Américas.

TABELA 1
PRINCIPAIS PAÍSES E BLOCOS DO HEMISFÉRIO OCIDENTAL
Dados Básicos (milhões de US\$, milhões de pessoas)

País/bloco	PIB	População	PIB per capita	COMÉRCIO TOTAL		COMÉRCIO COM OS EUA		COMÉRCIO COM A ALC		Dívida (% do PIB)	Fluxos DFI (% do PIB)
				Exportação (% do PIB)	Importação (% do PIB)	Exportação (% do PIB)	Importação (% do PIB)	Exportação (% do PIB)	Importação (% do PIB)		
EUA	5392200	250	21569	7,3	9,6	-	-	0,9	1,2	n.a	n.a
México	237750	86	2758	11,4	13,4	7,9	8,6	0,6	0,6	40,7	1,0
Chile	27790	13	2105	30,9	26,3	5,4	4,9	3,7	6,4	68,8	5,7
Brasil	414060	150	2753	7,6	5,5	1,9	1,1	0,8	0,9	28,1	0,5
Argentina	93260	32	2887	13,2	4,4	1,8	0,9	3,4	1,5	65,6	0,8
NAFTA	6200100	363	17094	8,8	10,8	3,1	11,9	0,9	0,1	n.a	n.a
MCAC	28040	26	1074	15,4	22,3	6,3	8,4	2,9	3,8	80,6	n.a
Caribe	24657	19	1318	20,4	28,1	9,0	12,4	3,3	6,7	82,0	n.a
Andino	141300	91	1549	22,4	12,1	10,3	4,5	2,9	2,4	62,3	n.a
Mercosul	520800	190	2740	8,9	5,6	1,9	1,1	1,5	1,2	35,2	n.a
ALC Total	974470	425	2292	12,4	10,0	5,0	4,0	1,6	1,6	43,7	1,7
EUR-12	5995850	344	17430	22,8	23,3	1,5	1,8	0,3	0,6	n.a	n.a
Japão	2942890	172	18820	14,8	13,2	3,1	1,8	0,2	0,3	n.a	n.a

FONTE: Banco Mundial; FMI; BID/IRELA.

NOTAS: Os dados sobre a Nicarágua são para 1991.

Comércio do NAFTA com os EUA enquanto percentagem do PIB baseados no PIB do México/Canadá.

Os dados sobre a dívida externa do Caribe são para 1991.

O NAFTA é formado pelo México, os EUA e o Canadá.

O MCAC é formado pela Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras e Nicarágua.

O Caribe compreende Barbados, República Dominicana, Guiana, Haiti, Jamaica, Suriname e Trinidad & Tobago.

O Pacto Andino é formado pela Bolívia, Colômbia, Equador, Peru e Venezuela.

O Mercosul é formado pela Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai.

A ALC compreende o MCAC, o Caribe, o Pacto Andino, o Mercosul, o México e o Chile.

El R-12 compreende a Bélgica-Luxemburgo, Dinamarca, França, Alemanha, Grécia, Irlanda, Itália, Holanda, Portugal, Espanha e Reino Unido.

Desde a crise da dívida da década de 1980, muitos países latino-americanos adotaram políticas visando ao aumento das exportações relativamente às importações. A tabela 1 mostra o sucesso da América do Sul na consecução de balanças comerciais favoráveis. O Brasil, a Argentina e o Chile, assim como o Pacto Andino e o Mercosul, todos demonstram excedentes comerciais significativos, em termos de percentagem do PIB. O Brasil produziu um excedente de 2,1%, a Argentina 8,8%, o Chile 4,6%, o Pacto Andino 10,3% e o Mercosul 3,3%. A América Central e o Caribe, no entanto, tiveram um sucesso marcadamente menor. O México, o Mercado Comum Centro-americano e o Caribe demonstram déficits comerciais de 2,2%, 6,9% e 7,7%, respectivamente. Os Estados Unidos e o NAFTA também mostram déficits comerciais de 2,3% e 2,0%, respectivamente.

A tabela 1 demonstra, com efeito, que as economias latino-americanas ainda mantêm altos níveis de endividamento. O Caribe e o MCAC têm os níveis mais elevados — 82,0% e 80,6% do PIB, respectivamente. O menor nível de endividamento, detido pelo Brasil, é o de substanciais 28,1% do PIB. Embora o Japão tenha substituído os Estados Unidos como o maior credor do mundo, os Estados Unidos permanecem o maior credor na América Latina. Este contínuo apoio econômico norte-americano, especialmente durante a última década, quando muitos países reduziram bastante seus financiamentos ao mundo em desenvolvimento, é uma razão pela qual os países latino-americanos voltam-se para os Estados Unidos quando consideram uma aliança de livre comércio. A diminuição do capital interno é um dos principais motivos pelos quais vários países latino-americanos têm considerado aderir ao NAFTA ou a um acordo de livre comércio com este com os Estados Unidos. Já que os países em desenvolvimento são altamente dependentes de fluxos de investimento externo, uma aliança comercial é atualmente considerada como capaz de fornecer vantagem competitiva na busca desses investimentos (Naim, 1994). No entanto, sem um aumento na base produtiva e na competitividade do mercado que um aumento de investimento acarreta, não é tão valiosa a expansão das oportunidades de mercado trazida por um acordo de livre comércio (Saborio, 1992). Dos países mencionados, o Chile é, de longe, o detentor do mais alto nível de fluxo de investimento externo direto em termos de percentagem do PIB. Com 5,7%, é mais de três vezes o nível da comunidade latino-americana como um todo.

A interdependência comercial assimétrica na América do Norte e do Sul pode ser vista de modo ainda mais claro nas tabelas 2 e 3, que listam

TABELA 2
EXPORTAÇÃO EM 1990 PARA PARCEIROS
EM PERCENTAGEM DA EXPORTAÇÃO TOTAL (MILHÕES DE US\$)

EXPORTADOR	TOTAL	PARCEIROS											
		EUA	MÉXICO	CHILE	BRASIL	ARGENTINA	NAFTA	MERCOSUL	ALC	HEMISF. OCID	EUR-12	JAPÃO	RESTO DO MUNDO
EUA	393109	-	7,2	0,4	1,3	0,3	28,3	1,7	12,8	33,9	22,3	12,4	31,5
México	27167	69,3	-	0,3	0,6	0,4	70,2	1,5	5,5	75,7	11,6	5,5	7,2
Chile	8630	17,3	0,7	-	5,6	1,3	18,6	7,6	12,1	30,0	34,3	16,1	19,6
Brasil	31414	24,6	1,6	1,5	-	2,1	27,9	4,2	11,1	37,3	28,3	7,5	26,9
Argentina	12339	13,8	2,6	3,7	11,5	-	17,0	14,9	25,9	40,3	28,0	3,2	28,5
NAFTA	546720	20,9	5,3	0,4	1,0	0,2	41,4	1,4	9,8	45,9	18,2	10,5	25,4
Mercosul	46442	20,8	1,9	2,1	4,8	1,7	24,0	8,9	16,7	38,8	28,1	6,0	27,1
ALC	123279	39,3	1,0	1,3	2,9	1,1	41,8	5,0	12,7	53,5	21,1	5,8	19,6
Hemisf. Ocidental	642832	22,4	4,7	0,5	1,4	0,4	40,3	2,1	10,6	46,1	19,1	9,8	25,0
EUR-12	11249871	7,3	0,4	0,1	0,4	0,1	8,6	0,5	1,5	9,7	52,1	2,2	36,0
Japão	287678	31,7	0,8	0,2	0,4	0,1	34,8	0,6	2,1	36,1	17,4	-	46,5

FONTE: Diretoria de Estatística do Comércio do FMI.

TABELA 3
 EXPORTAÇÃO PARA PARCEIROS EM PORCENTAGEM DA EXPORTAÇÃO TOTAL,
 ANOS SELECIONADOS (MILHÕES DE US\$)

EXPORTADOR		PARCEIROS										RESTO DO MUNDO	
		EUA	MEXICO	CHILE	BRASIL	ARGENTINA	NAFTA	MERCOSUL	ALC	HEMISF. OCID	EUR-12		JAPÃO
EUA	1980	-	6,9	0,6	2,0	1,2	22,9	3,3	16,6	32,7	23,6	9,4	34,3
	1985	-	6,4	0,3	1,5	0,3	28,6	1,9	13,3	35,5	20,7	10,6	33,2
	1990	-	7,2	0,4	1,3	0,3	28,3	1,7	12,8	33,9	22,3	12,4	31,5
	1992	-	9,1	0,5	1,3	0,7	29,2	2,1	16,1	36,2	20,7	10,7	32,3
México	1980	64,7	-	0,2	2,6	0,3	65,5	2,9	5,9	71,4	14,8	4,3	9,5
	1985	60,4	-	0,1	1,3	0,2	62,1	1,6	4,7	66,9	18,0	7,7	7,4
	1990	69,3	-	0,3	0,6	0,4	70,2	1,5	5,5	75,7	11,6	5,5	7,2
	1992	76,3	-	0,4	0,7	0,4	81,4	1,2	4,2	85,6	7,2	2,6	4,6
Chile	1980	12,6	1,4	-	9,6	6,0	15,7	16,4	23,9	38,2	33,9	10,8	17,1
	1985	22,5	1,3	-	5,4	2,2	25,8	8,1	14,2	38,7	31,2	9,9	20,2
	1990	17,3	0,7	-	5,6	1,3	18,6	7,6	12,1	30,0	34,3	16,1	19,6
	1992	16,6	0,9	-	4,5	4,6	18,3	9,9	17,0	34,3	26,8	15,9	23,0
Brasil	1980	17,4	2,3	2,2	-	5,4	21,0	9,0	17,9	36,5	28,7	6,1	28,6
	1985	27,1	0,9	0,9	-	2,1	29,7	3,9	9,3	38,1	24,6	5,5	67,4
	1990	24,6	1,6	1,5	-	2,1	27,9	4,2	11,1	37,3	28,3	7,5	26,9
	1992	19,7	3,1	2,6	-	8,5	23,9	11,4	22,0	42,9	26,4	6,4	24,3
Argentina	1980	8,9	1,5	2,7	9,5	-	11,0	14,2	23,4	32,9	29,7	2,6	34,8
	1985	12,2	3,0	1,3	5,9	-	16,0	8,0	18,5	31,4	22,7	4,3	41,5
	1990	13,8	2,6	3,7	11,5	-	17,0	14,9	25,9	40,3	28,0	3,2	28,5
	1992	10,9	1,9	4,7	13,5	-	13,3	18,8	32,3	43,7	29,1	3,0	24,2

TABELA 3 (continuação)

NAFTA	1980	16,8	5,1	0,5	1,8	0,9	33,6	2,9	13,3	41,8	20,4	8,3	29,5
	1985	25,0	4,3	0,2	1,2	0,2	43,9	1,5	9,5	49,2	16,1	8,8	26,0
	1990	20,9	5,3	0,4	1,0	0,2	41,4	1,4	9,8	45,9	18,2	10,5	25,4
	1992	21,9	6,6	0,4	1,0	0,6	43,3	1,7	12,2	48,9	16,7	8,8	25,6
Mercosul	1980	14,7	2,0	2,4	3,4	4,4	17,7	11,6	20,4	36,0	29,0	5,0	30,0
	1985	23,1	1,4	1,0	2,0	1,8	25,8	5,5	12,1	36,6	24,3	5,1	34,1
	1990	20,8	1,9	2,1	4,8	1,7	24,0	8,9	16,7	38,8	28,1	6,0	27,1
	1992	17,1	2,7	3,2	4,2	6,7	20,8	14,2	25,5	43,5	27,1	5,4	24,1
ALC	1980	31,4	0,9	1,5	3,0	2,3	35,1	6,7	15,7	49,9	22,1	4,7	23,3
	1985	39,3	0,6	0,8	1,7	1,3	42,0	3,7	10,5	51,9	21,3	5,3	21,5
	1990	39,3	1,0	1,3	2,9	1,1	41,8	5,0	12,7	53,5	21,1	5,8	19,6
	1992	42,8	1,4	1,6	2,5	3,0	46,7	6,9	16,0	61,3	18,3	4,6	15,7
Hemisf. Ocidental	1980	18,4	4,3	0,7	2,1	1,3	32,7	3,8	14,2	42,5	21,1	7,6	28,8
	1985	26,4	3,7	0,4	1,3	0,5	42,5	2,0	10,0	48,8	17,2	8,0	25,9
	1990	22,4	4,7	0,5	1,4	0,4	40,3	2,1	10,6	46,1	19,1	9,8	25,0
	1992	22,8	6,0	0,7	1,4	1,1	41,7	2,8	13,4	49,2	17,6	8,4	24,9
EUR-12	1980	5,8	0,5	0,1	0,6	0,5	7,1	1,2	2,8	9,4	46,4	1,9	43,2
	1985	10,4	0,3	0,1	0,3	0,2	11,9	0,6	1,8	13,4	46,4	1,3	39,0
	1990	7,3	0,4	0,1	0,4	0,1	8,6	0,5	1,5	9,7	52,1	2,2	36,0
	1992	6,8	0,5	0,1	0,3	0,3	8,1	0,6	1,8	9,4	52,4	1,9	36,3
Japão	1980	24,5	0,9	0,4	0,9	0,8	27,3	1,7	5,2	31,5	12,9	-	55,6
	1985	37,6	0,6	0,1	0,4	0,1	40,8	0,5	2,2	42,4	11,1	-	46,6
	1990	31,7	0,8	0,2	0,4	0,1	34,8	0,6	2,1	36,1	17,4	-	46,5
	1992	28,5	1,1	0,3	0,3	0,2	31,7	0,6	2,9	33,4	17,1	-	49,5

as exportações e importações aos parceiros em termos de percentagem da exportação e importação total. As economias latino-americanas dependem dos países do hemisfério para compra a maior parte de seus produtos. Essa dependência está enfocada sobre os Estados Unidos, destino da maioria das exportações da América Latina. Desta, 53,5% permanecem no continente, indo a maior parcela (39,3%) para os Estados Unidos. O México, do qual 75,7% da exportação permanecem na região, envia 69,3% do total para os Estados Unidos. A dependência é bastante unilateral, no entanto, já que a maioria da exportação dos Estados Unidos destina-se para fora do hemisfério. E, embora a faixa expressiva de 33,9% da exportação dos Estados Unidos permaneça no hemisfério ocidental, 85% desta faixa vão para o Canadá e o México, os dois países do NAFTA que são também, respectivamente, o primeiro e o terceiro maior parceiro comercial dos Estados Unidos.

A tabela 3, exportações de parceiros em termos de percentagem do total de exportações, retrata a mesma assimetria na interdependência, embora em níveis mais baixos. Com exceção do México, todos os países e blocos latino-americanos listados mostram mais altas percentagens de importações da América Latina do que de exportações para a América Latina. Tanto o Chile quanto a Argentina importam percentagens mais significativas da comunidade latino-americana do que os Estados Unidos. O Brasil e a Argentina mostram percentagens de importações mútuas relativamente altas, embora assimétricas. O Brasil recebe 6,7% de sua importação da Argentina, e esta, por sua vez, obtém do Brasil 17,6% de sua importação.

As tabelas 4 e 5 traçam as tendências, em percentagens, de importação e exportação a parceiros de 1980 a 1992. É interessante notar o efeito da crise da dívida e a subsequente recuperação sobre as carteiras de exportação no hemisfério. Não surpreende o fato de o efeito inicial da crise de endividamento no início da década de 1980 ter trazido consequências nocivas ao comércio dentro da América Latina, enquanto gerava um impulso nas exportações para os Estados Unidos, e, em menor escala, para outras partes do mundo. Os números referentes ao período entre 1985 e 1992 mostram uma recuperação do comércio dentro da América Latina, assim como uma continuada concentração nas exportações para os Estados Unidos.

O comércio dentro dos blocos comerciais listados (NAFTA, Mercosul e a Comunidade Européia) aumentou no decorrer da última década.

TABELA 4
IMPORTAÇÃO EM 1990 DE PARCEIROS EM PERCENTAGEM
DA IMPORTAÇÃO TOTAL (MILHÕES DE US\$)

IMPORTADOR	TOTAL	PARCEIROS											
		EUA	MÉXICO	CHILE	BRASIL	ARGENTINA	NAFTA	MERCOSUL	ALC	HEMISF Ocid	EUR-12	JAPÃO	RESTO DO MUNDO
EUA	517020	-	6,0	0,3	1,7	0,3	24,1	2,1	12,7	30,9	17,6	18,0	33,6
México	33016	66,1	-	0,1	1,2	1,0	67,4	2,4	3,6	71,1	14,5	4,3	10,1
Chile	7301	18,8	1,4	-	7,7	6,9	23,3	15,4	23,7	45,6	20,0	7,8	26,7
Brasil	22642	19,9	0,9	2,3	-	6,7	22,9	10,8	17,0	39,1	20,1	7,1	33,8
Argentina	4078	21,5	2,8	2,7	17,6	-	24,9	21,5	34,4	56,5	24,5	3,3	15,7
NAFTA	681685	15,3	4,8	0,3	1,4	0,3	33,9	1,8	10,4	39,6	16,1	15,2	29,1
Mercosul	29231	19,5	1,2	2,3	4,3	6,5	22,5	14,6	21,7	43,0	20,4	6,8	29,8
ALC	101286	40,7	1,4	1,1	3,3	3,4	44,1	8,0	15,8	58,5	17,5	5,8	18,2
Hemisf. Occidental	749955	16,5	4,5	0,4	1,7	0,7	33,8	2,6	11,4	40,8	16,4	14,4	28,5
EUR-12	1408260	7,1	0,3	0,2	0,8	0,3	8,2	1,2	2,2	10,1	45,6	4,1	40,2
Japão	235307	22,5	0,8	0,7	1,4	0,2	26,9	1,6	3,8	29,9	14,3	-	55,8

FONTE: FMI

NOTA: EUR-12 não inclui a Bélgica-Luxemburgo.

TABELA 5
 IMPORTAÇÃO DE PARCEIROS EM PORCENTAGEM DA IMPORTAÇÃO TOTAL
 ANOS SELECIONADOS (MILHÕES DE U\$S)

IMPORTADOR		PARCEIROS											
		EUA	MEXICO	CHILE	BRASIL	ARGENTINA	NAFTA	MERCOSUL	ALC	HEMISF OCID	EUR-12	JAPÃO	RESTO DO MUNDO
EUA	1980	-	5,0	0,2	1,6	0,3	21,3	1,9	13,3	29,7	14,8	12,8	42,7
	1985	-	5,4	0,2	2,3	0,3	24,6	2,7	13,0	32,2	18,8	10,0	29,0
	1990	-	6,0	0,3	1,7	0,3	24,2	2,1	12,7	30,9	17,6	18,0	33,6
	1992	-	6,5	0,3	1,5	0,2	24,8	1,8	12,6	31,0	16,7	18,0	34,6
México	1980	61,6	-	0,3	2,4	0,6	63,4	3,0	4,0	67,4	14,1	5,1	13,4
	1985	66,6	-	0,4	1,5	2,0	68,4	3,6	4,5	72,8	12,3	5,4	9,5
	1990	66,1	-	0,1	1,2	1,0	67,4	2,4	3,6	71,1	14,5	4,3	10,1
	1992	62,8	-	0,2	2,3	0,5	65,0	2,9	4,5	69,5	14,2	6,3	10,0
Chile	1980	28,6	0,6	-	7,7	3,1	30,6	11,3	22,7	52,7	19,3	7,2	20,8
	1985	21,3	0,5	-	8,1	3,4	23,7	12,5	25,5	48,6	18,5	6,1	26,7
	1990	18,8	1,4	-	7,7	6,9	23,3	15,4	23,7	45,6	20,0	7,8	26,7
	1992	17,0	1,5	-	8,5	5,4	19,9	14,9	20,8	39,2	15,1	8,3	37,5
Brasil	1980	18,6	1,9	1,8	-	3,4	24,4	4,6	1,8	34,3	15,8	4,8	45,2
	1985	19,7	2,9	1,6	-	3,4	25,7	5,0	12,1	34,9	14,1	4,3	46,8
	1990	19,9	0,9	2,3	-	6,7	22,9	10,8	17,0	39,1	20,1	7,1	33,8
	1992	24,5	1,7	2,3	-	8,4	28,5	10,9	17,9	44,7	21,3	5,6	28,4
Argentina	1980	22,6	0,7	2,4	10,2	-	24,3	12,4	20,4	44,0	28,2	9,3	18,5
	1985	18,2	1,6	2,2	16,0	-	20,7	18,3	34,1	53,3	26,1	7,0	13,7
	1990	21,5	2,8	2,7	17,6	-	24,9	21,5	34,4	56,5	24,5	3,3	15,7
	1992	21,7	1,4	4,3	22,5	-	23,5	25,3	33,5	55,7	22,1	4,7	17,5

TABELA 5 (continuação)

NAFTA	1980	16,7	3,8	0,2	1,4	0,3	32,8	1,7	11,2	40,2	13,4	10,6	35,8
	1985	15,0	4,4	0,2	1,9	0,3	34,4	2,4	11,0	41,0	16,9	16,9	25,2
	1990	15,3	4,8	0,3	1,4	0,3	33,9	1,8	10,4	39,6	16,1	5,2	29,1
	1992	16,2	5,2	0,3	1,3	0,2	35,2	1,6	10,3	40,3	15,1	15,2	29,4
Mercosul	1980	19,2	1,5	2,0	4,0	3,0	23,6	8,5	15,9	38,0	19,4	6,1	36,6
	1985	18,7	2,5	1,7	4,7	3,4	23,7	9,8	18,3	39,5	16,6	4,7	39,1
	1990	19,5	1,2	2,3	4,3	6,5	22,5	14,6	21,7	43,0	20,4	6,8	29,8
	1992	22,4	1,5	3,1	10,6	5,9	25,3	19,0	26,3	50,1	21,1	5,4	23,3
ALC	1980	35,2	1,0	1,1	3,1	1,8	38,9	5,5	14,2	52,1	17,6	6,6	23,7
	1985	38,1	2,1	0,9	3,7	2,7	42,7	7,0	16,7	57,3	16,3	6,1	20,2
	1990	40,7	1,4	1,1	3,3	3,4	44,1	8,0	15,8	58,5	17,5	5,8	18,2
	1992	42,5	1,4	1,2	5,4	2,8	45,8	9,1	16,4	60,7	16,6	6,6	16,1
Hemisf. Occidental	1980	18,9	3,3	0,4	1,7	0,6	32,9	2,5	12,2	41,7	14,3	10,0	34,0
	1985	16,4	4,3	0,3	2,2	0,6	34,5	3,0	11,9	42,1	16,9	15,9	25,1
	1990	16,5	4,5	0,4	1,7	0,7	33,8	2,6	11,4	40,8	16,4	14,4	28,5
	1992	17,9	4,8	0,4	2,0	0,7	35,1	2,9	11,8	42,1	15,5	14,2	28,2
EUR-12	1980	8,0	0,4	0,2	0,8	0,4	9,5	1,3	3,0	12,1	38,2	2,4	47,2
	1985	7,6	0,6	0,2	1,1	0,4	9,0	1,5	3,4	11,7	41,4	3,3	43,6
	1990	7,1	0,3	0,2	0,8	0,3	8,2	1,2	2,2	10,1	45,6	4,1	40,2
	1992	7,0	0,2	0,2	0,7	0,3	7,9	1,0	2,8	9,7	46,4	4,4	39,5
Japão	1980	17,4	0,7	0,5	1,1	0,2	21,4	1,3	3,7	24,4	5,6	-	69,9
	1985	20,0	1,4	0,4	1,4	0,3	25,1	1,8	4,4	28,1	6,8	-	65,1
	1990	22,5	0,8	0,7	1,4	0,2	26,9	1,6	3,8	29,9	14,3	-	55,8
	1992	22,6	0,5	0,8	1,2	0,2	26,5	1,5	3,3	29,2	12,9	-	57,8

FONTE: FMI.

NOTA: EUR-12 não inclui a Bélgica-Luxemburgo.

As exportações latino-americanas para os Estados Unidos e para a América Latina representam agora uma percentagem maior do que em 1980, enquanto que a fatia de exportações para a Europa e o Japão caíram abaixo dos níveis de 1980. Os níveis do comércio intra-Mercosul mais do que duplicaram de 1980 para 1992. A medida que os blocos comerciais e os acordos tornam-se mais importantes na ordem econômica mundial e emergente, o medo da exclusão torna-se um outro fator a motivar a mudança de política na América Latina em favor das alianças comerciais.

O mercado de exportação do México tornou-se o mais concentrado nos Estados Unidos, crescendo de 64,7% em 1980 para 76,3% em 1992. Após a queda inicial no começo da década de 1980, o Brasil e a Argentina aumentaram seus níveis de exportação para dentro da América Latina, principalmente como resultado do Mercosul. Ao mesmo tempo em que diversificavam dramaticamente seus parceiros de exportação global no início da década de 1980, tanto o Brasil quanto a Argentina reverteram de forma igualmente dramática sua diversificação, ao passo que o comércio recuperava-se no hemisfério ocidental. O Chile, em contrapartida, continuou a diversificar sua exportação para o resto do mundo, enquanto diminuía dramaticamente sua dependência dos mercados latino-americanos. A exportação para o México caiu de 1,4% para 0,7%, para o Brasil, de 9,6% para 4,5%, e para a Argentina, de 6,0% para 4,6%. Ao mesmo tempo, as percentagens da exportação para os Estados Unidos, para o Japão e o resto do mundo cresceram na ordem de quatro a cinco por cento.

Os números referentes à exportação no período mais recente (de 1990 a 1992) mostram um crescimento substancial no comércio dentro da comunidade latino-americana. Entre 1990 e 1992, a comunidade latino-americana substituiu os Estados Unidos como o maior parceiro de exportação do Brasil e do Chile. A ALC já era o maior parceiro de exportação da Argentina e do Mercosul. Com exceção do México, a comunidade latino-americana como um todo vem se tornando um mercado para a exportação latino-americana mais importante do que os Estados Unidos. Quando o México é excluído dos números referentes à exportação da ALC, a exportação para os Estados Unidos cai de 42,8% do total para 28,5%, com um aumento correspondente em comércio dentro da ALC.

A assimetria na dependência comercial entre norte e sul, no entanto, parece vir diminuindo, comparando-se com a década 1980. A medida que tomam corpo as reformas econômicas na América Latina, e que se

satisfaz a demanda reprimida de importação, a ALC está se tornando o mercado de mais rápido crescimento para a exportação dos Estados Unidos. Em 1992, a exportação latino-americana representava um sexto do aumento total da exportação dos Estados Unidos.

Os incrementos da exportação dos Estados Unidos para a América Latina, no entanto, também significaram a volta dos déficits comerciais latino-americanos com os Estados Unidos. As mudanças nas importações de 1980 a 1992 mostrada na tabela 5 são aproximadamente paralelas às mudanças nas exportações durante o mesmo período. Os laços entre México e Estados Unidos foram fortalecidos às expensas de relacionamento com a comunidade latino-americana. Do total das importações dos Estados Unidos, a percentagem mexicana aumentou de 5,0 para 6,5, enquanto que a da comunidade latino-americana como um todo decresceu de 13,3 para 12,6. Mais uma vez, o Brasil e a Argentina dão mostra de fortes níveis de crescimento. De 1980 a 1992, a percentagem argentina da importação total brasileira aumentou de 3,4 para 8,4, e a Argentina passou a importar do Brasil 22,5% do seu total de importações, contra os 10,2 anteriores. Isso constituiu grande parcela do aumento das importações intra-Mercosul, de 15,9% para 26,3%. Embora as percentagens de importação do Brasil, da Argentina e do México tenham-se elevado, o Chile diminuiu significativamente seus níveis de importação dos Estados Unidos, da comunidade latino-americana e do EUR-12, aumentando as percentagens referentes ao Japão e ao resto do mundo.

A comparação das carteiras de importação de 1990 e 1992, no entanto, não revela um aumento tão dramático ou consistente no comércio intra-ALC como o fazem as carteiras de exportação. Na realidade, a percentagem das importações para a Argentina oriundas da América Latina de fato declinou no decorrer desses dois anos. Uma das razões para a ausência de crescimento recente nas percentagens de importação intra-América Latina é o fato de que, embora a importação intra-ALC tenha declinado em termos reais durante a crise da dívida, a composição dos parceiros de importação não mudou tanto quanto a dos parceiros de exportação.

Este padrão do comércio no hemisfério deve ser encarado dentro do contexto de uma estrutura setorial de PIB e emprego muito heterogênea (tabela 6). Das economias listadas, aquela de mais alta renda, os Estados Unidos, passou de uma economia de base agrícola para uma economia de base industrial e para seu *status* atual de economia de serviços. O México, o Chile, a Argentina e o Brasil têm, cada um deles, um grande

TABELA 6
ESTRUTURA SETORIAL, SOLUÇÃO-BASE
(PERCENTAGEM DO PIB REAL/EMPREGO)

COMMODITY	PIB REAL					EMPREGO				
	EUA	MÉXICO	CHILE	BRASIL	ARGENTINA	EUA	MÉXICO	CHILE	BRASIL	ARGENTINA
Grãos	0,0	0,7	0,9	1,8	2,4	0,0	10,4	1,7	5,6	5,3
Colheitas programadas	0,5	1,1	1,8	1,3	2,6	0,4	3,2	0,2	4,3	3,9
Frutas/hortaliças	0,2	1,1	2,7	2,5	1,9	0,4	3,2	1,0	3,2	0,4
Outras agriculturas	0,8	5,1	5,1	4,5	4,5	1,4	10,9	16,5	9,7	2,3
SUBTOTAL AG.	1,5	8,0	10,5	10,1	1,4	2,2	27,7	19,4	22,8	11,9
Alimentos processados	1,7	6,2	7,3	3,5	4,7	1,5	1,0	5,5	2,3	5,9
Outros manufaturados leves	4,5	5,5	7,5	6,9	8,3	5,1	0,7	6,4	6,1	9,7
Petróleo e refinamento	2,2	2,9	5,0	4,4	7,7	0,5	0,6	0,2	0,4	1,2
Intermediários	5,6	8,2	4,7	9,9	3,5	4,5	6,6	4,0	2,4	2,6
Duráveis de consumo	1,9	2,5	0,4	2,2	2,1	1,7	1,0	0,2	0,6	1,8
Bens de capital	5,2	3,4	1,7	4,2	6,7	4,9	1,4	2,8	4,7	3,4
SUBTOTAL IND.	21,1	28,7	36,6	31,1	33,0	25,3	11,3	19,1	16,5	24,3
Serviços	77,4	63,3	52,9	58,5	55,7	79,6	61,0	61,5	60,6	63,8
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTE: Matrizes de Contabilidade Social dos autores, 1990.

setor industrial com relação à agricultura, com aproximadamente um terço do produto originário da indústria e um décimo da agricultura. As disparidades entre a percentagem de produto e a percentagem de emprego em um setor são, com frequência, um sinal de deficiências na produtividade. Os Estados Unidos e a Argentina, exportadores agrícolas relativamente mais produtivos, exibem as mais baixas disparidades entre a percentagem de trabalhadores e a percentagem do PIB na agricultura. O Chile é relativamente menos produtivo na agricultura, com sua fatia de emprego 8,9% maior do que a fatia da agricultura no produto. A baixa produtividade na agricultura é evidente no Brasil, com uma disparidade entre produto e emprego de 12,7%, e finalmente no México, com uma disparidade de 19,7%. Estas são as áreas de cada economia que devem ser mais afetadas pela liberalização do comércio.

A tabela 7 exibe o percentual das tarifas básicas dos países usado no modelo NASAFITA, demonstrando até que ponto cada economia protegeu diferencialmente sua produção interna no fim da década de 1980. Os Estados Unidos, o México e o Brasil colocam, cada um, seu mais alto percentual tarifário sobre as importações de milho e grãos. A tarifa do México sobre o milho, 45%, é a mais alta aplicada sobre qualquer setor agrícola em qualquer dos países listados. O Chile busca proteger igualmente o milho nacional e as colheitas programadas, aplicando tarifas de 21,3% a ambos os setores. As mais altas tarifas na Argentina são sobre colheitas programadas e outros setores agrícolas, 15,7 e 15,8%, respectivamente, embora o milho e as frutas e hortaliças tenham também tarifas bastante significativas.

Com exceção do México, as tarifas nos setores industriais são ainda mais altas. O México e os Estados Unidos têm as taxas mais baixas com referência aos outros três países, mas os Estados Unidos aplicam uma significativa tarifa de 27,9% sobre as importações para alimentos processados vindas do Chile, do Brasil e da Argentina. Além do mais, as tarifas do Chile sobre produtos industrializados são mais altas do que aquelas dos Estados Unidos e do México, com suas mais altas tarifas sobre alimentos processados e petróleo. Tanto o Brasil quanto a Argentina têm grande potencial para uma reforma tarifária em todos os setores de manufaturados, especialmente bens de consumo duráveis, que têm taxas de proteção de 32,9% e 36,7%, respectivamente. O produto mais bem protegido da região, em termos de tarifas, é o petróleo brasileiro. A importação é taxada a 49,5%.

TABLETA 7
LAXAS MEDIAS DE PROTEÇÃO EM PERCENTAGEM
(MEDIDAS TARIFARIAS E NÃO-TARIFARIAS)

SETOR	EUA	MÉXICO	CHILE	BRASIL	ARGENTINA	RESTO DO MUNDO
Tarifas dos EUA para:						
Grãos	-	18,0	11,9	11,9	11,9	11,9
Agprog	-	0,7	1,5	1,5	1,5	1,5
Hortifr	-	10,5	3,1	3,1	3,1	3,1
Outrag	-	8,4	9,2	9,2	9,2	9,2
Alim	-	10,8	27,9	27,9	27,9	27,9
Indlev	-	7,1	13,7	13,7	13,7	13,7
Petr	-	0,5	1,2	1,2	1,2	1,2
Intern	-	1,7	11,0	11,0	11,0	11,0
Cdurav	-	2,4	2,3	2,3	2,3	2,3
Benscap	-	2,4	2,4	2,4	2,4	2,4
Serv	-	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Tarifas do México para:						
Grãos	45,0	-	45,0	45,0	45,0	45,0
Agprog	12,9	-	14,2	14,2	14,2	14,2
Hortifr	12,5	-	11,9	11,9	11,9	11,9
Outrag	8,9	-	11,6	11,6	11,6	11,6
Alim	8,2	-	12,8	12,8	12,8	12,8
Indlev	8,1	-	10,1	10,1	10,1	10,1
Petr	8,8	-	8,3	8,3	8,3	8,3
Intern	8,0	-	8,8	8,8	8,8	8,8
Cdurav	12,0	-	10,0	10,0	10,0	10,0
Benscap	12,7	-	11,6	11,6	11,6	11,6
Serv	0,0	-	0,0	0,0	0,0	0,0
Tarifas do Chile para:						
Grãos	21,3	21,3	-	21,3	21,3	21,3
Agprog	21,3	21,3	-	21,3	21,3	21,3
Hortifr	8,1	8,1	-	8,1	8,1	8,1
Outrag	14,7	14,7	-	14,7	14,7	14,7
Alim	19,6	19,6	-	19,6	19,6	19,6

TABLETA 7 (continuação)

SETOR	EUA	MÉXICO	CHILE	BRASIL	ARGENTINA	RESTO DO MUNDO
Tarifas do Brasil para:						
Indlev	15,6	15,6	-	15,6	15,6	15,6
Petr	21,5	21,5	-	21,5	21,5	21,5
Intern	15,9	15,9	-	15,9	15,9	15,9
Cdurav	16,7	16,7	-	16,7	16,7	16,7
Benscap	15,8	15,8	-	15,8	15,8	15,8
Serv	0,0	0,0	-	0,0	0,0	0,0
Tarifas da Argentina para:						
Grãos	11,1	11,1	11,1	11,1	-	11,1
Agprog	15,7	15,7	15,7	15,7	-	15,7
Hortifr	11,2	11,2	11,2	11,2	-	11,2
Outrag	15,8	15,8	15,8	15,8	-	15,8
Alim	15,4	15,4	15,4	15,4	-	15,4
Indlev	22,8	22,8	22,8	22,8	-	22,8
Petr	6,1	6,1	6,1	6,1	-	6,1
Intern	15,2	15,2	15,2	15,2	-	15,2
Cdurav	36,9	36,9	36,9	36,9	-	36,9
Benscap	19,3	19,3	19,3	19,3	-	19,3
Serv	0,0	0,0	0,0	0,0	-	0,0

FONTE: UNCTAD: GATT.

NOTA: Dados do Chile para 1991; EUA, Brasil e México para 1990; Argentina para 1985-1987.

TABELA 8
EXPORTAÇÃO DE PARCEIRO EM 1990 POR SETOR
COMO PERCENTAGEM DO TOTAL DA EXPORTAÇÃO DO PARCEIRO

EXPORTAÇÃO PARA DE	EUA					MÉXICO					CHILE				
	México	Chile	Brasil	Argentina	Mundo	EUA	Chile	Brasil	Argentina	Mundo	EUA	México	Brasil	Argentina	Mundo
Grãos	0,0	0,5	0,0	0,2	0,0	1,7	0,0	0,0	0,0	0,0	1,2	0,0	0,0	0,7	0,4
Colheitas programadas	0,0	1,3	6,5	3,4	1,5	4,7	0,0	2,3	23,3	0,2	0,7	0,0	2,7	0,0	0,0
Frutas/hortaliças	3,8	26,1	1,2	1,5	0,3	0,1	40,0	1,4	18,9	3,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,3
Outros produtos agrícolas	6,1	7,3	2,5	16,9	1,4	2,1	3,4	0,8	1,3	5,3	1,1	2,0	2,1	12,5	2,3
Alimentos processados	3,6	7,0	14,5	21,3	2,4	7,5	28,8	6,0	4,3	4,4	0,4	1,0	2,1	3,0	1,5
Manufaturados leves	9,3	16,4	26,6	12,9	15,4	7,1	5,0	12,1	5,3	8,5	15,3	17,8	19,0	19,3	14,2
Petróleo e derivados	19,8	0,3	6,5	22,2	11,6	7,9	0,0	0,9	23,6	17,4	1,5	8,9	0,0	22,3	14,5
Intermediários	19,7	7,3	12,7	9,9	12,9	21,3	22,0	44,5	6,6	20,2	21,9	18,8	16,3	17,6	17,0
Duráveis de consumo	21,8	0,0	4,7	1,9	28,8	16,5	0,0	10,0	1,0	22,2	5,6	32,7	17,7	2,0	7,3
Bens de capital	16,0	33,7	24,7	9,7	25,7	31,8	1,7	22,2	5,6	19,0	52,1	18,8	40,1	2,5	42,2
Serviços	19,2	n.a.	n.a.	n.a.	2,2	29,5	n.a.	n.a.	n.a.	17,5	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	26,0
Total	100	100*	100*	100*	100	100	100*	100*	100*	100	100*	100*	100*	100*	100

TABELA 8 (continuação)

EXPORTAÇÃO PARA DE	BRASIL					ARGENTINA					MUNDO				
	EUA	México	Chile	Argentina	Mundo	EUA	México	Chile	Brasil	Mundo	EUA	México	Chile	Brasil	Argentina
Grãos	1,0	0,0	0,0	6,6	1,2	0,2	0,0	0,9	0,0	0,0	0,0	0,0	0,2	0,0	11,2
Colheitas programadas	0,4	0,5	0,4	0,4	0,3	0,9	0,0	2,6	1,1	1,0	4,6	0,1	0,7	8,6	8,3
Frutas/hortaliças	0,3	1,6	11,7	11,9	1,4	0,1	0,0	6,1	0,7	0,7	0,5	4,3	9,0	0,6	3,3
Outros produtos agrícolas	1,8	1,0	1,2	13,5	5,0	0,6	0,0	7,0	0,3	0,9	0,5	5,5	5,2	6,1	20,4
Alimentos processados	2,4	0,5	6,0	30,5	4,5	0,3	1,6	3,5	1,5	0,6	4,0	5,2	8,8	15,1	17,4
Manufaturados leves	10,6	9,5	17,0	10,5	8,3	13,9	29,6	21,1	5,9	9,8	9,7	8,6	16,4	16,7	10,0
Petróleo e derivados	0,9	1,6	0,0	0,9	23,2	0,7	0,0	0,0	0,6	4,5	3,7	14,6	0,5	2,1	7,8
Intermediários	28,1	56,8	47,2	10,0	22,2	31,4	48,0	12,3	18,4	23,4	19,3	17,6	15,0	24,5	5,2
Duráveis de consumo	1,5	2,1	0,0	3,6	1,9	10,0	4,8	10,5	54,3	31,2	14,0	26,8	0,2	5,1	1,5
Bens de capital	53,0	26,3	16,4	12,2	31,9	42,2	16,0	36,0	17,1	27,8	43,9	17,2	42,7	20,7	14,0
Serviços	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	13,2	27,6	30,3	17,1	n.a.	15,7
Total	100*	100*	100*	100*	100*	100*	100*	100*	100*	100	100	100	100	100*	100

*Os totais podem exceder a 100% em alguns casos, porque as porcentagens nos setores não-serviços são calculadas com base no comércio apenas de mercadorias.
FONTE: BID/INTAL.

Como indicam os números na tabela 7, os benefícios a curto prazo sobre a exportação trazidos pela liberalização do comércio devem ser percebidos principalmente pelos Estados Unidos. No momento, a maior parte da exportação latino-americana consiste em produtos agrícolas e recursos naturais, setores que não têm tarifas significativas nos Estados Unidos. Apenas 18% da exportação da ALC defronta-se com tarifas iguais ou superiores a 5%, sendo que apenas a 8% aplica-se esta tarifa acrescida de barreiras não-tarifárias. Nos Estados Unidos, entretanto, as tarifas e as barreiras não-tarifárias sobre manufaturados são mais altas. Devido às diferenças na competitividade do mercado, quase toda a exportação latino-americana é vulnerável a sobretaxas *antidumping* por parte dos Estados Unidos, sobretaxas que os países latino-americanos não têm poder para defenderem legalmente (Naim, 1994).

Os resultados dos cenários de liberalização comercial do modelo NASAF-TA-CGJ tendem a refletir esta estrutura de proteção bilateral assim como o comércio setorial. A tabela 8 lista a exportação para cada país por parceiro comercial, e pela percentagem setorial do total da exportação enviada por aquele parceiro comercial. Pelo fato de não estarem disponíveis dados sobre o comércio no setor de serviços relativos a todos os países, os serviços não foram incluídos nos cálculos dos percentuais.

Os Estados Unidos, assim como os demais países listados, adquirem dos países do hemisfério uma quantidade maior de bens industrializados do que de bens agrícolas. O Brasil e o México exportam um percentual mais elevado de bens não-agrícolas para os Estados Unidos do que o fazem o Chile e a Argentina. Mais de 84% da exportação do México e 78% da exportação do Brasil para os Estados Unidos pertencem ao setor não-agrícola. Do total de exportações enviadas pelo Chile para os Estados Unidos, 26,1% foram frutas e hortaliças. Ainda assim, a maior parte das exportações do Chile para os Estados Unidos pertenceu aos setores industriais, especialmente manufaturados leves e bens de capital.

Também o México adquire quantidades relativamente pequenas de produtos agrícolas dos países do hemisfério, embora importe percentagens proporcionalmente maiores do que os Estados Unidos. A maior parte da exportação da Argentina para o México, 53,5%, está na agricultura. O Chile exporta 40,0% somente em frutas e hortaliças. A parte principal da exportação industrial enviada ao México está no setor intermediário. Do

total da exportação brasileira, 44,5% situam-se neste setor. O México também compra uma grande quantidade de bens de capital. Os Estados Unidos, que são o maior parceiro comercial do México, vendem mais produtos de exportação sob forma de serviços do que em qualquer outro setor.

O Chile, importante exportador de produtos agrícolas e de alimentos processados na região, praticamente não importa produtos nesses setores. Nos setores industriais, o Chile importa em proporções relativamente iguais produtos manufaturados leves e do setor intermediário dos países listados, dependendo intensamente da Argentina, quanto ao petróleo, e do México, no que se refere aos bens de consumo duráveis. Grande parte da exportação enviada ao Chile situa-se no setor de bens de capital, especialmente no caso dos Estados Unidos, com 52,1% da exportação para o Chile neste setor, e do Brasil, com 40,1%.

No total, o Brasil compra muito pouco da região em termos de produtos agrícolas, embora 35,4% dos produtos vindos da Argentina sejam deste setor. A importação brasileira está intensamente concentrada no setor intermediário e no de bens de capital. Da exportação total vendida pelos Estados Unidos, 81,1% estão em um desses dois setores. Da mesma forma, 83,1% da exportação mexicana, 63,6% da chilena e 54,1% da exportação mundial estão nesses dois setores. A composição da exportação da Argentina para o Brasil é muito diferente, entretanto, com 65,9% em um dos setores referentes à alimentação.

A Argentina, também, não compra praticamente nada em termos de produtos agrícolas, se bem que 16,6% da exportação, chilena para a Argentina caíam nessa categoria. Naquele país, todo o mercado de importação é dominado por uns poucos setores nos quais se concentra a maior parte da exportação dos parceiros, sendo cada setor dominado por uns poucos parceiros. O Brasil é o maior parceiro comercial da Argentina no hemisfério, e exporta uma proporção muito maior de bens de consumo duráveis em bases bilaterais (54,3%) do que qualquer um dos países listados. O México vende a maior percentagem de sua exportação tanto no setor de manufaturados leves (29,6%) quanto no setor intermediário (48,0%). Os Estados Unidos também vendem uma proporção significativa de intermediários, mas o seu maior setor é o de bens de capital, no qual vende uma percentagem de exportação maior do que qualquer outro país. Os bens de capital formam também o maior setor do Chile, mas,

sendo a carteira chilena de exportações para a Argentina mais diversificada do que as dos demais países, não domina qualquer setor em termos de proporção da exportação.

No total, os países listados exportam proporções mais elevadas no setor agrícola para o resto do mundo do que o fazem entre si. Não surpreende, então, o fato de a composição para o mundo ser mais diversificada. Ainda assim, notam-se altas concentrações, tanto no setor de bens de capital quanto no de serviços, dois setores que, com certeza, crescerão ainda mais dentro da nova e altamente integrada economia global.

CENÁRIOS ECONÔMICOS ALTERNATIVOS DA INTEGRAÇÃO NO HEMISFÉRIO

OS MODELOS NASAFITA-CGE

No presente estudo, a integração regional do hemisfério ocidental é analisada através de um modelo de equilíbrio geral computável (CGE). O modelo CGE que desenvolvemos para a Área de Livre Comércio Norte-Americana/Sul-Americana (NASAFITA) está dentro da tradição de recentes modelos CGE multipaíses desenvolvidos para analisar o impacto da Rodada Uruguai de negociações do GATT⁶ e, mais recentemente, sobre o impacto do Acordo Norte-Americano de Livre Comércio e sua possível incorporação da América Central e do Caribe.⁷

O modelo NASAFITA-CGE desenvolvido neste artigo consiste em um modelo de 11 setores de cinco países que se constrói sobre a estrutura CGE multirregional desenvolvida por Hinojosa-Ojeda, Lewis e Robin-

6. Estes modelos, por sua vez, foram constituídos a partir de modelos multipaíses desenvolvidos para analisar o impacto da Rodada Tóquio das negociações do GATT, em particular o modelo CGE multipaíses desenvolvido por Whalley (1985). A nossa parte do modelo WALKRAS desenvolvido na OECD para analisar o impacto das negociações do GATT estão em curso nos principais países da OECD detalhado em OECD (1990).
7. Ver Hinojosa e Robinson (1992), Brown (1992), e Schoepfle (1993) para uma revisão dos modelos NAFTA CGE. Ver Hinojosa, Lewis, e Robinson (1994) para o modelo GNAFTA-CGE.

son (1994), Hinojosa-Ojeda e Robinson (1991) e Hinojosa-Ojeda, Robinson e Wolff (1992). Cada modelo CGE sub-regional ou de país segue estritamente o que já se tornou uma especificação teórica padrão para modelos CGE focalizados no comércio.⁸ Conforme Hinojosa-Ojeda, Lewis e Robinson (1994), nosso modelo NASAFITA-CGE consiste em um modelo de equilíbrio geral de 11 setores e seis regiões, composto de cinco modelos CGE sub-regionais simples (Argentina, Brasil, Chile, México e os Estados Unidos) interconectados através dos fluxos de comércio e migração. Além dos 11 setores para cada modelo sub-regional, o modelo NASAFITA-CGE tem seis fatores de produção em cada país: terra, capital, mão-de-obra urbana não-especializada, mão-de-obra especializada e trabalhadores de colarinho branco. Para cada setor, o modelo especifica equações de produto-suprimento e insumo-demanda. Como nos modelos anteriores dos autores, há uma simples representação do resto do mundo, que é modelado como um grande fornecedor de produtos importados para cada um dos cinco países do hemisfério ocidental, assim como um demandante de produtos por eles exportados. O resto do mundo é modelado como tendo curvas de demanda de importação agregada descendentes.⁹

O modelo NASAFITA-CGE combina quatro tipos de inovações comparando-se com o tradicional modelo CGE de comércio multipaíses. Em primeiro lugar, na modelagem da demanda de importação, adota-se a especificação do Sistema de Demanda Quase Ideal (AIDS). Isto é porque uma especificação AIDS, em contraposição à função-padrão da elasticidade constante de substituição (CES), permite que as elasticidades de gastos sejam diferentes de um. Em segundo lugar, a fim de capturar os efeitos potenciais de externalidade dinâmica da liberalização do comércio, o modelo NASAFITA-CGE pode incluir equações para gerar externalidades positivas através não só da expansão da exportação como da importação de novos bens de capital. Em terceiro lugar, nosso modelo NASAFITA-CGE contempla tanto as migrações rural e urbana dentro do

8. Robinson (1989) examina os modelos CGE aplicados aos países em desenvolvimento. Shoven e Whalley (1984) examinam modelos de países desenvolvidos. As propriedades teóricas desta família de modelos CGE focalizados no comércio são discutidas em Devarajan, Lewis e Robinson (1990).
9. Ver o Apêndice 3 para análise de sensibilidade sobre as diferentes elasticidades da função de demanda global.

México quanto para os Estados Unidos, a fim de estudar de que forma as condições econômicas daqueles países afetam a migração de mão-de-obra na região. Em quarto lugar, modela as políticas agrícolas dos Estados Unidos e do México para investigar as ligações entre as barreiras comerciais na agricultura e a política social.

Cada modelo 'de país' traça o fluxo circular de renda dos produtores, por meio dos pagamentos aos fatores, para as unidades familiares, o governo e os investidores, voltando finalmente à demanda de bens nos mercados de produtos. Presume-se que os produtores maximizem os lucros, e que os consumidores tenham funções de gasto sensíveis aos preços. Os modelos de países são altamente não-lineares e dão as taxas de equilíbrio dos salários, da terra e do aluguel de capital, os preços das *commodities* e a taxa de câmbio real. Esses preços de solução obtêm um equilíbrio *market-clearing* nos mercados de fatores, nos mercados de produtos e na balança comercial.

Assim como outros modelos CGE, o modelo apenas determina os preços relativos, e o nível de preço absoluto deve ser estabelecido exogenamente. No modelo NASAFITA-CGE, os índices de preços ao consumidor agregados em cada sub-região são estabelecidos exogenamente, definindo o numerário nos dois países. A vantagem desta escolha é que os salários e as rendas de solução estão em termos reais. As taxas de câmbio de solução nas sub-regiões também estão em termos reais, podendo ser vistas como taxas de câmbio de equilíbrio deflacionadas pelo nível de preço (PLD), usando-se como deflatores os índices de preços ao consumidor daquele país.¹⁰

A base de dados do modelo consiste em matrizes de contabilidade social (SAMs) para cada um dos países, incluindo-se dados sobre seus fluxos comerciais.¹¹ A SAM parte de dados insumo-produto multissetoriais, que são expandidos para fornecer informação sobre o fluxo circular de renda dos produtores para os agentes comerciais e destes para as 'instituições', que incluem as unidades familiares, empresas e governo, uma conta de capital e contas comerciais para todos os países parceiros e o resto do mundo. Estas instituições representam os atores econômicos

10. De Melo e Robinson (1989) e Devaraman, Lewis e Robinson (1991) discutem o papel da taxa de câmbio nesta classe de modelo.

11. As Matrizes de Contabilidade Social estão descritas em Pyatt e Round (1985).

cujo comportamento e interações estão descritos no modelo CGE. As estimativas de parâmetro para as funções de produção setoriais, para as funções de gasto dos consumidores, para as funções de agregação da importação e para as funções de transformação da exportação são extraídas de diversas fontes. Os vários parâmetros usados no modelo representam estimativas pontuais para o ano-base (1990), e o modelo foi *benchmarked* de forma a que sua solução de equilíbrio básica reproduza os dados básicos.

Os cinco modelos CGE de país estão conectados através dos fluxos de comércio e de migração. O modelo específica as funções setoriais de exportação-oferta e importação-demanda para cada país, e soluciona um conjunto de preços mundiais que alcança o equilíbrio nos mercados mundiais de *commodities*. Considera-se que a migração entre o México e os Estados Unidos seja uma função dos diferenciais de salários entre os dois países, com a ocorrência de migração internacional dentro das categorias de mão-de-obra rural e urbana não-qualificada. Os níveis de equilíbrio da migração internacional entre México e Estados Unidos são determinados de forma a manter um quociente especificado de salários reais em ambas as categorias de mão-de-obra nos dois países, medidos em uma moeda comum.

DESCRIÇÃO DOS CENÁRIOS

Os cenários apresentados neste estudo foram projetados para avaliar o impacto das vias alternativas da liberalização do comércio entre os países das Américas do Norte e do Sul. Os resultados do cenário mostram o equilíbrio geral estático e os efeitos da externalidade dinâmica da mudança da estrutura de proteção do comércio no hemisfério. Alterando sistematicamente apenas as variáveis da política comercial dos países da região, podemos avaliar os efeitos dos diferentes padrões de proteção sobre a estrutura regional de comércio, o padrão de comércio com o resto do mundo e a estrutura de produção e distribuição de renda para cada país no hemisfério. Para cada cenário alternativo, podemos, então, avaliar os impactos de uma via de integração diferente sobre todo o padrão de comércio, produção e bem-estar social do hemisfério.

Estes cenários devem ser considerados como experimentos controlados dentro de um modelo, e não como previsões do padrão de cresci-

mento real que pode acompanhar cada uma dessas vias alternativas de integração. O padrão de crescimento real será o resultado de um número muito maior de fatores do que somente da política comercial, especialmente das políticas macroeconômicas e de rendas. O arcabouço da modelagem CCE é usado como um laboratório de simulação para isolar o tamanho do impacto que pode ser atribuído às mudanças em um conjunto selecionado de variáveis de política, no caso, barreiras tarifárias e não-tarifárias. Tanto os experimentos de estática comparativa quanto os de externalidade dinâmica têm o propósito de descrever, portanto, o impacto de diferentes padrões de liberalização comercial "de médio a longo prazo". A dinâmica, aqui, não significa a trajetória verdadeira da transição, mas o efeito cumulativo líquido, no tempo, das externalidades positivas de produtividade que poderiam potencialmente resultar da integração regional.

Para cada cenário alternativo, o modelo gera resultados referentes ao impacto sobre o PIB real, produção, comércio, valor adicionado, salários reais de cada categoria de mão-de-obra assim como sobre as taxas reais de aluguel do capital e da terra. Os impactos do desvio e da criação do comércio serão avaliados através de dados sobre o comércio total, intra-regional e extra-regional. Embora esses cenários tenham sido projetados para avaliar os termos atuais do debate sobre a liberalização do comércio regional, debate este que não inclui a liberalização dos fluxos regionais de mão-de-obra, nós também modelamos o impacto que a liberalização do comércio irá indiretamente exercer sobre alguns padrões regionais de migração (isto é, Estados Unidos e México).

Além dos efeitos estáticos comparativos sobre o padrão da interdependência regional, exploramos também os efeitos potenciais que as externalidades positivas do processo de liberalização e da integração comercial podem ter sobre cada país e sobre a região como um todo. Modelamos especificamente os chamados efeitos "dinâmicos" que foram sabidamente muito importantes em casos anteriores sobre desenvolvimento causado pela exportação, incluindo-se os efeitos sobre a produtividade agregada e setorial do aumento da exportação e das economias de escala assim como a importação de novas tecnologias que aumentam a produtividade via bens de capital.¹²

12. Para modelar os efeitos da externalidade dinâmica, usamos as funções apresentadas em De Melo e Robinson (1992).

A tabela 9 apresenta os cenários alternativos estudados. Os resultados de cada cenário são apresentados com relação a um cenário básico calibrado com a estrutura de proteção pré-liberalização (fim da década de 1980) em toda a região. Para cada cenário, a versão "a" representa os efeitos comparativos da estática enquanto que a versão "b" inclui os efeitos positivos da externalidade comercial sobre o mesmo cenário.

Nos cenários 1 e 2, começamos com uma análise do impacto do NAFTA e do Mercosul enquanto acordos sub-regionais individuais. O cenário 1 apresenta o impacto do NAFTA sobre os Estados Unidos e o México, e também sobre o Brasil, a Argentina (sem o Mercosul), o Chile e o resto do mundo. A experiência baseia-se na eliminação completa de todas as barreiras tarifárias e não-tarifárias somente entre México e Estados Unidos, deixando intacta, em níveis pré-GATT, a estrutura de proteção relativa a todos os demais países e entre eles. O cenário 2 apresenta o impacto do Mercosul sobre o Brasil e a Argentina e também sobre o Chile, o resto do mundo e os Estados Unidos e México *sem o NAFTA*.

Os cenários restantes, de 3 a 20, devem ser considerados como representações das vias alternativas de liberalização que se superpõem cumulativamente ao impacto do NAFTA. Os cenários de 3 a 12 apresentam alternativas de arranjos bilaterais do tipo "centro e raios" que poderiam aparecer após o NAFTA, com os Estados Unidos ou o México surgindo como centro de uma série de FTAs bilaterais. Os cenários 3 e 8 simulam a criação de uma série de FTAs bilaterais com os Estados Unidos, além do NAFTA. Nos cenários 3 e 4, simula-se um hemisfério sem o Mercosul, com um sistema que teria os Estados Unidos como centro, o México como um dos raios via NAFTA e a adição de outros raios através de FTAs bilaterais individuais entre os Estados Unidos e a Argentina ou os Estados Unidos e o Brasil. Os cenários de 5 a 8 simulam um hemisfério pós-Mercosul, com um sistema em que os Estados Unidos são o centro e que inclui o México via NAFTA e FTAs separados com o Brasil, a Argentina e o Chile. De forma alternativa, os cenários 9 e 12 modelam a recente estratégia do México de ser o centro no hemisfério, com os Estados Unidos tornando-se um simples raio via NAFTA ao mesmo tempo em que se adicionam novos raios através de FTAs bilaterais individuais entre o México e o Brasil, a Argentina e/ou o Chile.

Os cenários de 13 a 15 modelam alternativamente a abordagem da adesão ao NAFTA através da outorga multilateral de privilégios de livre

1 ABILTA 9
 DESCRIÇÃO DOS CENÁRIOS
 DO MODELO NASAF-TA-CUT

Nº CENÁRIO	DESCRIÇÃO
I ACORDOS SUB-REGIONAIS	
1 NAFTA	Remove as barreiras tarifárias e não-tarifárias entre os EUA e o México
2 Mercosul	Remove as barreiras tarifárias e não-tarifárias entre o Brasil e a Argentina
II ACORDOS BILATERAIS "CENTRO E RAIOS"	
3 EUA centro com o Brasil - Mercosul	NAFTA mais um FTA EUA-Brasil. Sem Mercosul.
4 EUA centro com a Argentina - Mercosul	NAFTA mais um FTA EUA-Argentina. Sem Mercosul.
5 EUA centro com o Brasil + Mercosul	NAFTA e Mercosul mais um FTA EUA-Brasil.
6 EUA centro com a Argentina + Mercosul	NAFTA e Mercosul mais um FTA EUA-Argentina.
7 EUA centro com o Chile	NAFTA e Mercosul mais um FTA EUA-Chile.
8 EUA centro com o Brasil, a Argentina e o Chile	NAFTA e MERCOSUL mais FTAs separados entre EUA-Argentina, EUA-Brasil e EUA-Chile.
9 México centro com o Brasil	NAFTA mais um FTA México-Brasil.
10 México centro com a Argentina	NAFTA e Mercosul mais um FTA México-Argentina.
11 México centro com o Chile	NAFTA e Mercosul mais um FTA México-Chile.
12 México centro com o Brasil, a Argentina e o Chile	NAFTA e MERCOSUL mais FTAs bilaterais em separado entre México-Brasil, México-Argentina e México-Chile.
III NAFTA COM ADESÕES INDIVIDUAIS	
13 NAFTA com adesão do Brasil = Brasil centro bilateral	NAFTA com adesão do Brasil e o Mercosul, o que é o mesmo que FTAs bilaterais do Brasil com o NAFTA e a Argentina.

TABLE 9 (continued)

14 NAFTA com adesão da Argentina = Argentina centro bilateral	NAFTA com adesão da Argentina e o Mercosul, o que é o mesmo que FTAs bilaterais da Argentina com o NAFTA e o Brasil.
15 NAFTA com adesão do Chile	NAFTA com adesão do Chile e o Mercosul.
IV BILATERAIS "4 + 1" DO MERCOSUL	
16 Mercosul com EUA = EUA centro bilateral	Mercosul e NAFTA mais um FTA Mercosul-EUA, o que é o mesmo que o NAFTA mais FTAs bilaterais dos EUA com o Brasil e a Argentina.
17 Mercosul com México = México centro bilateral	Mercosul e NAFTA mais um FTA Mercosul-México, que é o mesmo que o NAFTA mais FTAs bilaterais do México com o Brasil e a Argentina.
18 Mercosul com Chile	Mercosul e NAFTA mais um FTA Mercosul-Chile.
19 Chile centro com adesões ao NAFTA e ao Mercosul	Adesão do Chile ao Mercosul e ao NAFTA.
V. ÁREA DE LIVRE COMÉRCIO DO HEMISFÉRIO OCIDENTAL	
20 NAFTA + Mercosul + Chile	Remove todas as tarifas entre o NAFTA, o Mercosul e o Chile.

A versão "a" de cada cenário (por exemplo: la inclui apenas efeitos estáticos). A versão "b" (por exemplo: 1b também inclui efeitos de externalidade dinâmicos).

comércio aos novos países-membros. O cenário 13 modela o Brasil aderindo ao NAFTA ao mesmo tempo em que mantém sua posição no Mercosul, enquanto que o cenário 14 modela a Argentina aderindo ao NAFTA. O cenário 15 modela o Chile aderindo ao NAFTA. Diferindo da abordagem "4 + 1" do Mercosul, quando um país é admitido no NAFTA, tem que outorgar multilateralmente livre comércio a todos os membros. É irônico o fato de que os cenários 13 e 14, aparentemente NAFTA-cêntricos, na realidade acabem por criar arranjos cêntricos em torno do Brasil (a Argentina sendo um raio) ou da Argentina (com o Brasil como raio).

Os cenários de 16 a 19 modelam a abordagem "4 + 1" do Mercosul para a criação de FTAs bilaterais com países externos, isto é, o Chile,

os Estados Unidos e o México. O que é também irônico nesses cenários aparentemente Mercosul-cêntricos é que eles simultaneamente acabam criando arranjos "centro e raios" centrados nos Estados Unidos ou no México. O cenário 16 conecta os Estados Unidos ao Mercosul através de um FTA "4 + 1", mas também coloca os Estados Unidos como o centro de uma série de FTAs bilaterais simultâneas com o México, a Argentina e o Brasil, ao mesmo tempo em que mantém os níveis de proteção entre o Mercosul e o México e o resto do mundo. No cenário 17, a formação de um arranjo Mercosul "4 + 1" com o México faz o México surgir como centro de uma série de FTAs bilaterais simultâneas com os Estados Unidos, a Argentina e o Brasil, enquanto que da mesma forma mantém os níveis de proteção entre os raios (isto é, os Estados Unidos e o Mercosul) e o resto do mundo. O cenário 18 simula um arranjo Mercosul "4 + 1" com o Chile, enquanto que o cenário 19 adiciona também uma provável adesão do Chile ao NAFTA para um FTA Chile-Mercosul, criando, assim, no Chile, um centro do hemisfério.

Finalmente, no cenário 20 eliminamos toda a proteção tarifária e não-tarifária entre todos os principais países do hemisfério Ocidental, mantendo simultaneamente, para todos os países, os níveis de proteção pré-GATT com o resto do mundo. O cenário 20, desta forma, simula a criação de uma Área de Livre Comércio do hemisfério ocidental, estendendo multilateralmente todas as barreiras de tarifa zero e não-tarifárias dentre um conjunto mais amplo de membros.

RESULTADOS DOS CENÁRIOS

As tabelas de 10 a 16 apresentam os impactos de estática comparativa e de externalidade dinâmica dos vinte cenários alternativos. As tabelas 10a e 10b apresentam, respectivamente, os impactos de estática comparativa e de externalidade dos vinte cenários alternativos no PIB real, a taxa real de câmbio e o comércio total para cada país ou sub-região, assim como para os países do NAFTA como um todo. As tabelas 11a e 11b exigem o padrão de comércio intra-regional e extraregional para cada cenário, em suas versões de estática comparativa e de externalidade. A

tabela 12 apresenta os resultados do cenário de estática comparativa para cada país da estrutura setorial da produção, exportação, importação, demanda final, absorção e valor adicionado. A tabela 13 repete os resultados do cenário de estática comparativa da estrutura setorial da exportação de cada um dos países para todos os parceiros da região.

O impacto do NAFTA: O cenário 1, projetado para representar o NAFTA, reproduz os resultados de praticamente todos os estudos sobre o NAFTA que demonstraram um impacto muito pequeno sobre o PIB dos Estados Unidos, ao mesmo tempo que geraram um impacto positivo maior para o México (tabela 10). Enquanto os impactos de estática comparativa (cenários 1a) são realmente mínimos para os dois países, os impactos de externalidade dinâmica (cenário 1b) são bastante significativos para o México (4,6%). Enquanto ainda pequenos para os Estados Unidos, os impactos de externalidade do NAFTA representam um progresso positivo relativamente mais amplo sobre os simples impactos de estática comparativa do NAFTA. Nossos resultados, entretanto, também corroboram os temores de que acordos sub-regionais pudessem ter um impacto negativo sobre outros países latino-americanos excluídos do NAFTA ou do Mercosul. Enquanto demonstramos que o NAFTA poderia ter impactos negativos sobre o Brasil, a Argentina e o Chile, e que o Mercosul poderia ter um impacto negativo sobre o México e o Chile, estes impactos estáticos negativos são claramente muito pequenos em termos de PIB real. Quando se leva em consideração a totalidade dos efeitos de externalidade dinâmica do NAFTA, os impactos negativos sobre o Chile e os países do Mercosul são ampliados, enquanto que os membros do NAFTA ganham significativamente mais.

Estes impactos negativos e diferenciados do NAFTA são função do aumento da concentração de comércio entre os parceiros do NAFTA e um desvio da importação e exportação destes mesmos parceiros com relação ao Brasil, à Argentina e ao Chile. Conforme demonstra a tabela 11a, a exportação intra-hemisfério aumenta 5,3% e 4,9%, respectivamente, para os Estados Unidos e o México devido ao NAFTA, ao mesmo tempo que declina -0,24% para o Brasil, -0,5 para a Argentina e -0,20 para o Chile. Nos resultados da externalidade na tabela 11b, a exportação intra-hemisfério dos Estados Unidos aumenta em 10,23% e a exportação intra-regional do México eleva-se em apenas 4,94%, significando uma posição competitiva

TABELA 10a
 PIB REAL E COMÉRCIO TOTAL EM CENÁRIOS DE EFICIÊNCIA ESTÁTICA
 (DADOS-BASE EM BILHÕES DE US\$ E ALTERAÇÃO PERCENTUAL A PARTIR DA BASE)

DADOS-BASE	ALTERAÇÃO PERCENTUAL A PARTIR DA BASE									
	1 NAFTA	2 MERCOSUL	3 NAFTA + EUBR	4 NAFTA+ EUAR	5 N+M+ EUBR	6 N+M+ EUAR	7 N+M+ EUCH	8 N+M+ EUCEN	9 N+M- MXBR	10 N+M- MXAR
PIB REAL										
EUA	4491.930	0,002	0,000	0,003	0,002	0,003	0,002	0,004	0,002	0,002
México	174.790	0,218	(0,000)	0,218	0,218	0,218	0,218	0,217	0,222	0,223
Brasil	479.260	(0,000)	0,102	0,016	(0,000)	0,117	0,102	0,117	0,102	0,102
Argentina	141.370	(0,000)	0,110	(0,000)	0,022	0,110	0,125	0,125	0,110	0,112
Chile	27.790	-0,001	(0,000)	-0,001	-0,001	-0,001	0,077	0,077	-0,001	-0,001
Totais	5315.140	0,009	0,012	0,011	0,009	0,024	0,021	0,024	0,021	0,021
TAXA DE CÂMBIO REAL										
EUA	1,00	0,04	0,00	0,09	0,04	0,09	0,04	0,09	0,04	0,04
México	2,27	1,63	(0,00)	1,63	1,63	1,63	1,63	1,63	1,69	1,69
Brasil	1,00	(0,00)	1,27	0,56	(0,00)	1,81	1,27	1,81	1,29	1,27
Argentina	1,00	(0,00)	2,25	0,00	0,55	2,25	2,25	2,66	2,25	2,32
Chile	1,00	(0,00)	(0,00)	(0,00)	(0,00)	(0,00)	0,45	0,45	(0,00)	(0,00)
EXPORTAÇÃO TOTAL										
EUA	351,08	0,13	(0,00)	0,25	0,15	0,25	0,15	0,26	0,13	0,13
México	28,70	3,55	0,00	3,55	3,55	3,55	3,55	3,55	3,70	3,68
Brasil	30,39	-0,01	2,93	1,38	-0,01	4,32	2,92	4,32	2,98	2,92
Argentina	14,21	(0,00)	3,53	(0,00)	0,92	3,53	4,23	3,53	3,53	3,63
Chile	10,16	-0,01	(0,00)	-0,01	-0,01	-0,01	-0,01	0,84	-0,01	-0,01
Totais	434,53	0,34	0,32	0,53	0,38	0,85	0,70	0,91	0,68	0,67
IMPORTAÇÃO TOTAL										
EUA	507,09	0,09	(0,00)	0,17	0,10	0,17	0,10	0,18	0,09	0,09
México	23,73	4,29	0,00	4,29	4,29	4,29	4,29	4,29	4,48	4,45
Brasil	20,55	-0,01	4,33	2,04	-0,01	6,39	4,32	6,38	4,40	4,32
Argentina	6,50	(0,00)	7,72	(0,00)	2,01	7,72	9,24	9,24	7,72	7,94
Chile	9,36	-0,01	(0,00)	-0,01	-0,01	-0,01	-0,01	0,92	0,92	-0,01
Totais	567,24	0,26	0,25	0,41	0,29	0,65	0,53	0,52	0,52	0,52

TABELA 10a (continuação)

	ALTERAÇÃO PERCENTUAL A PARTIR DA BASE									
	11 N+M+ MAXCH	12 N+M+ MXHUB	13 NAFBR + MRC	14 NAFAR + MRC	15 NAFCH + MRC	16 USMERC	17 MXMERC	18 CHMERC	19 NACH + CHMRC	20 WHFTA
PIB REAL										
EUA	0,002	0,002	0,003	0,002	0,002	0,004	0,002	0,002	0,002	0,004
México	0,218	0,227	0,222	0,223	0,218	0,218	0,227	0,218	0,218	0,226
Brasil	0,102	0,102	0,117	0,102	0,102	0,117	0,102	0,103	0,103	0,119
Argentina	0,110	0,112	0,110	0,127	0,110	0,125	0,112	0,112	0,112	0,129
Chile	0,004	0,004	-0,001	-0,001	0,082	-0,001	-0,001	0,056	0,137	0,137
Totais	0,021	0,021	0,024	0,022	0,021	0,024	0,021	0,021	0,022	0,025
TAXA DE CÂMBIO REAL										
EUA	0,04	0,04	0,09	0,04	0,04	0,09	0,04	0,04	0,04	0,09
México	1,63	1,75	1,69	1,69	1,63	1,63	1,75	1,63	1,63	1,74
Brasil	1,27	1,29	1,84	1,27	1,27	1,81	1,29	1,34	1,34	1,90
Argentina	2,25	2,32	2,25	2,72	2,25	2,66	2,32	2,31	2,31	2,78
Chile	0,04	0,04	(0,00)	(0,00)	0,50	(0,00)	(0,00)	0,51	1,01	1,01
EXPORTAÇÃO TOTAL										
EUA	0,13	0,13	0,25	0,15	0,13	0,26	0,13	0,13	0,13	0,26
México	3,55	3,83	3,70	3,68	3,55	3,55	3,83	3,55	3,55	3,83
Brasil	2,92	2,98	4,37	2,92	2,92	4,32	2,98	3,09	3,09	4,54
Argentina	3,53	3,63	3,53	4,33	3,53	4,23	3,63	3,63	3,63	4,43
Chile	0,06	0,06	-0,01	-0,01	0,91	-0,01	-0,01	0,64	1,53	1,53
Totais	0,66	0,69	0,87	0,71	0,68	0,89	0,69	0,69	0,71	0,96
IMPORTAÇÃO TOTAL										
EUA	0,09	0,09	0,17	0,10	0,09	0,18	0,09	0,09	0,09	0,18
México	4,30	4,63	4,47	4,45	4,30	4,29	4,63	4,29	4,30	4,63
Brasil	4,32	4,40	6,47	4,32	4,32	6,39	4,40	4,57	4,57	6,72
Argentina	7,72	7,94	7,72	9,46	7,72	9,24	7,94	7,94	7,94	9,67
Chile	0,07	0,07	-0,01	-0,01	0,99	-0,01	-0,01	0,69	1,66	1,66
Totais	0,51	0,53	0,66	0,54	0,52	0,68	0,53	0,53	0,55	0,74

NOTA
 1) Os valores entre parênteses são negativos.
 2) Os resultados refletem os valores dos parâmetros de: ETAW = 12; curva chata da demanda do resto do mundo na base; parâmetros de amplitude moderada da substituíbilidade da importação; parâmetros de amplitude mais elevada do efeito da externalidade do comércio. Ver no Apêndice 3 a análise de sensibilidade completa.

TABELA 10b
 PIB REAL E COMÉRCIO TOTAL EM CENÁRIOS DE EXTERNALIDADE DINÂMICA
 (DADOS-BASE EM BILHÕES DE US\$ E ALTERAÇÃO PERCENTUAL A PARTIR DA BASE)

DADOS-BASE	ALTERAÇÃO PERCENTUAL A PARTIR DA BASE									
	1 NAFTA	2 MERCOSUL	3 NAFTA + EUBR	4 NAFTA+ EUAR	5 N+M+ EUBR	6 N+M+ EUAR	7 N+M+ EUCH	8 N+M+ EUCEN	9 N+M+ MXBR	10 N+M+ MXAR
PIB REAL										
EUA	4491.930	0,021	0,000	0,037	0,023	0,037	0,023	0,021	0,040	0,021
México	174.790	4,672	(0,000)	4,670	4,672	4,669	4,672	4,668	4,668	4,831
Brasil	479.260	-0,006	4,512	1,801	-0,006	6,685	4,505	4,504	6,685	4,603
Argentina	141.370	(0,000)	2,900	(0,000)	1,290	2,900	3,995	2,900	3,995	2,900
Chile	27.790	-0,008	(0,000)	-0,009	-0,008	-0,009	-0,008	2,361	2,361	-0,009
Totais	5315.140	0,171	0,484	0,347	0,207	0,865	0,685	0,667	0,908	0,671
TAXA DE CÂMBIO REAL										
EUA	1,00	0,04	(0,00)	0,09	0,05	0,09	0,05	0,04	0,10	0,04
México	2,27	0,42	(0,00)	0,42	0,42	0,42	0,42	0,42	0,42	0,39
Brasil	1,00	(0,00)	0,54	(0,00)	-0,19	0,53	0,23	0,53	0,23	0,53
Argentina	1,00	(0,00)	-0,11	-0,08	(0,00)	-0,25	-0,11	-0,11	-0,25	-0,12
Chile	1,00	-0,01	(0,00)	-0,01	-0,01	-0,01	-0,01	-1,44	-1,44	-0,01
EXPORTAÇÃO TOTAL										
EUA	351.08	0,17	0,00	0,30	0,19	0,30	0,19	0,17	0,32	0,17
México	28.70	8,66	0,00	8,66	8,66	8,66	8,66	8,66	8,65	9,09
Brasil	30.39	-0,01	7,84	3,28	-0,01	11,87	7,82	7,82	11,87	8,00
Argentina	14,21	(0,00)	4,74	(0,00)	1,40	4,74	5,94	4,74	5,94	4,74
Chile	10,16	-0,01	(0,00)	-0,02	-0,01	-0,02	-0,01	4,24	4,24	-0,01
Totais	434,53	0,71	0,70	1,04	0,77	1,80	1,51	1,51	1,95	1,45
IMPORTAÇÃO TOTAL										
EUA	507,09	0,12	0,00	0,21	0,13	0,21	0,13	0,12	0,22	0,12
México	23,73	10,47	0,00	10,47	10,47	10,47	10,47	10,47	10,46	10,99
Brasil	20,55	-0,02	11,59	4,84	-0,02	17,56	11,57	11,57	17,56	11,82
Argentina	6,50	(0,00)	10,37	(0,00)	3,05	10,37	12,97	10,37	12,97	10,37
Chile	9,36	-0,02	(0,00)	-0,02	-0,02	-0,02	-0,02	4,61	4,60	-0,02
Totais	567,24	0,54	0,54	0,80	0,59	1,38	1,12	1,16	1,50	1,11

TABELA 10b (continuação)

	ALTERAÇÃO PERCENTUAL A PARTIR DA BASE									
	11 N+M+ MAXCH	12 N+M+ MXHUB	13 NAFBR + MRC	14 NAFAR + MRC	15 NAFCH + MRC	16 USMERC	17 MXMERC	18 CHMERC	19 NACH + CHMRC	20 WHFTA
PIB REAL										
EUA	0,021	0,021	0,037	0,023	0,021	0,039	0,021	0,021	0,021	0,040
México	4,673	5,056	4,893	4,831	4,672	4,669	5,055	4,672	4,672	5,052
Brasil	4,505	4,603	6,787	4,505	4,504	6,685	4,603	4,754	4,754	7,045
Argentina	2,900	3,054	2,900	4,150	2,900	3,995	3,054	3,030	3,030	4,280
Chile	0,173	0,173	-0,009	-0,008	2,546	-0,009	-0,009	1,734	4,316	4,315
Totais	0,656	0,681	0,882	0,695	0,668	0,896	0,680	0,690	0,703	0,971
TAXA DE CÂMBIO REAL										
EUA	0,04	0,04	0,09	0,05	0,04	0,10	0,04	0,04	0,04	0,10
México	0,42	0,40	0,38	0,43	0,42	0,42	0,40	0,42	0,42	0,39
Brasil	0,53	0,50	0,53	0,19	0,53	0,23	0,50	0,51	0,51	0,17
Argentina	-0,11	-0,12	-0,26	-0,11	-0,11	-0,25	-0,12	-0,12	-0,12	-0,27
Chile	-0,11	-0,11	-0,01	-0,01	-1,54	-0,01	-0,01	-0,85	-2,35	-2,35
EXPORTAÇÃO TOTAL										
EUA	0,17	0,17	0,30	0,19	0,17	0,32	0,17	0,17	0,17	0,32
México	8,66	9,42	9,09	8,98	8,66	8,66	9,42	8,66	8,66	9,42
Brasil	7,82	8,00	12,06	7,82	7,82	11,87	8,00	8,29	8,29	2,55
Argentina	4,74	4,92	4,74	6,11	4,74	5,94	4,92	4,90	4,90	6,27
Chile	0,32	0,32	-0,02	-0,01	4,58	-0,02	-0,01	3,09	7,78	7,78
Totais	1,42	1,49	1,84	1,49	1,52	1,85	1,48	1,52	1,63	2,15
IMPORTAÇÃO TOTAL										
EUA	0,12	0,12	0,21	0,13	0,12	0,22	0,12	0,12	0,12	0,22
México	10,48	11,39	10,99	10,86	10,47	10,47	11,39	10,47	10,47	1,39
Brasil	11,57	11,82	17,83	11,57	11,57	17,56	11,82	12,26	12,26	8,56
Argentina	10,37	10,74	10,37	13,36	10,37	12,97	10,74	10,71	10,71	3,71
Chile	0,35	0,35	-0,02	-0,02	4,98	-0,02	-0,02	3,36	8,45	8,44
Totais	1,09	1,14	1,41	1,14	1,16	1,42	1,13	1,17	1,25	1,64

NOTA:

- Os valores entre parênteses são negativos.
- Os resultados refletem os valores dos parâmetros de ETAW = 12; curva chata da demanda do resto do mundo na base; parâmetros de amplitude moderada da substituição da importação; parâmetros de amplitude mais elevada do efeito da externalidade do comércio. Ver no Apêndice 3 a análise de sensibilidade completa.

TABELA 11a
ESTRUTURA REGIONAL DA EXPORTAÇÃO EM CENÁRIOS DE EFICIÊNCIA ESTÁTICA
(DADOS-BASE EM BILHÕES DE US\$ E ALTERAÇÃO PERCENTUAL A PARTIR DA BASE)

DADOS-BASE	ALTERAÇÃO PERCENTUAL A PARTIR DA BASE										
	1 NAFTA	2 MERCOSUL	3 NAFTA + EUBR	4 NAFTA+ EUAR	5 N+M+ EUBR	6 N+M+ EUAR	7 N+M+ EUCH	8 N+M+ EUCEN	9 N+M+ MXBR	10 N+M+ MXAR	
EXPORTAÇÃO INTRA-REGIONAL											
EUA	23,44	5,34	-0,18	7,60	6,19	7,45	5,80	5,88	8,80	5,07	5,06
México	18,07	4,90	-0,02	4,82	4,89	4,81	4,87	4,88	4,78	5,01	5,00
Brasil	10,92	-0,24	4,70	7,48	-0,47	12,18	4,26	4,38	1,90	5,11	4,43
Argentina	3,60	-0,53	8,45	-0,90	2,11	7,50	10,56	7,80	10,02	7,89	9,71
Chile	1,94	-0,20	-0,34	-0,41	-0,26	-0,75	-0,58	-0,54	-0,79	-0,55	-0,55
Totais	57,99	3,60	1,32	5,92	4,06	7,24	5,30	5,19	7,89	5,05	5,03
IMPORTAÇÃO INTRA-REGIONAL											
EUA	28,85	3,03	(0,00)	5,89	3,34	5,89	3,34	3,03	6,21	3,03	3,03
México	17,89	6,82	0,00	6,81	6,82	6,81	6,82	6,81	6,81	7,10	7,05
Brasil	6,26	-0,03	4,04	8,18	-0,03	12,29	4,01	4,01	12,29	4,35	4,01
Argentina	2,69	(0,00)	19,03	(0,00)	6,39	19,03	23,77	19,03	23,77	19,03	19,69
Chile	2,29	-0,03	(0,00)	-0,04	-0,03	-0,04	-0,03	6,67	6,66	-0,03	-0,03
Totais	57,99	3,60	1,32	5,92	4,06	7,24	5,30	5,19	7,89	5,05	5,03
EXPORTAÇÃO EXTRA-REGIONAL											
EUA	327,63	-0,24	0,01	-0,28	-0,29	-0,27	-0,26	-0,28	-0,35	-0,22	-0,22
México	10,62	1,25	0,03	1,38	1,27	1,41	1,30	1,29	1,44	1,47	1,43
Brasil	19,46	0,12	1,93	-2,05	0,25	-0,09	2,17	2,10	0,06	1,78	2,07
Argentina	10,61	0,18	1,86	0,31	0,52	2,19	2,08	2,09	2,26	2,05	1,57
Chile	8,22	0,04	0,08	0,09	0,05	0,17	0,13	0,17	1,23	0,12	0,12
Totais	376,54	-0,16	0,17	-0,30	-0,18	-0,13	-0,01	-0,01	-0,17	0,00	0,00
IMPORTAÇÃO EXTRA-REGIONAL											
EUA	351,08	0,13	(0,00)	0,25	0,15	0,25	0,15	-0,08	-0,18	-0,08	-0,09
México	28,70	3,55	0,00	3,55	3,55	3,55	3,55	-3,44	-3,44	-3,56	-3,51
Brasil	30,39	-0,01	2,93	1,38	-0,01	4,32	2,92	4,45	3,80	4,42	4,45
Argentina	14,21	(0,00)	3,53	(0,00)	0,92	3,53	4,23	-0,27	-1,03	-0,27	-0,36
Chile	10,16	-0,01	(0,00)	-0,01	-0,01	-0,01	-0,01	-0,95	-0,95	0,00	0,00
Totais	434,53	0,34	0,32	0,53	0,38	0,85	0,70	-0,01	-0,12	0,00	0,00

TABELA 11a (continuação.)

	ALTERAÇÃO PERCENTUAL A PARTIR DA BASE									
	11 N+M+ MAXCH	12 N+M+ MXHUB	13 NAFBR + MRC	14 NAFAR + MRC	15 NAFCH + MRC	16 USMERC	17 MXMERC	18 CHMERC	19 NACH + CHMRC	20 WHFTA
EXPORTAÇÃO INTRA-REGIONAL										
EUA	5,16	4,97	7,36	5,70	5,87	8,09	4,97	5,09	5,79	8,52
México	4,99	5,23	4,93	4,99	4,98	4,79	5,13	4,88	4,97	5,11
Brasil	4,44	5,07	12,82	4,23	4,37	1,97	5,08	5,12	5,02	13,16
Argentina	7,91	9,67	7,48	12,35	7,79	10,14	9,68	9,74	9,59	13,57
Chile	-0,54	-0,56	-0,75	-0,59	-0,54	-0,79	-0,56	3,97	3,97	3,66
Totais	4,95	5,18	7,37	5,40	5,22	7,62	5,15	5,28	5,57	8,48
IMPORTAÇÃO INTRA-REGIONAL										
EUA	3,03	3,03	5,89	3,34	3,03	6,21	3,03	3,03	3,03	6,21
México	6,82	7,33	7,09	7,05	6,82	6,81	7,33	6,82	6,82	7,33
Brasil	4,01	4,35	12,63	4,01	1,01	12,29	4,35	4,99	4,99	13,59
Argentina	19,03	19,69	19,03	24,42	19,03	23,77	19,69	19,70	19,70	25,08
Chile	0,64	0,64	-0,04	-0,03	7,32	-0,04	-0,03	5,53	12,72	12,72
Totais	4,95	5,18	7,37	5,40	5,22	7,62	5,15	15,28	5,57	8,48
EXPORTAÇÃO EXTRA-REGIONAL										
EUA	-0,23	-0,21	-0,26	-0,25	-0,28	-0,30	-0,21	-0,22	-0,27	-0,33
México	1,11	1,45	1,60	1,46	1,12	1,43	1,62	1,30	1,14	1,65
Brasil	2,06	1,80	-0,37	2,18	2,10	0,02	1,79	1,95	2,00	-0,29
Argentina	2,05	1,59	2,19	1,60	2,09	2,22	1,58	1,56	1,61	1,32
Chile	0,20	0,21	0,17	0,13	1,25	0,18	0,12	-0,15	0,96	1,03
Totais	0,00	(0,00)	-0,13	-0,02	-0,01	-0,15	(0,00)	-0,01	-0,03	-0,19
IMPORTAÇÃO EXTRA-REGIONAL										
EUA	-0,08	-0,09	-0,17	-0,09	-0,08	-0,18	-0,09	-0,08	-0,08	-0,18
México	-3,44	-3,63	-3,56	-3,51	-3,44	-3,44	-3,64	-3,44	-3,44	-3,63
Brasil	4,45	4,42	3,77	4,45	4,45	3,80	4,42	4,38	4,38	3,71
Argentina	-0,27	-0,36	-0,37	-1,12	-0,27	-1,03	-0,36	-0,37	-0,37	-1,22
Chile	-0,12	-0,12	0,00	0,00	-1,06	0,00	0,00	-0,88	-1,92	-1,92
Totais	0,00	(0,00)	-0,10	-0,01	-0,01	-0,11	(0,00)	-0,01	-0,02	-0,14

- NOTA:
- Os valores entre parênteses são negativos.
 - Os resultados refletem os valores dos parâmetros de: ETAW = 12; curva chata da demanda do resto do mundo na base; parâmetros de amplitude moderada da substituição da importação; parâmetros de amplitude mais elevada do efeito da externalidade do comércio. Ver no Apêndice 3 a análise de sensibilidade completa.

TABELA 11b
ESTRUTURA REGIONAL DA EXPORTAÇÃO EM CENÁRIOS DE EXTERNALIDADE DINÂMICA
(DADOS-BASE EM BILHÕES DE US\$ E ALTERAÇÃO PERCENTUAL A PARTIR DA BASE)

DADOS-BASE	ALTERAÇÃO PERCENTUAL A PARTIR DA BASE										
	1 NAFTA	2 MERCOSUL	3 NAFTA + EUBR	4 NAFTA+ EUAR	5 N+M+ EUBR	6 N-M+ EUAR	7 N+M+ EUCH	8 N+M+ EUCEN	9 N+M+ MXBR	10 N-M+ MXAR	
EXPORTAÇÃO INTRA-REGIONAL											
EUA	23,44	10,23	0,67	12,85	11,14	13,74	11,61	11,79	15,33	11,09	10,98
México	18,07	1,94	0,05	4,89	4,93	4,94	4,98	4,99	4,94	5,12	5,10
Brasil	10,92	0,03	4,94	7,76	-0,17	12,70	4,83	5,02	12,672	5,67	4,97
Argentina	3,60	0,02	12,37	0,99	2,67	13,91	15,04	12,69	16,85	12,47	14,35
Chile	1,94	-0,16	0,97	0,14	-0,15	1,20	0,83	0,82	1,22	0,83	0,81
Totais	57,99	5,68	2,02	8,25	6,17	10,39	8,12	8,08	11,20	7,95	7,88
IMPORTAÇÃO INTRA-REGIONAL											
EUA	28,85	3,06	0,00	5,94	3,38	5,94	3,38	3,06	6,26	3,06	3,06
México	17,89	13,50	0,00	13,49	13,50	13,49	13,50	13,49	13,49	14,15	13,99
Brasil	6,26	-0,05	9,59	10,47	-0,05	21,23	9,53	9,53	21,22	10,00	9,53
Argentina	2,69	(0,00)	21,14	(0,00)	7,12	21,14	26,85	21,14	36,85	21,14	21,93
Chile	2,29	-0,05	(0,00)	-0,06	-0,05	-0,06	-0,06	9,85	9,84	-0,06	-0,06
Totais	57,99	5,68	2,02	8,25	6,17	10,39	8,12	8,08	11,20	7,95	7,88
EXPORTAÇÃO EXTRA-REGIONAL											
EUA	327,63	-0,55	-0,05	-0,60	-0,66	-0,66	-0,63	-0,66	-0,75	-0,61	-0,60
México	10,62	14,99	-0,08	15,07	15,00	14,98	14,92	14,89	14,97	15,85	15,59
Brasil	19,46	-0,04	9,47	0,76	0,07	11,41	9,50	9,40	11,46	9,30	9,43
Argentina	10,61	-0,01	2,16	-0,33	0,96	1,63	2,85	2,05	2,23	2,12	1,71
Chile	8,22	0,02	-0,23	-0,05	0,02	-0,30	-0,21	5,05	4,95	-0,21	-0,21
Totais	376,54	-0,06	0,50	-0,06	-0,07	0,48	0,44	0,50	0,53	0,45	0,45
IMPORTAÇÃO EXTRA-REGIONAL											
EUA	351,08	0,17	0,00	0,30	0,19	0,30	0,19	-0,06	-0,14	-0,06	-0,06
México	28,70	8,66	0,00	8,66	8,66	8,66	8,66	1,20	1,20	1,32	1,28
Brasil	30,39	-0,01	7,84	3,28	-0,01	1,87	7,82	12,46	15,95	12,62	12,46
Argentina	14,21	(0,00)	4,74	(0,00)	1,40	4,74	5,94	2,76	3,17	2,76	2,84
Chile	10,16	-0,01	(0,00)	-0,02	-0,01	-0,02	-0,01	2,91	2,91	(0,00)	(0,00)
Totais	434,53	0,71	0,70	1,04	0,77	1,80	1,46	0,37	0,39	0,33	0,33

TABELA 11b (continuação)

	ALTERAÇÃO PERCENTUAL A PARTIR DA BASE									
	11 N+M+ MAXCH	12 N+M+ MXHUB	13 NAFBR + MRC	14 NAFAR + MRC	15 NAFCH + MRC	16 USMERC	17 MXMERC	18 CHMERC	19 NACH + CHMRC	20 WHFTA
EXPORTAÇÃO INTRA-REGIONAL										
EUA	10,91	11,17	13,93	11,69	11,80	14,45	11,17	10,99	11,90	11,72
México	5,09	5,34	5,07	5,10	5,10	4,93	5,24	4,99	5,11	5,31
Brasil	4,97	5,66	13,40	4,83	5,02	12,56	5,66	5,74	5,80	14,09
Argentina	12,41	14,45	13,99	16,99	12,71	16,55	14,43	14,79	15,18	21,39
Chile	0,82	0,83	1,21	0,83	0,82	1,22	0,83	5,62	5,62	6,10
Totais	7,73	8,17	10,65	8,31	8,12	10,81	8,14	8,19	8,63	12,20
IMPORTAÇÃO INTRA-REGIONAL										
EUA	3,06	3,06	5,94	3,38	3,06	6,26	3,06	3,06	3,06	6,26
México	13,50	14,65	14,14	13,99	13,50	13,49	14,64	13,50	13,50	14,64
Brasil	9,53	10,00	21,72	9,53	9,53	21,23	10,00	10,88	10,88	23,13
Argentina	21,14	21,93	21,14	27,66	21,14	26,85	21,93	21,91	21,91	28,44
Chile	0,85	0,85	-0,06	-0,06	10,78	-0,06	-0,06	7,81	18,93	18,92
Totais	7,73	8,17	10,65	8,31	8,12	10,81	8,14	8,19	8,63	12,20
EXPORTAÇÃO EXTRA-REGIONAL										
EUA	-0,60	-0,62	-0,67	-0,64	-0,66	-0,69	-0,62	-0,60	-0,67	-0,78
México	14,74	16,36	15,92	15,59	14,72	14,99	16,53	14,91	14,71	16,40
Brasil	9,43	9,31	11,30	9,50	9,40	11,49	9,30	9,72	9,69	11,68
Argentina	2,14	1,68	1,61	2,42	2,04	2,33	1,69	1,54	1,41	1,14
Chile	0,20	0,20	-0,31	-0,21	5,47	-0,31	-0,21	2,49	8,29	8,17
Totais	0,45	0,46	0,49	0,44	0,50	0,47	0,45	0,50	0,56	0,60
IMPORTAÇÃO EXTRA-REGIONAL										
EUA	-0,06	-0,06	-0,14	-0,07	-0,06	-0,14	-0,06	-0,06	-0,06	-0,14
México	1,20	1,41	1,32	1,28	1,20	1,20	1,41	1,20	1,20	1,42
Brasil	12,46	12,62	16,12	12,46	12,46	15,95	12,62	12,86	12,86	16,55
Argentina	2,76	2,84	2,76	3,25	2,76	3,17	2,84	2,79	2,79	3,29
Chile	0,18	0,18	(0,00)	(0,00)	3,10	(0,00)	(0,00)	1,91	5,05	5,05
Totais	0,33	0,34	0,36	0,33	0,37	0,35	0,34	0,37	0,41	0,44

NOTA

1) Os valores entre parênteses são negativos.

2) Os resultados refletem os valores dos parâmetros de ETAW = 12; curva chata da demanda do resto do mundo na base; parâmetros de amplitude moderada da substituição da importação; parâmetros de amplitude mais elevada do efeito da externalidade do comércio. Ver no Apêndice 3 a análise de sensibilidade completa.

TABELA 12a
 RESULTADO DOS COMPONENTES DE GASTOS
 PARA OS CENÁRIOS DE EQUILÍBRIO ESTÁTICA
 (ALTERAÇÃO PERCENTUAL A PARTIR DA BASE)

	EXPORTAÇÃO	IMPORTAÇÃO	PRODUÇÃO	DEMANDA FINAL	ABSORÇÃO	VALOR ADICIONADO
EUA						
Cenário 1	0,00	0,12	0,10	(0,00)	0,00	0,00
Cenário 2	0,00	(0,00)	(0,00)	0,00	0,00	0,00
Cenário 3	0,00	0,24	0,18	-0,01	0,00	0,00
Cenário 4	0,00	0,14	0,11	(0,00)	0,00	0,00
Cenário 5	0,00	0,24	0,18	0,01	0,00	0,00
Cenário 6	0,00	0,14	0,11	(0,00)	0,00	0,00
Cenário 7	0,00	0,12	0,10	(0,00)	0,00	0,00
Cenário 8	0,00	0,25	0,19	-0,01	0,00	0,00
Cenário 9	0,00	0,12	0,10	(0,00)	0,00	0,00
Cenário 10	0,00	0,12	0,10	(0,00)	0,00	0,00
Cenário 11	0,00	0,12	0,10	(0,00)	0,00	0,00
Cenário 12	0,00	0,12	0,10	(0,00)	0,00	0,00
Cenário 13	0,00	0,24	0,18	-0,01	0,00	0,00
Cenário 14	0,00	0,14	0,11	(0,00)	0,00	0,00
Cenário 15	0,00	0,12	0,10	(0,00)	0,00	0,00
Cenário 16	0,00	0,25	0,19	-0,01	0,00	0,00
Cenário 17	0,00	0,12	0,10	(0,00)	0,00	0,00
Cenário 18	0,00	0,12	0,10	(0,00)	0,00	0,00
Cenário 19	0,00	0,12	0,10	(0,00)	0,00	0,00
Cenário 20	0,00	0,25	0,19	-0,01	0,00	0,00
MÉXICO						
Cenário 1	0,20	3,65	4,26	-0,18	0,23	0,10
Cenário 2	(0,00)	(0,00)	0,00	0,00	0,00	(0,00)
Cenário 3	0,20	3,65	4,26	-0,18	0,23	0,10
Cenário 4	0,20	3,65	4,26	-0,18	0,23	0,10
Cenário 5	0,20	3,65	4,26	-0,18	0,23	0,10
Cenário 6	0,20	3,65	4,26	-0,18	0,23	0,10
Cenário 7	0,20	3,65	4,26	-0,18	0,23	0,10
Cenário 8	0,20	3,65	4,26	-0,18	0,23	0,10
Cenário 9	0,21	3,80	4,44	-0,20	0,24	0,10
Cenário 10	0,21	3,79	4,42	-0,19	0,24	0,10
Cenário 11	0,20	3,65	4,26	-0,18	0,23	0,10
Cenário 12	0,22	3,94	4,60	-0,20	0,25	0,10
Cenário 13	0,21	3,80	4,44	-0,20	0,24	0,10

TABELA 12a (continuação)

	EXPORTAÇÃO	IMPORTAÇÃO	PRODUÇÃO	DEMANDA FINAL	ABSORÇÃO	VALOR ADICIONADO
ARGENTINA						
Cenário 1	(0,00)	(0,00)	(0,00)	(0,00)	(0,00)	(0,00)
Cenário 2	-0,13	3,53	7,72	-0,37	-0,10	-0,03
Cenário 3	(0,00)	(0,00)	(0,00)	(0,00)	(0,00)	(0,00)
Cenário 4	(0,00)	0,92	2,01	-0,07	(0,00)	(0,00)
Cenário 5	-0,13	3,53	7,72	-0,37	-0,10	-0,03
Cenário 6	-0,13	4,23	9,24	-0,42	-0,10	-0,03
Cenário 7	-0,13	3,53	7,72	-0,37	-0,10	-0,03
Cenário 8	-0,13	4,23	9,24	-0,42	-0,10	-0,03
Cenário 9	-0,13	3,53	7,72	-0,37	-0,10	-0,03
Cenário 10	-0,13	3,63	7,94	-0,38	-0,10	-0,03
Cenário 11	-0,13	3,53	7,72	-0,37	-0,10	-0,03
Cenário 12	-0,13	3,63	7,94	-0,38	-0,10	-0,03
Cenário 13	-0,13	3,53	7,72	-0,37	-0,10	-0,03
Cenário 14	-0,13	4,33	9,46	-0,42	-0,10	-0,03
Cenário 15	-0,13	3,53	7,72	-0,37	-0,10	-0,03
Cenário 16	-0,13	4,23	9,24	-0,42	-0,10	-0,03
Cenário 17	-0,13	3,63	7,94	-0,38	-0,10	-0,03
Cenário 18	-0,13	3,63	7,94	-0,38	-0,10	-0,03
Cenário 19	-0,13	3,63	7,94	-0,38	-0,10	-0,03
Cenário 20	-0,13	4,43	9,67	-0,43	-0,10	-0,03
BRASIL						
Cenário 1	(0,00)	-0,01	-0,01	(0,00)	(0,00)	(0,00)
Cenário 2	0,03	2,93	4,33	-0,06	0,06	0,01
Cenário 3	0,01	1,38	2,03	-0,03	0,01	0,00
Cenário 4	(0,00)	-0,01	-0,01	(0,00)	(0,00)	(0,00)
Cenário 5	0,03	4,32	6,38	-0,09	0,06	0,01
Cenário 6	0,03	2,92	4,31	-0,06	0,05	0,01
Cenário 7	0,03	2,92	4,31	-0,06	0,05	0,01
Cenário 8	0,03	4,32	6,38	-0,09	0,06	0,01

TABELA 12a (continuação)

Cenário	EXPORTAÇÃO	IMPORTAÇÃO	PRODUÇÃO	DEMANDA		VALOR ADICIONADO
				FINAL	ABSORÇÃO	
Cenário 9	0,03	2,98	4,40	-0,06	0,05	0,01
Cenário 10	0,03	2,92	4,31	-0,06	0,05	0,01
Cenário 11	0,03	2,92	4,31	-0,06	0,05	0,01
Cenário 12	0,03	2,98	4,40	-0,06	0,05	0,01
Cenário 13	0,03	4,37	6,46	-0,09	0,06	0,01
Cenário 14	0,03	2,92	4,31	-0,06	0,05	0,01
Cenário 15	0,03	2,92	4,31	-0,06	0,05	0,01
Cenário 16	0,03	4,32	6,38	-0,09	0,06	0,01
Cenário 17	0,03	2,98	4,40	-0,06	0,05	0,01
Cenário 18	0,03	3,09	4,56	-0,06	0,06	0,01
Cenário 19	0,03	3,09	4,56	-0,06	0,06	0,01
Cenário 20	0,03	4,54	6,71	-0,10	0,06	0,01
C III E						
Cenário 1	(0,00)	-0,01	-0,01	0,00	(0,00)	(0,00)
Cenário 2	(0,00)	(0,00)	(0,00)	(0,00)	(0,00)	0,00
Cenário 3	(0,00)	-0,01	-0,01	0,00	(0,00)	(0,00)
Cenário 4	(0,00)	-0,01	-0,01	0,00	(0,00)	(0,00)
Cenário 5	(0,00)	-0,01	-0,01	0,00	(0,00)	(0,00)
Cenário 6	(0,00)	-0,01	-0,01	0,00	(0,00)	(0,00)
Cenário 7	0,03	0,84	0,91	-0,18	0,02	0,02
Cenário 8	0,03	0,84	0,91	-0,18	0,02	0,02
Cenário 9	0,00	-0,01	-0,01	0,00	(0,00)	(0,00)
Cenário 10	0,00	-0,01	-0,01	0,00	(0,00)	(0,00)
Cenário 11	0,00	0,06	0,06	-0,002	(0,00)	0,00
Cenário 12	0,00	0,06	0,06	-0,002	(0,00)	0,00
Cenário 13	0,00	-0,01	-0,01	0,00	(0,00)	(0,00)
Cenário 14	0,00	-0,01	-0,01	0,00	(0,00)	(0,00)
Cenário 15	0,04	0,91	0,98	-0,19	0,02	0,02
Cenário 16	0,00	-0,01	-0,01	0,00	(0,00)	(0,00)
Cenário 17	0,00	-0,01	-0,01	0,00	(0,00)	(0,00)
Cenário 18	0,02	0,64	0,69	-0,14	0,01	0,01
Cenário 19	0,06	1,53	1,66	-0,33	0,04	0,03
Cenário 20	0,06	1,53	1,66	-0,33	0,04	0,03

NOTA:

1) Os valores entre parênteses são negativos.

2) Os resultados refletem os valores dos parâmetros de: ETAW = 12; curva chata da demanda do resto do mundo na base; parâmetros de amplitude moderada da substituíbilidade da importação; parâmetros de amplitude mais elevada do efeito da externalidade do comércio. Ver no Apêndice 3 a análise de sensibilidade completa.

TABELA 12b
RESULTADO DOS COMPONENTES DE GASTOS
PARA OS CENÁRIOS DA EXTERNALIDADE DINÂMICA
(ALTERAÇÃO PERCENTUAL A PARTIR DA BASE)

Cenário	EXPORTAÇÃO	IMPORTAÇÃO	PRODUÇÃO	DEMANDA		VALOR ADICIONADO
				FINAL	ABSORÇÃO	
EUA						
Cenário 1	0,02	0,16	0,10	0,01	0,02	0,02
Cenário 2	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Cenário 3	0,04	0,29	0,19	0,03	0,04	0,04
Cenário 4	0,02	0,17	0,11	0,02	0,02	0,02
Cenário 5	0,04	0,29	0,19	0,03	0,04	0,04
Cenário 6	0,02	0,17	0,11	0,02	0,02	0,02
Cenário 7	0,02	0,16	0,10	0,01	0,02	0,02
Cenário 8	0,04	0,31	0,21	0,03	0,04	0,04
Cenário 9	0,02	0,16	0,10	0,01	0,02	0,02
Cenário 10	0,02	0,16	0,10	0,01	0,02	0,02
Cenário 11	0,02	0,16	0,10	0,01	0,02	0,02
Cenário 12	0,02	0,16	0,10	0,01	0,02	0,02
Cenário 13	0,04	0,29	0,19	0,03	0,04	0,04
Cenário 14	0,02	0,17	0,11	0,02	0,02	0,02
Cenário 15	0,02	0,16	0,10	0,01	0,02	0,02
Cenário 16	0,04	0,30	0,21	0,03	0,04	0,04
Cenário 17	0,02	0,16	0,10	0,01	0,02	0,02
Cenário 18	0,02	0,16	0,10	0,01	0,02	0,02
Cenário 19	0,02	0,16	0,10	0,01	0,02	0,02
Cenário 20	0,04	0,31	0,21	0,03	0,04	0,04
MÉXICO						
Cenário 1	4,77	8,37	10,41	4,35	4,90	4,52
Cenário 2	(0,00)	(0,00)	0,00	(0,00)	(0,00)	(0,00)
Cenário 3	4,77	8,36	10,41	4,35	4,90	4,52
Cenário 4	4,77	8,37	10,41	4,35	4,90	4,52
Cenário 5	4,77	8,36	10,40	4,35	4,90	4,52
Cenário 6	4,77	8,36	10,41	4,35	4,90	4,52
Cenário 7	4,77	8,36	10,41	4,35	4,90	4,52
Cenário 8	4,77	8,36	10,40	4,35	4,90	4,51
Cenário 9	4,98	8,78	10,93	4,53	5,11	4,74
Cenário 10	4,94	8,68	10,80	4,50	5,07	4,67
Cenário 11	4,77	8,36	10,42	4,35	4,90	4,52
Cenário 12	5,14	9,10	11,33	4,68	5,28	4,89
Cenário 13	4,97	8,77	10,93	4,53	5,11	4,73

TABELA 12b (continuação)

	EXPORTAÇÃO	IMPORTAÇÃO	PRODUÇÃO	DEMANDA		VALOR
				FINAL	ABSORÇÃO	
ARGENTINA						
Cenário 1	(0,00)	(0,00)	(0,00)	(0,00)	(0,00)	(0,00)
Cenário 2	2,89	4,74	10,37	2,76	3,01	2,77
Cenário 3	(0,00)	(0,00)	(0,00)	(0,00)	(0,00)	(0,00)
Cenário 4	1,37	1,40	3,05	1,36	1,41	1,27
Cenário 5	2,89	4,74	10,37	2,76	3,01	2,77
Cenário 6	4,05	5,94	12,97	3,91	4,21	3,86
Cenário 7	2,89	4,74	10,37	2,76	3,01	2,77
Cenário 8	4,05	5,94	12,97	3,91	4,21	3,86
Cenário 9	2,89	4,74	10,37	2,76	3,01	2,77
Cenário 10	3,05	4,92	10,74	2,92	3,18	2,93
Cenário 11	2,89	4,74	10,37	2,76	3,01	2,77
Cenário 12	3,05	4,92	10,74	2,92	3,18	2,93
Cenário 13	2,89	4,74	10,37	2,76	3,01	2,77
Cenário 14	4,22	6,11	13,36	4,08	4,39	4,01
Cenário 15	2,89	4,74	10,37	2,76	3,01	2,77
Cenário 16	4,05	5,94	12,97	3,91	4,21	3,86
Cenário 17	3,05	4,92	10,74	2,92	3,18	2,93
Cenário 18	3,03	4,90	10,71	2,89	3,16	2,90
Cenário 19	3,03	4,90	10,71	2,89	3,16	2,90
Cenário 20	4,36	6,27	13,71	4,21	4,53	4,14
BRASIL						
Cenário 1	-0,01	-0,01	-0,03	-0,01	-0,01	-0,01
Cenário 2	4,51	7,84	11,59	4,41	4,58	4,37
Cenário 3	1,83	3,28	4,48	1,78	1,85	1,77
Cenário 4	-0,01	-0,01	-0,03	-0,01	-0,01	-0,01
Cenário 5	6,71	11,87	17,55	6,56	6,81	6,49
Cenário 6	4,50	7,82	11,56	4,40	4,58	4,36
Cenário 7	4,50	7,82	11,56	4,40	4,58	4,36
Cenário 8	6,71	11,87	17,54	6,56	6,81	6,49

TABELA 12b (continuação)

	EXPORTAÇÃO	IMPORTAÇÃO	PRODUÇÃO	DEMANDA		VALOR
				FINAL	ABSORÇÃO	
CHILE						
Cenário 1	-0,01	-0,01	-0,02	-0,01	-0,01	-0,01
Cenário 2	(0,00)	(0,00)	(0,00)	(0,00)	(0,00)	(0,00)
Cenário 3	-0,01	-0,02	-0,02	-0,01	-0,01	-0,01
Cenário 4	-0,01	-0,01	-0,02	-0,01	-0,01	-0,01
Cenário 5	-0,01	-0,02	-0,02	-0,01	-0,01	-0,01
Cenário 6	-0,01	-0,01	-0,02	-0,01	-0,01	-0,01
Cenário 7	2,12	4,24	4,59	1,60	2,16	2,26
Cenário 8	2,12	4,24	4,59	1,60	2,16	2,26
Cenário 9	-0,01	-0,01	-0,02	-0,01	-0,01	-0,01
Cenário 10	-0,01	-0,01	-0,02	-0,01	-0,01	-0,01
Cenário 11	0,16	0,32	0,34	0,12	0,16	0,17
Cenário 12	0,16	0,32	0,34	0,12	0,16	0,17
Cenário 13	-0,01	-0,02	-0,02	-0,01	-0,01	-0,01
Cenário 14	-0,01	-0,01	-0,02	-0,01	-0,01	-0,01
Cenário 15	2,28	4,58	4,97	1,72	2,32	2,44
Cenário 16	-0,01	-0,02	-0,02	-0,01	-0,01	-0,01
Cenário 17	-0,01	-0,01	-0,02	-0,01	-0,01	-0,01
Cenário 18	1,56	3,09	3,35	1,19	1,59	1,66
Cenário 19	3,85	7,78	8,43	3,89	3,91	4,13
Cenário 20	3,85	7,78	8,43	3,89	3,91	4,13

NOTA:

1) Os valores entre parênteses são negativos.
 2) Os resultados refletem os valores dos parâmetros de: ETAW = 12; curva chata da demanda do resto do mundo na base; parâmetros de amplitude moderada da substituíbilidade da importação; parâmetros de amplitude mais elevada do efeito da externalidade do comércio. Ver no Apêndice 3 a análise de sensibilidade completa.

ABELLA 13a
EXPORTAÇÃO BILATERAL TOTAL
NOS CENÁRIOS DE EFICIÊNCIA ESTATICA
(BASE EM BILHÕES DE US\$ E ALTERAÇÕES A PARTIR DA BASE)

	EU/A	MÉXICO	ARGENTINA	BRASIL	CHILE	RESTO DO MUNDO	TOTAL
DADOS-BASE							
EU/A		16,92	0,97	4,30	1,26	327,63	351,08
México	17,69		0,12	0,18	0,09	10,62	28,70
Argentina	1,55	0,28		1,34	0,43	10,61	14,21
Brasil	8,28	0,64	1,50		0,51	19,46	30,39
Chile	1,34	0,05	0,11	0,44		8,22	10,16
Resto do mundo	478,24	5,84	3,81	14,29	7,07		509,25
TOTAL	507,09	23,73	6,50	20,55	9,36	376,55	
CENÁRIO 1							
EU/A		1,26	0,00	(0,00)	(0,00)	-0,79	0,47
México	0,89		0,00	0,00	0,00	0,13	1,02
Argentina	(0,00)	-0,02		0,00	0,00	0,02	0,00
Brasil	-0,01	(0,00)	0,00		0,00	0,02	(0,00)
Chile	(0,00)	(0,00)	0,00	0,00		0,00	(0,00)
Resto do mundo	-0,41	-0,20	0,00	0,00	0,00		-0,61
TOTAL	0,47	1,02	0,00	(0,00)	(0,00)	-0,61	
CENÁRIO 2							
EU/A		0,00	0,00	-0,04	0,00	0,04	0,00
México	0,00		(0,00)	(0,00)	0,00	0,00	0,00
Argentina	0,00	0,00		0,30	0,00	0,20	0,50
Brasil	0,00	0,00	0,51		0,00	0,38	0,89
Chile	0,00	0,00	0,00	-0,01		0,01	0,00
Resto do mundo	0,00	0,00	-0,01	0,64	0,00		0,63
TOTAL	0,00	0,00	0,50	0,89	0,00	0,63	
CENÁRIO 3							
EU/A		1,26	0,00	0,53	(0,00)	-0,91	0,87
México	0,87		0,00	(0,00)	0,00	0,15	1,02
Argentina	(0,00)	-0,02		-0,01	0,00	0,03	0,00
Brasil	0,84	-0,02	0,00		0,00	-0,40	0,42
Chile	(0,00)	(0,00)	0,00	(0,00)		0,01	(0,00)
Resto do mundo	-0,83	-0,20	0,00	-0,09	0,00		-1,12
TOTAL	0,87	1,02	0,00	0,42	(0,00)	-1,12	

ABELLA 13a (continuação)

	EU/A	MÉXICO	ARGENTINA	BRASIL	CHILE	RESTO DO MUNDO	TOTAL
CENÁRIO 4							
EU/A		1,26	0,20	(0,00)	(0,00)	-0,93	0,52
México	0,88		(0,00)	0,00	0,00	0,14	1,02
Argentina	0,09	-0,02		0,00	0,00	0,06	0,13
Brasil	-0,01	-0,02	-0,02		0,00	0,05	(0,00)
Chile	(0,00)	(0,00)	(0,00)	0,00		0,00	(0,00)
Resto do mundo	-0,45	-0,20	-0,04	0,00	0,00		-0,69
TOTAL	0,52	1,02	0,13	(0,00)	(0,00)	-0,69	
CENÁRIO 5							
EU/A		1,26	0,00	0,49	(0,00)	-0,87	0,87
México	0,87		(0,00)	(0,00)	0,00	0,15	1,02
Argentina	(0,00)	-0,02		0,29	0,00	0,23	0,50
Brasil	0,84	-0,02	0,51		0,00	-0,02	1,31
Chile	(0,00)	(0,00)	0,00	-0,01		0,01	(0,00)
Resto do mundo	-0,83	-0,20	-0,01	0,54	0,00		-0,50
TOTAL	0,87	1,02	0,50	1,31	(0,00)	-0,50	
CENÁRIO 6							
EU/A		1,26	0,15	-0,05	(0,00)	-0,84	0,52
México	0,88		(0,00)	(0,00)	0,00	0,14	1,02
Argentina	0,09	-0,02		0,31	0,00	0,22	0,60
Brasil	-0,01	-0,02	0,49		0,00	0,42	0,89
Chile	(0,00)	(0,00)	0,00	-0,01		0,01	(0,00)
Resto do mundo	-0,45	-0,20	-0,04	0,64	0,00		-0,05
TOTAL	0,52	1,02	0,60	0,89	(0,00)	-0,05	
CENÁRIO 7							
EU/A		1,26	0,00	-0,05	0,17	-0,91	0,47
México	0,89		(0,00)	(0,00)	(0,00)	0,14	1,02
Argentina	(0,00)	-0,02		0,31	(0,00)	0,22	0,50
Brasil	-0,01	-0,02	0,51		-0,01	0,41	0,89
Chile	(0,00)	(0,00)	0,00	-0,01		0,10	0,09
Resto do mundo	-0,40	-0,20	-0,01	0,64	-0,07		-0,04
TOTAL	0,47	1,02	0,50	0,89	0,09	-0,04	
CENÁRIO 8							
EU/A		1,26	0,15	0,49	0,17	-1,14	0,93
México	0,87		(0,00)	(0,00)	(0,00)	0,15	1,02
Argentina	0,09	-0,02		0,29	(0,00)	0,24	0,60

TABELA 13a (continuação)

	EU/A	MÉXICO	ARGENTINA	BRASIL	CHILE	RESTO DO MUNDO	TOTAL
Brasil	0,83	-0,02	0,49	-0,01	0,01	1,31	0,09
Chile	(0,00)	(0,00)	0,00	-0,01	0,10	-0,63	
Resto do mundo	-0,87	-0,20	-0,04	0,54	-0,07		
TOTAL	0,93	1,02	0,60	1,31	0,09		
CENÁRIO 9							
EU/A	1,24	0,00	-0,05	(0,00)	-0,72	0,47	1,06
México	0,89	(0,00)	0,02	0,00	0,16	0,50	
Argentina	(0,00)	-0,02	0,30	0,00	0,22	0,90	
Brasil	-0,01	0,05	0,51	0,00	0,35	0,01	
Chile	(0,00)	(0,00)	0,00	-0,01	0,01	(0,00)	
Resto do mundo	-0,41	-0,21	-0,01	0,63	0,00	0,01	
TOTAL	0,47	1,06	0,50	0,90	(0,00)		
CENÁRIO 10							
EU/A	1,23	(0,00)	-0,05	(0,00)	-0,72	0,47	1,06
México	0,89	0,02	(0,00)	0,00	0,15	0,52	
Argentina	(0,00)	0,05	0,31	0,00	0,17	0,89	
Brasil	-0,01	-0,02	0,51	0,00	0,40	0,01	
Chile	(0,00)	(0,00)	0,00	-0,01	0,01	(0,00)	
Resto do mundo	-0,41	-0,21	-0,001	0,64	0,00	0,01	
TOTAL	0,47	1,06	0,52	0,89	(0,00)		
CENÁRIO 11							
EU/A	1,26	0,00	-0,05	(0,00)	-0,74	0,47	1,02
México	0,89	(0,00)	(0,00)	0,02	0,12	0,50	
Argentina	(0,00)	-0,02	0,31	0,00	0,22	0,89	
Brasil	-0,01	-0,02	0,51	(0,00)	0,40	0,01	
Chile	(0,00)	(0,00)	0,00	-0,01	0,02	0,01	
Resto do mundo	-0,41	-0,20	-0,01	0,64	-0,01	0,01	
TOTAL	0,47	1,02	0,50	0,89	0,01		
CENÁRIO 12							
EU/A	1,21	(0,00)	-0,05	(0,00)	-0,70	0,47	1,10
México	0,89	0,02	(0,00)	0,02	0,15	0,52	
Argentina	(0,00)	0,05	0,30	0,00	0,17	0,90	
Brasil	-0,01	0,05	0,51	(0,00)	0,35	0,01	
Chile	(0,00)	(0,00)	0,00	-0,01	0,02	0,01	
Resto do mundo	-0,41	-0,21	-0,01	0,63	-0,01	-0,01	
TOTAL	0,47	1,10	0,52	0,90	0,01		

TABELA 13a (continuação)

	EU/A	MÉXICO	ARGENTINA	BRASIL	CHILE	RESTO DO MUNDO	TOTAL
EU/A	1,24	0,00	0,49	0,00	-0,85	0,87	1,06
México	0,87	0,00	0,02	0,00	0,17	0,50	
Argentina	(0,00)	-0,02	0,29	0,00	0,23	1,33	
Brasil	0,84	0,05	0,51	0,00	-0,07	0,01	
Chile	0,00	0,00	0,00	-0,01	0,01	(0,00)	
Resto do mundo	-0,83	-0,21	-0,01	0,54	0,00	-0,51	
TOTAL	0,87	1,06	0,50	1,33	0,00		
CENÁRIO 14							
EU/A	1,23	0,15	-0,05	(0,00)	-0,82	0,51	1,06
México	0,88	0,02	(0,00)	0,00	0,16	0,62	
Argentina	0,09	0,05	0,31	0,00	0,17	0,89	
Brasil	-0,01	-0,02	0,49	0,00	0,43	0,01	
Chile	(0,00)	(0,00)	0,00	-0,01	0,01	(0,00)	
Resto do mundo	-0,45	-0,21	-0,04	0,64	0,00	-0,06	
TOTAL	0,51	1,06	0,62	0,89	(0,00)		
CENÁRIO 15							
EU/A	1,26	0,00	-0,05	0,17	-0,91	0,47	1,02
México	0,89	(0,00)	(0,00)	0,02	0,12	0,50	
Argentina	(0,00)	-0,02	0,31	-0,01	0,22	0,89	
Brasil	-0,01	-0,02	0,51	-0,01	0,41	0,09	
Chile	(0,00)	(0,00)	0,00	-0,01	0,10	-0,05	
Resto do mundo	-0,40	-0,20	-0,01	0,64	-0,08		
TOTAL	0,47	1,02	0,50	0,89	0,09		
CENÁRIO 16							
EU/A	1,26	0,15	0,49	(0,00)	-0,97	0,92	1,02
México	0,87	(0,00)	(0,00)	0,00	0,15	0,60	
Argentina	0,09	-0,02	0,29	0,00	0,24	1,31	
Brasil	0,83	-0,02	0,49	0,00	0,00	0,00	
Chile	(0,00)	(0,00)	0,00	-0,01	0,02	-0,57	
Resto do mundo	-0,87	-0,20	-0,04	0,54	0,00		
TOTAL	0,92	1,02	0,60	1,31	(0,00)		
CENÁRIO 17							
EU/A	1,21	(0,00)	-0,04	(0,00)	-0,70	0,47	1,10
México	0,89	0,02	0,02	0,00	0,17	0,52	
Argentina	(0,00)	0,05	0,30	0,00	0,17	0,01	

TABLE 13a (continuation)

	EUA	MEXICO	ARGENTINA	BRASIL	CHILE	MUNDO	TOTAL
Brasil	-0,01	0,05	0,51	-0,01	0,00	0,35	0,90
Chile	(0,00)	(0,00)	0,00	(0,00)	0,01	(0,00)	(0,00)
Resto do mundo	-0,41	-0,21	-0,01	0,63	0,00	(0,00)	(0,00)
TOTAL	0,47	1,10	0,52	0,90	(0,00)	(0,00)	(0,00)
CENÁRIO 18							
EUA	1,26		(0,00)	-0,05	-0,01	-0,73	0,47
México	0,89		(0,00)	(0,00)	(0,00)	0,14	1,02
Argentina	(0,00)	-0,02		0,30	0,07	0,17	0,52
Brasil	-0,01	-0,02	0,51	0,06	0,08	0,38	0,94
Chile	(0,00)	(0,00)	0,02	0,06		-0,01	0,07
Resto do mundo	-0,41	-0,20	-0,01	0,63	-0,06	-0,06	-0,06
TOTAL	0,47	1,02	0,52	0,94	0,07	-0,06	-0,06
CENÁRIO 19							
EUA	1,26		(0,00)	-0,05	0,15	-0,89	0,47
México	0,89		(0,00)	(0,00)	0,02	0,12	1,02
Argentina	(0,00)	-0,02		0,30	0,06	0,17	0,52
Brasil	-0,01	-0,02	0,51	0,06	0,06	0,39	0,94
Chile	(0,00)	(0,00)	0,02	0,06		0,08	0,16
Resto do mundo	-0,40	-0,20	-0,01	0,63	-0,14	0,08	0,16
TOTAL	0,47	1,02	0,52	0,94	0,16	-0,13	-0,13
CENÁRIO 20							
EUA	1,21		0,15	0,49	0,15	-1,08	0,92
México	0,87	0,00	0,02	0,02	0,02	0,18	1,10
Argentina	0,09	0,05		0,29	0,06	0,14	0,63
Brasil	0,83	0,05	0,49	0,06	0,06	-0,06	1,38
Chile	(0,00)	(0,00)	0,02	0,06		0,09	0,16
Resto do mundo	-0,87	-0,21	-0,05	0,53	-0,14	0,09	0,16
TOTAL	0,92	1,10	0,63	1,38	0,16	-0,73	-0,73

NOTA:

1) Os valores entre parênteses são negativos.

2) Os resultados refletem os valores dos parâmetros de: ETAW = 12; curva chata da demanda do resto do mundo na base; parâmetros de amplitude moderada da substituidade da importação; parâmetros de amplitude mais elevada do efeito da externalidade do comércio. Ver no Apêndice 3 a análise de sensibilidade completa.

TABLE 13b
EXPORTAÇÃO BILATERAL TOTAL EM CENÁRIOS DE
EXTERNALIDADE DINÂMICA
(BASE EM BILHÕES DE DÓLARES E ALTERAÇÕES A PARTIR DA BASE)

	EUA	MEXICO	ARGENTINA	BRASIL	CHILE	MUNDO	TOTAL
EUA	16,92	0,97	4,30	1,26	327,63	351,08	
México	17,69	0,12	0,18	0,09	10,62	28,70	
Argentina	1,55	0,28	1,34	0,43	10,61	14,21	
Brasil	8,28	0,64	1,50	0,51	19,46	30,39	
Chile	1,34	0,05	0,11	0,44	8,22	10,16	
Resto do mundo	478,24	5,84	3,81	14,29	7,07	509,25	
TOTAL	507,09	23,73	6,50	20,55	9,36	376,55	
CENÁRIO 1							
EUA	2,40	0,00	(0,00)	(0,00)	-1,80	0,60	
México	0,89	0,00	0,00	0,00	1,59	2,49	
Argentina	(0,00)	0,00	0,00	0,00	(0,00)	0,00	
Brasil	-0,01	0,01	0,00	0,00	-0,01	(0,00)	
Chile	(0,00)	(0,00)	0,00	0,00	0,00	(0,00)	
Resto do mundo	-0,29	0,07	0,00	(0,00)	0,00	(0,00)	
TOTAL	0,60	2,49	0,00	(0,00)	(0,00)	-0,22	
CENÁRIO 2							
EUA	0,00	0,02	0,13	0,00	-0,16	0,00	
México	0,00	0,00	0,01	0,00	-0,01	0,00	
Argentina	0,00	0,00	0,45	0,00	0,23	0,67	
Brasil	0,00	0,00	0,54	0,00	1,84	2,38	
Chile	0,00	0,00	0,02	0,00	-0,02	0,00	
Resto do mundo	0,00	0,00	0,11	1,78	0,00	1,89	
TOTAL	0,00	0,00	2,38	0,00	1,89	1,89	
CENÁRIO 3							
EUA	2,40	0,00	0,61	(0,00)	-1,95	1,06	
México	0,88	0,00	0,00	0,00	1,60	2,48	
Argentina	0,00	0,00	0,04	0,00	-0,04	0,00	
Brasil	0,84	0,01	0,00	0,00	0,15	1,00	
Chile	(0,00)	(0,00)	0,00	0,01	0,00	(0,00)	
Resto do mundo	-0,65	0,07	0,00	0,34	0,00	(0,00)	
TOTAL	1,06	2,48	1,00	(0,00)	-0,24	-0,24	

TABLE A 13b (continuação)

	EU/A	MEXICO	ARGENTINA	BRASIL	CHILE	RESTO DO MUNDO	TOTAL
CENÁRIO 4							
EU/A	2,40	0,21	(0,00)	(0,00)	-1,96	0,65	0,65
México	0,89	0,00	0,00	0,00	1,59	2,49	2,49
Argentina	0,09	0,00	0,00	0,00	0,10	0,20	0,20
Brasil	-0,01	0,01	-0,02	0,00	0,01	(0,00)	(0,00)
Chile	(0,00)	(0,00)	0,00	0,00	0,00	(0,00)	(0,00)
Resto do mundo	-0,32	0,07	0,01	(0,00)	0,00	0,00	-0,25
TOTAL	0,65	2,49	0,20	(0,00)	(0,00)	-0,25	-0,25
CENÁRIO 5							
EU/A	2,40	0,02	0,80	(0,00)	-2,16	1,07	1,07
México	0,88	0,00	0,01	0,00	1,59	2,48	2,48
Argentina	(0,00)	0,00	0,50	0,00	0,17	0,67	0,67
Brasil	0,84	0,01	0,54	0,00	2,22	3,61	3,61
Chile	(0,00)	(0,00)	0,00	0,00	-0,03	(0,00)	(0,00)
Resto do mundo	-0,65	0,07	0,11	2,28	0,00	1,81	1,81
TOTAL	1,07	2,48	0,67	3,61	(0,00)	1,81	1,81
CENÁRIO 6							
EU/A	2,40	0,19	0,13	(0,00)	-2,07	0,66	0,66
México	0,89	0,00	0,01	0,00	1,59	2,49	2,49
Argentina	0,09	0,00	0,45	0,00	0,30	0,84	0,84
Brasil	-0,01	0,01	0,53	0,00	1,85	2,38	2,38
Chile	(0,00)	(0,00)	0,00	0,00	-0,02	(0,00)	(0,00)
Resto do mundo	-0,32	0,07	0,12	1,78	0,00	1,65	1,65
TOTAL	0,66	2,49	0,84	2,38	(0,00)	1,65	1,65
CENÁRIO 7							
EU/A	2,40	0,02	0,13	0,21	-2,16	0,61	0,61
México	0,89	0,00	0,01	0,00	1,58	2,48	2,48
Argentina	(0,00)	0,00	0,45	0,01	0,22	0,67	0,67
Brasil	-0,01	0,01	0,54	0,01	1,83	2,38	2,38
Chile	(0,00)	(0,00)	0,00	0,00	0,42	0,43	0,43
Resto do mundo	-0,28	0,07	0,11	1,78	0,21	1,88	1,88
TOTAL	0,61	2,48	0,67	2,38	0,43	1,88	1,88
CENÁRIO 8							
EU/A	2,40	0,19	0,80	0,21	-2,47	1,13	1,13
México	0,88	0,00	0,01	0,00	1,59	2,48	2,48
Argentina	0,09	0,00	0,50	0,01	0,24	0,84	0,84

TABLE A 13b (continuação)

	EU/A	MEXICO	ARGENTINA	BRASIL	CHILE	RESTO DO MUNDO	TOTAL
Brasil	0,84	0,01	0,53	0,01	2,23	3,61	3,61
Chile	(0,00)	(0,00)	0,00	0,02	0,41	0,43	0,43
Resto do mundo	-0,68	0,07	0,12	2,28	0,21	2,00	2,00
TOTAL	1,13	2,48	0,84	3,61	0,43	2,00	2,00
CENÁRIO 9							
EU/A	2,45	0,02	0,13	(0,00)	-2,00	0,60	0,60
México	0,89	0,00	0,03	0,00	1,68	2,61	2,61
Argentina	(0,00)	0,00	0,45	0,00	0,23	0,67	0,67
Brasil	-0,01	0,09	0,54	0,00	1,81	2,43	2,43
Chile	(0,00)	(0,00)	0,00	0,02	-0,02	(0,00)	(0,00)
Resto do mundo	-0,28	0,08	0,11	1,80	0,00	1,71	1,71
TOTAL	0,60	2,61	0,67	2,43	(0,00)	1,71	1,71
CENÁRIO 10							
EU/A	2,42	0,03	0,13	(0,00)	-1,98	0,60	0,60
México	0,89	0,02	0,01	0,00	1,66	2,58	2,58
Argentina	(0,00)	0,07	0,45	0,00	0,18	0,70	0,70
Brasil	-0,01	0,01	0,54	0,00	1,84	2,38	2,38
Chile	(0,00)	(0,00)	0,00	0,02	-0,02	(0,00)	(0,00)
Resto do mundo	-0,28	0,08	0,11	1,78	0,00	1,68	1,68
TOTAL	0,60	2,58	0,70	2,38	(0,00)	1,68	1,68
CENÁRIO 11							
EU/A	2,41	0,02	0,13	0,00	-1,96	0,60	0,60
México	0,89	0,00	0,01	0,02	1,57	2,49	2,49
Argentina	(0,00)	0,00	0,45	0,00	0,23	0,67	0,67
Brasil	-0,01	0,01	0,54	0,00	1,84	2,38	2,38
Chile	(0,00)	(0,00)	0,00	0,02	0,02	0,03	0,03
Resto do mundo	-0,28	0,07	0,11	1,78	0,01	1,69	1,69
TOTAL	0,60	2,49	0,67	2,38	0,03	1,69	1,69
CENÁRIO 12							
EU/A	2,46	0,03	0,13	0,00	-2,02	0,60	0,60
México	0,89	0,02	0,03	0,02	1,74	2,70	2,70
Argentina	(0,00)	0,07	0,45	0,00	0,18	0,70	0,70
Brasil	-0,01	0,09	0,54	0,00	1,81	2,43	2,43
Chile	(0,00)	(0,00)	0,00	0,02	0,02	0,03	0,03
Resto do mundo	-0,28	0,08	0,11	1,80	0,01	1,73	1,73
TOTAL	0,60	2,70	0,70	2,43	0,03	1,73	1,73

TABELA 13b (continuação)

	EUA	MÉXICO	ARGENTINA	BRASIL	CHILE	RESTO DO MUNDO	TOTAL
CENÁRIO 13							
EUA	0,88	2,44	0,02	0,80	(0,00)	-2,20	1,07
México	(0,00)	0,00	0,00	0,03	0,00	1,69	2,61
Argentina	0,84	0,09	0,54	0,50	0,00	0,17	0,67
Brasil	(0,00)	(0,00)	0,00	0,03	0,00	2,20	3,66
Chile	-0,65	0,08	0,11	2,30	0,00	-0,03	(0,00)
Resto do mundo	1,07	2,61	0,67	3,66	(0,00)	1,84	1,84
TOTAL							
CENÁRIO 14							
EUA	0,89	2,42	0,19	0,13	(0,00)	-2,09	0,66
México	0,09	0,07	0,03	0,01	0,00	1,66	2,58
Argentina	-0,01	0,01	0,53	0,45	0,00	0,26	0,87
Brasil	(0,00)	(0,00)	0,00	0,02	0,00	1,85	2,38
Chile	-0,32	0,08	0,12	1,78	0,00	-0,02	(0,00)
Resto do mundo	0,66	2,58	0,87	2,38	(0,00)	1,66	1,66
TOTAL							
CENÁRIO 15							
EUA	0,89	2,40	0,02	0,13	0,21	-2,16	0,61
México	(0,00)	0,00	0,00	0,01	0,02	1,56	2,49
Argentina	-0,01	0,01	0,54	0,45	0,01	0,22	0,67
Brasil	(0,00)	(0,00)	0,00	0,02	0,01	1,83	2,38
Chile	-0,28	0,07	0,11	1,78	0,22	0,45	0,47
Resto do mundo	0,61	2,49	0,67	2,38	0,47	1,90	1,90
TOTAL							
CENÁRIO 16							
EUA	0,88	2,40	0,19	0,80	(0,00)	-2,27	1,12
México	0,09	0,00	0,00	0,01	0,00	1,59	2,48
Argentina	0,84	0,01	0,53	0,50	0,00	0,25	0,84
Brasil	(0,00)	(0,00)	0,00	0,02	0,00	2,24	3,61
Chile	-0,69	0,07	0,12	2,28	0,00	-0,03	(0,00)
Resto do mundo	1,12	2,48	0,84	3,61	(0,00)	1,78	1,78
TOTAL							
CENÁRIO 17							
EUA	0,89	2,46	0,03	0,13	(0,00)	-2,02	0,60
México	(0,00)	0,07	0,02	0,03	0,00	1,76	2,70
Argentina	-0,01	0,09	0,54	0,45	0,00	0,18	0,70
Brasil					0,00	1,81	2,43
TOTAL							

TABELA 13b (continuação)

	EUA	MÉXICO	ARGENTINA	BRASIL	CHILE	RESTO DO MUNDO	TOTAL
Chile	(0,00)	(0,00)	0,00	0,02	0,01	-0,02	(0,00)
Resto do mundo	-0,28	0,08	0,11	1,80	0,00	1,71	1,71
TOTAL	0,60	2,70	0,70	2,43	(0,00)		
CENÁRIO 18							
EUA	0,89	2,40	0,02	0,14	0,01	-1,98	0,60
México	(0,00)	0,00	0,00	0,01	0,00	1,58	2,49
Argentina	-0,01	0,01	0,54	0,34	0,08	0,16	0,70
Brasil	(0,00)	(0,00)	0,03	0,09	0,09	1,89	2,52
Chile	-0,28	0,07	0,11	1,84	0,14	0,21	0,31
Resto do mundo	0,60	2,49	0,70	2,52	0,31	1,87	1,87
TOTAL							
CENÁRIO 19							
EUA	0,89	2,40	0,02	0,14	0,23	-2,19	0,61
México	(0,00)	0,00	0,00	0,01	0,02	1,56	2,49
Argentina	-0,01	0,01	0,54	0,45	0,09	0,15	0,70
Brasil	(0,00)	(0,00)	0,03	0,09	0,09	1,89	2,52
Chile	-0,28	0,07	0,11	1,84	0,36	0,68	0,79
Resto do mundo	0,61	2,49	0,70	2,52	0,79	2,09	2,09
TOTAL							
CENÁRIO 20							
EUA	0,88	2,46	0,19	0,81	0,23	-2,56	1,13
México	0,09	0,07	0,03	0,03	0,02	1,74	2,70
Argentina	0,84	0,09	0,52	0,51	0,09	0,12	0,89
Brasil	(0,00)	(0,00)	0,03	0,10	0,09	2,27	3,81
Chile	-0,68	0,08	0,13	2,37	0,36	0,67	0,79
Resto do mundo	1,13	2,70	0,89	3,81	0,79	2,25	2,25
TOTAL							

NOTA:

1) Os valores entre parênteses são negativos.

2) Os resultados refletem os valores dos parâmetros de: EFAW = 12, curva chata da demanda do mundo na base; parâmetros de amplitude moderada da substitutibilidade da importação; parâmetros de amplitude mais elevada do efeito da externalidade do comércio. Ver no Apêndice 3 a análise de sensibilidade completa.

relativamente favorecida dos Estados Unidos devido aos efeitos da externalidade baseados no NAFTA. A exportação total e intra-regional do Brasil e da Argentina declina no cenário NAFTA estático, tornando-se, porém, ligeiramente positiva no cenário da externalidade. Tanto nos resultados de estática comparativa quanto nos da externalidade, entretanto, o desempenho comercial do Brasil e da Argentina ficam bem atrás dos parceiros do NAFTA (tabela 11a e 11b). Esta ampliação da diferença deve-se tanto ao efeito de desvio comercial do NAFTA quanto a um declínio na exportação total do Brasil e da Argentina, assinalando a dificuldade de redirecionar completamente sua exportação da América do Norte para o resto do mundo.

Deve-se observar, entretanto, que estes resultados também indicam que o NAFTA gera muito mais criação de mercado do que desvio. A exportação total intra-regional do hemisfério nas tabelas 11a e 11b cresce 3,6% e 5,7%, suplantando de muito, tanto o declínio nas exportações do Brasil e da Argentina, quanto o declínio do comércio com o resto do mundo. Embora realmente decline a exportação total dos Estados Unidos, assim como a exportação total extra-regional do hemisfério, ainda são muito maiores os números do comércio criado no hemisfério do que do comércio desviado do resto do mundo. O México realmente aumenta sua exportação para os Estados Unidos e para fora do Hemisfério por causa do NAFTA, o que não acontece com sua exportação para o Brasil e a Argentina (tabela 13). A tabela 11b indica, de fato, que os efeitos da externalidade do NAFTA realmente reduzem os efeitos de estática comparativa do desvio do comércio sobre a exportação e a importação com o resto do mundo, basicamente devido ao aumento da importação extra-regional pelo México.¹³

O impacto do Mercosul: O cenário 2 simula a eliminação das barreiras tarifárias entre o Brasil e a Argentina, ao mesmo tempo que restabelece a redução das barreiras tarifárias e não-tarifárias entre os Estados Unidos e o México, pelo NAFTA. Este cenário simula a imposição de uma tarifa externa comum a partir de 1º de janeiro de 1995, presumindo

13. Esse resultado é uma prova que pode ajudar a confirmar a proposta teórica de que os efeitos da dinâmica da integração regional podem suplantam seus impactos de desvio de comércio. Ver Chichinsky (1992) e Gunter (1993).

que o NAFTA nunca foi implantado. Como demonstram as tabelas 10a e 10b, o impacto do Mercosul sobre o PIB mais do que supera qualquer impacto negativo do NAFTA sobre o Brasil e a Argentina em termos estáticos, representando importante melhoria em termos de externalidade para os membros do Mercosul, especialmente para o Brasil.

Como o NAFTA, o Mercosul também tem um ligeiro impacto negativo sobre os outros países da América Latina que não foram incluídos em seu mercado comum (como o México e o Chile). O impacto sobre os Estados Unidos é também negativo, mas é muito mais sensível a hipóteses referentes à capacidade de redirecionar o comércio para o resto do mundo.¹⁴ Como se pode ver na tabela 11, o Mercosul causa um enorme aumento na exportação intra-regional dentre seus países-membros (4,7% para o Brasil e 8,45% para a Argentina), deslocando a exportação dos países não-membros do Mercosul.

O Mercosul, entretanto, gera muito mais criação de comércio do que desvio de comércio, embora de início isto ocorra menos do que com o NAFTA. A exportação intra-regional total do hemisfério nas tabelas 11a e 11b cresce em 1,3% e 2,0%, suplantando o declínio na exportação dos Estados Unidos, do México e do Chile. O comércio total com o resto do mundo poderia realmente aumentar, embora isto também seja sensível às hipóteses de demanda global. A tabela 11b indica, de fato, que os efeitos da externalidade do Mercosul na verdade eliminam o desvio comercial de estática comparativa dentro do Hemisfério e com o resto do mundo, em virtude, basicamente, de uma resposta muito favorável aos efeitos da externalidade do comércio por parte da economia do Brasil.

O impacto do livre comércio do Chile com o NAFTA e o Mercosul: O Chile é negativamente afetado pela formação tanto do NAFTA quanto do Mercosul (tabela 10). O NAFTA atinge negativamente o Chile, mais do que o Brasil e a Argentina, embora, como é interessante notar, o México sofresse ligeiramente mais desvio de comércio por causa do Mercosul. Entretanto o Chile, como os outros países menores da América Latina, está, claramente, em uma posição muito vulnerável por ter sido

14. O impacto sobre os Estados Unidos é sensível à hipótese referente à inclinação da função demanda do resto do mundo (ETWA). Quanto mais inclinada, e, portanto, quanto mais difícil for redirecionar a exportação para o resto do mundo, mais alto será o impacto negativo sobre os Estados Unidos. Ver o Apêndice 3 para maiores detalhes.

TABELA 14a
CLASSIFICAÇÃO POR PIB PARA OS CENÁRIOS DE EXTERNALIDADE DINÂMICA
(ALTERAÇÃO PERCENTUAL NO PIB)

	EUA		MÉXICO		BRASIL		ARGENTINA		CHILE		TOTAIS	
	Classif.	PIB	Classif.	PIB	Classif.	PIB	Classif.	PIB	Classif.	PIB	Classif.	PIB
1 NAFTA	20	0.0036	17	0,2269	20	0,1186	20	0,1287	19	0,1367	20	0,0253
2 Mercosul	16	0.0036	12	0,2269	13	0,1175	14	0,1267	20	0,1366	8	0,0245
3 NAFTA + EUBR	8	0.0036	20	0,2262	5	0,1172	6	0,1246	15	0,0822	16	0,0241
4 NAFTA + EUAR	13	0.0034	14	0,2227	16	0,1172	8	0,1246	7	0,0772	13	0,0237
5 N + M + EUBR	3	0.0034	10	0,2227	8	0,1172	16	0,1246	8	0,0771	5	0,0235
6 N + M + EUAR	5	0.0034	9	0,2224	18	0,1032	10	0,1119	18	0,0560	19	0,0217
7 N + M + EUCH	14	0.0021	13	0,2220	19	0,1032	17	0,1119	12	0,0042	14	0,0217
8 N + M + EUCEN	6	0.0021	4	0,2182	12	0,1023	12	0,1119	11	0,0042	6	0,0214
9 N + M + MXBR	4	0.0021	1	0,2182	17	0,1023	19	0,1118	2	0,0000	18	0,0213
10 N + M + MXAR	12	0.0019	6	0,2182	9	0,1023	18	0,1118	17	-0,0012	15	0,0213
11 N + M + MXCH	17	0.0019	18	0,2182	2	0,1022	2	0,1097	14	-0,0012	12	0,0213
12 N + M + MXCEN	10	0.0019	11	0,2181	14	0,1020	13	0,1097	10	-0,0012	7	0,0212
13 NAFBR + MRC	9	0.0019	7	0,2178	10	0,1020	9	0,1097	4	-0,0012	17	0,0212
14 NAFAR + MRC	11	0.0019	16	0,2178	6	0,1020	11	0,1097	9	-0,0012	10	0,0211
15 NAFCH + MRC	18	0.0019	5	0,2177	11	0,1020	5	0,1097	1	-0,0012	9	0,0210
16 EUMERC	1	0.0019	19	0,2177	7	0,1020	7	0,1097	6	-0,0012	11	0,0209
17 MXMERC	19	0.0019	15	0,2177	15	0,1020	15	0,1097	13	-0,0012	2	0,0212
18 CHMERC	15	0.0019	3	0,2177	3	0,0160	4	0,0220	16	-0,0012	3	0,0215
19 NACH + CHMRC	7	0.0018	8	0,2174	4	-0,0002	1	0,0000	5	-0,0012	4	0,0095
20 WHFTA	2	0.0000	2	0,0000	1	-0,0002	3	0,0000	3	-0,0012	1	0,0087

NOTA:
1) Os valores entre parênteses são negativos.
2) Os resultados refletem os valores dos parâmetros de: ETAW = 12; curva chata da demanda do resto do mundo na base; parâmetros de amplitude moderada da substituíbilidade da importação; parâmetros de amplitude mais elevada do efeito da externalidade do comércio. Ver no Apêndice 3 a análise de sensibilidade completa.

TABELA 14b
CLASSIFICAÇÃO POR PIB PARA OS CENÁRIOS DE EXTERNALIDADE DINÂMICA
(ALTERAÇÃO PERCENTUAL NO PIB)

	EUA		MÉXICO		BRASIL		ARGENTINA		CHILE		TOTAIS	
	Classif.	PIB	Classif.	PIB	Classif.	PIB	Classif.	PIB	Classif.	PIB	Classif.	PIB
1 NAFTA	20	0,0397	12	5,0563	20	7,0450	20	4,2803	19	4,3164	20	0,9713
2 Mercosul	8	0,0395	17	5,0549	13	6,7869	14	4,1502	20	4,3153	8	0,9083
3 NAFTA + EUBR	16	0,0394	20	5,0523	16	6,6854	16	3,9948	15	2,5461	16	0,8959
4 NAFTA + EUAR	13	0,0375	9	4,8948	5	6,6854	8	3,9947	7	2,3615	13	0,8816
5 N + M + EUBR	5	0,0374	13	4,8925	8	6,6850	6	3,9947	8	2,3607	5	0,8650
6 N + M + EUAR	3	0,0373	10	4,8315	18	4,7538	10	3,0543	18	1,7342	19	0,7033
7 N + M + EUCH	6	0,0230	14	4,8314	19	4,7535	17	3,0543	11	0,1728	14	0,6949
8 N + M + EUCEN	14	0,0230	11	4,6732	9	4,6026	12	3,0543	12	0,1726	18	0,6897
9 N + M + MXBR	4	0,0229	1	4,6722	17	4,6025	18	3,0296	2	-0,0002	6	0,6855
10 N + M + MXAR	19	0,0212	4	4,6721	12	4,6025	19	3,0296	4	-0,0082	12	0,6813
11 N + M + MXCH	15	0,0212	18	4,6718	2	4,5123	2	2,8998	1	-0,0082	17	0,6802
12 N + M + MXCEN	7	0,0212	6	4,6718	6	4,5047	5	2,8995	6	-0,0084	9	0,6709
13 NAFBR + MRC	12	0,0211	19	4,6715	11	4,5047	13	2,8995	14	-0,0085	15	0,6681
14 NAFAR + MRC	9	0,0211	15	4,6715	14	4,5047	11	2,8995	10	-0,0085	7	0,6671
15 NAFCH + MRC	17	0,0211	7	4,6700	10	4,5047	9	2,8995	9	-0,0085	11	0,6640
16 EUMERC	11	0,0210	3	4,6699	7	4,5044	7	2,8995	17	-0,0086	11	0,6556
17 MXMERC	18	0,0210	5	4,6694	15	4,5044	15	2,8995	3	-0,0088	12	0,6481
18 CHMERC	10	0,0210	16	4,6694	3	1,8006	4	1,2897	16	-0,0090	3	0,3474
19 NACH + CHMRC	1	0,0209	8	4,6677	4	-0,0062	3	-0,0002	5	-0,0090	4	0,2067
20 WHFTA	2	0,0001	2	-0,0002	1	-0,0062	1	-0,0002	13	-0,0091	1	0,1707

NOTA:
1) Os valores entre parênteses são negativos.
2) Os resultados refletem os valores dos parâmetros de: ETAW = 12; curva chata da demanda do resto do mundo na base; parâmetros de amplitude moderada da substituíbilidade da importação; parâmetros de amplitude mais elevada do efeito da externalidade do comércio. Ver no Apêndice 3 a análise de sensibilidade completa.

deixado fora dos principais arranjos comerciais sub-regionais. Sofreria ainda mais desvio de comércio, se houvesse um arranjo de livre comércio entre os membros do NAFTA e do Mercosul.

O Chile também tem condições de beneficiar-se amplamente através de uma adesão aos arranjos comerciais regionais, de vez que uma ampla liberalização no hemisfério (cenário 20) produziria mais benefícios estáticos para o Chile do que os que caberiam ao Brasil, à Argentina e aos Estados Unidos (tabela 10a). Aderir ao NAFTA (cenário 15) traz mais benefícios para o Chile do que ter livre comércio com o Mercosul. Aderir aos dois acordos (cenário 19) é ligeiramente mais vantajoso do que o livre comércio em todo o hemisfério, permitindo ao Chile tornar-se um centro regional e usufruir os efeitos do desvio de comércio causados pela proteção, que continuaria a ser praticada dentre seus diversos parceiros-raios.

Trajetórias alternativas de expansão do NAFTA e do Mercosul: Os cenários de 3 a 20 apresentam vias alternativas pós-NAFTA e Mercosul para a expansão da liberalização do comércio, incluindo-se uma variedade de arranjos centro-e-raios assim como um WHFTA. O impacto destes cenários alternativos sobre cada um dos quatro principais países do hemisfério indica um complexo problema de ação coletiva que os países da região terão que resolver se quiserem alcançar um ótimo padrão regional de integração. Os resultados revelam que, ao mesmo tempo em que a primeira e melhor opção em comum para a maioria dos países e para a região como um todo é um Acordo de Livre Comércio do Hemisfério Ocidental (cenário 20), existe também um conjunto muito divergente de segundas e terceiras melhores opções para cada país da região. Se os países não encontrarem um meio de cooperar para a construção de um acordo de livre comércio ao âmbito do hemisfério, há o perigo de que a região caia em uma competição divisiva ao buscar, cada um, sua segunda melhor opção. Tal situação iria não só iniciar uma competição de alto risco entre o NAFTA e o Mercosul, como também revelaria um forte conflito de preferências entre os respectivos países-membros.

A tabela 14 resume a ordem das preferências de cada país dentre os vários cenários possíveis, revelando um grande número de ordens de preferências claramente conflitantes. De início, é importante observar que a maioria dos países grandes da região (Estados Unidos, Brasil e

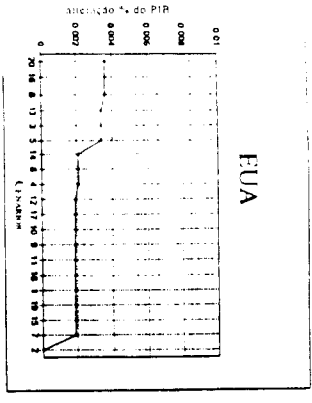
Argentina) têm em comum a primeira opção por um WHFTA por cima de um arranjo centro-e-raios. O Chile e o México, por outro lado, teriam uma ligeira preferência por serem um centro regional. Destes resultados a boa notícia é que os arranjos centro-e-raios são inferiores a um livre comércio em todo o hemisfério ou senão aportam, do desvio de comércio, benefícios apenas marginais. A má notícia, claro, é que a incapacidade de realizar um livre comércio em todo o hemisfério faz dos arranjos centro-e-raios a alternativa mais atraente.

Um segundo resultado importante é que todos os países têm um incentivo para irem além do atual *status quo*, devido aos ganhos em potencial e às razões de defesa. A simples permanência nos acordos comerciais ora em curso é uma preferência remota para todos os membros do NAFTA e do Mercosul, sendo que para o Chile é altamente negativa. Enquanto todos os países tiverem incentivos para ir além do *status quo*, o modo pelo qual um país procure expandir suas relações comerciais terá implicações (geralmente negativas) para os outros, incentivando, assim, todos os países e agir pelo menos defensivamente.

Afora a importante coincidência dos incentivos para ir além do *status quo* e apoiar o livre comércio no hemisfério, a ordem de preferências entre os cenários alternativos para os países da região é altamente conflitante e complexa. Em geral, a ordem de preferência de cada país tem, em primeiro lugar, uma tentativa de maximizar seu próprio acesso aos mercados, excluindo, ao mesmo tempo, seus parceiros comerciais desse acesso. O segundo conjunto de opções é compartilhar o acesso a terceiros países com parceiros do bloco comercial, permitindo adesões aos acordos de livre comércio vigentes. O conjunto menos atraente de opções para cada país é, claro, ficar sem acesso a um mercado ao qual seus parceiros têm livre acesso.

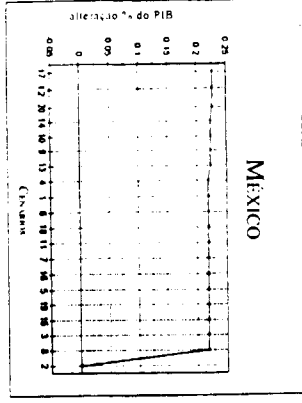
A ordenação das preferências de cada país pode ser visualizada como uma série de degraus em cascata vistos nas figuras 1a e 1b. No caso dos parceiros do NAFTA, a primeira e a segunda opção de cada país, seu degrau superior, é fazer parte de um WHFTA (cenário 20) ou ser o centro de FTAs preferenciais fora do NAFTA. Assim, os Estados Unidos preferem os cenários 8 e 16, enquanto que o México dá primazia aos cenários 12 e 17. Note-se que a segunda opção de cenário para cada país na ausência de um WHFTA é uma das últimas na lista de preferência do outro parceiro do NAFTA, levantando imediatamente o fantasma de um

Figura 1a
 ESTADÍSTICA COMPARATIVA
 ALTERAÇÃO PERCENTUAL DO PIB

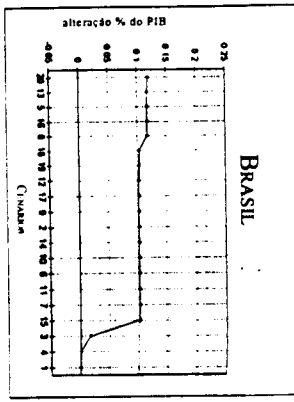


EUA

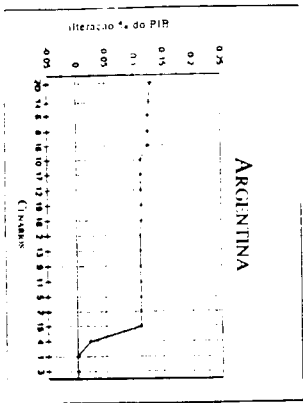
- CENARIOS
- 1 NAFTA
 - 2 Mercosul
 - 3 NAFTA+EUBR
 - 4 NAFTA+EUAR
 - 5 N+M+EUBR
 - 6 N+M+EUAR
 - 7 N+M+EUCH
 - 8 N+M+EUEN
 - 9 N+M+MXBR
 - 10 N+M+MXAR
 - 11 N+M+MXCH
 - 12 N+M+MXCEN
 - 13 NAFBR+MRC
 - 14 NAFAR+MRC
 - 15 NAFCH+MRC
 - 16 EUMERC
 - 17 MXMERC
 - 18 CHMERC
 - 19 NACH+CHMERC
 - 20 WH/FTA



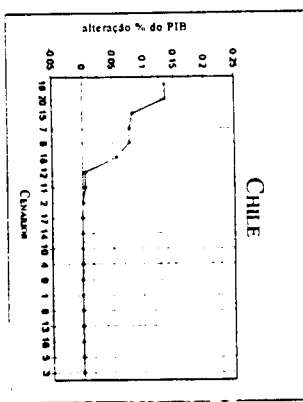
MEXICO



BRASIL

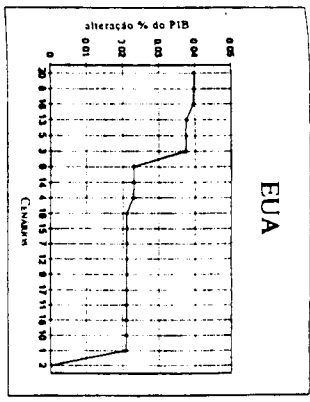


ARGENTINA



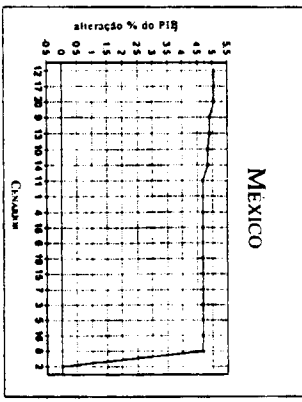
CHILE

Figura 1b
 CENARIOS DE EXTERNALIDADE
 ALTERAÇÃO PERCENTUAL DO PIB

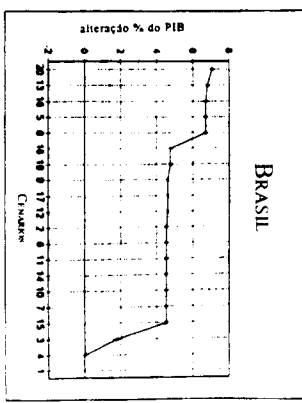


EUA

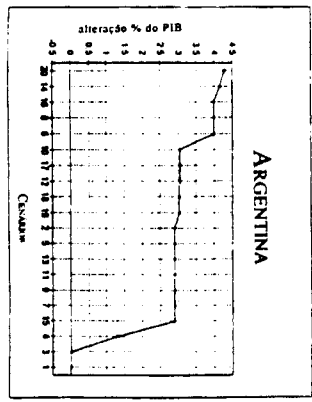
- CENARIOS
- 1 NAFTA
 - 2 Mercosul
 - 3 NAFTA+EUAR
 - 4 NAFTA+EUAR
 - 5 N+M+EUAR
 - 6 N+M+EUAR
 - 7 N+M+EUAR
 - 8 N+M+EUEN
 - 9 N+M+MXBR
 - 10 N+M+MXAR
 - 11 N+M+MXCH
 - 12 N+M+MXCEN
 - 13 NAFBR+MRC
 - 14 NAFAR+MRC
 - 15 NAFCH+MRC
 - 16 EUMERC
 - 17 MXMERC
 - 18 CHMERC
 - 19 NACH+CHMERC
 - 20 WH/FTA



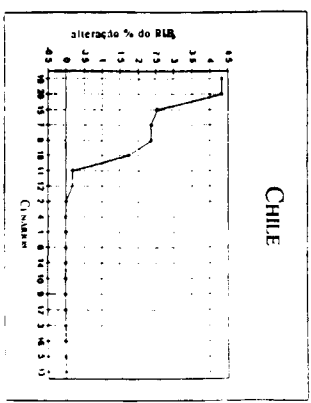
MEXICO



BRASIL



ARGENTINA



CHILE

conflito em potencial. Este conflito envolveria o Mercosul, já que os membros de cada parceiro do NAFTA em que ele seria o "centro" equivaleriam a arranjos com o Mercosul do tipo "4 + 1". O terceiro cenário, de opções, consiste em estabelecer FTAs individuais ou adesões ao NAFTA com terceiros países. Cada país mantém suas próprias preferências com relação ao terceiro país com quem negociaria: os Estados Unidos preferem o livre comércio com o Brasil, enquanto que o México escolhe a Argentina. Como veremos mais adiante, tanto o Brasil quanto a Argentina preferem os Estados Unidos como possível parceiro do NAFTA. Os dois parceiros também discordam sobre os cenários de que menos gostam. O que os Estados Unidos menos desejam, naturalmente, é que o México seja o centro de uma relação "4 + 1" com o Mercosul, que realmente, sob a perspectiva americana, poderia ser pior do que um simples NAFTA, sem outras extensões. Para o México, seus cenários menos atraentes são, igualmente, aqueles nos quais os Estados Unidos ganhem acesso exclusivo aos países do Mercosul. É interessante notar, porém, que os Estados Unidos preferem quase que qualquer expansão além do NAFTA, mesmo que ajude o México a tornar-se um centro, já que os ganhos que teriam os Estados Unidos com qualquer crescimento do México suplantam todos os possíveis efeitos de desvio de comércio. O México, por outro lado, preferiria um simples NAFTA a qualquer tentativa, por parte dos Estados Unidos, de expandir suas conexões comerciais sem o México, enfraquecendo, então, seu acesso preferencial. Os dois países concordam, entretanto, que o Mercosul sem o NAFTA é a pior opção.

Já os dois parceiros do Mercosul, enquanto concordam com um WHFTA (cenário 20) como primeira opção, têm, cada um, como segunda escolha o acesso preferencial ao NAFTA, com a exclusão dos demais países do Mercosul. Assim, a segunda opção do Brasil é o cenário 13, enquanto que a Argentina prefere o cenário 14. Note-se, mais uma vez, que o cenário de segunda opção para cada país está entre os menos desejados pelo outro parceiro do Mercosul, levantando o fantasma de um possível conflito intra-Mercosul relacionado com a política do NAFTA. Outro conjunto de preferências, indo da terceira à quinta opções de cada país, consiste no estabelecimento de uma conexão "4 + 1" com um membro do NAFTA ou em estabelecer FTAs individuais fora do Mercosul com terceiros países que sejam membros do NAFTA. Mais uma

vez, cada parceiro prefere ter acesso exclusivo ao mercado americano em vez de não conseguir assegurar o acesso ao mercado americano, cada país tem uma interessante divergência de interesses quanto a qual outro país latino-americano deva ser incorporado ao Mercosul: o Brasil prefere o Chile, enquanto que a Argentina, o México. Após uma 11ª preferência em comum para o Mercosul, cada país segue com um conjunto divergente de preferências, o que indica áreas evidentes de desacordo. O que o Brasil menos quer é que a Argentina tenha acesso preferencial aos países do NAFTA, enquanto que para a Argentina os piores cenários são também aqueles em que o Brasil ganha acesso exclusivo aos países do NAFTA. O NAFTA ou a adesão do outro país ao NAFTA, na ausência do Mercosul (cenários 1, 3 e 4), são a pior opção para cada país.

A posição do Chile é talvez indicativa da maneira pela qual as opções pelo livre comércio no hemisfério possuem afetar os interesses de outros países menores da América Latina. Como o México, a primeira opção do Chile é ter acesso preferencial não só ao NAFTA como ao Mercosul (cenário 19), seguida de perto pelo WHFTA (figura 1). O nível seguinte de preferências (cenários 15, 7 e 8) baseia-se no acesso ao mercado americano, seja através da adesão ao NAFTA, seja diretamente, por meio de um acordo bilateral. O Chile ganharia 31% mais aderindo ao NAFTA do que tendo livre comércio com o Mercosul, que é a sexta preferência daquele país.

Embora o Chile possa preferir o NAFTA ao Mercosul, os resultados mostram que o livre comércio com o Chile constitui uma das últimas opções para os países do NAFTA. Tanto para os Estados Unidos quanto para o México, os resultados estáticos mostram que o livre comércio com o Chile é, na verdade, menos vantajoso até do que não expandir o NAFTA (tabela 17a), embora isto ocorra menos no caso dos cenários de externalidade (tabela 17b). Já o Brasil e a Argentina, por outro lado, preferem expandir o Mercosul para incluir o livre comércio com o Chile, embora isto não figure entre as primeiras opções do Chile.

Área de Livre Comércio do Hemisfério Ocidental: O que seria uma alternativa para as diversas configurações centro-e-raios em discussão enquanto vias de integração regional pós-NAFTA é a formação de uma

única Área de Livre Comércio do Hemisfério Ocidental (WHFTA). No cenário 20 eliminamos toda a proteção tarifária e não-tarifária entre todos os principais países do hemisfério ocidental, mantendo, ao mesmo tempo, para todos os países, os níveis de proteção pré-GATT com o resto do mundo. Assim, o cenário 20 simula a criação de um WHFTA estendendo multilateralmente todas as barreiras de tarifa zero e não-tarifárias dentre um número maior de membros.

Embora o cenário 20 apareça como o melhor resultado para o crescimento regional e a exportação, continuam, entretanto, a existir diversas complicações em termos de ação coletiva. O cenário 20 é o resultado preferencial para a maioria dos países da região como também o é para a região como um todo, em termos tanto de PIB real quanto de comércio total (tabelas 10a e 10b).

Por fim, o resto do mundo sofre evidentemente mais desvio de comércio com o cenário 20 do que com todos os outros cenários, mesmo sendo o total da criação de comércio no hemisfério muito superior do que com o NAFTA (tabela 10). É, porém, importante notar que o desvio de comércio do resto do mundo na verdade decresce quando se comparam os ganhos de externalidade advindos da integração (tabela 10b) com os resultados da estática comparativa (tabela 10a), confirmando, mais uma vez, as previsões teóricas feitas neste sentido.

PROBLEMAS E SOLUÇÕES DE AÇÃO COLETIVA

Dada esta estrutura de preferências regionais e nacionais agregadas, por que razão iriam os países do hemisfério percorrer uma via menos ótima com vistas à integração regional? Que forma de interação estratégica pode ser prevista para que, dentro dela, os países decidam cooperar e agir coletivamente para a construção de uma ordem economicamente melhor no hemisfério?

A formação de um acordo de integração regional não pode ser vista como um processo motivado simplesmente pela maximização do bem-estar econômico possível. A decisão de participar de uma crescente

integração no hemisfério deve, isto sim, ser encarada como o reflexo de um cálculo complexo, por parte de cada país individualmente, referente a uma série de *trade-offs* estratégicos. Tanto na América do Norte quanto na América do Sul, os países serão motivados a maximizar os possíveis benefícios econômicos da interdependência, ao mesmo tempo em que minimizam os riscos políticos dos custos dos ajustes e dos realinhamentos políticos. Este cálculo dependerá crucialmente do grau de previsibilidade e de certeza que têm os países no tocante à possibilidade de uma negociação de fato concluída e de que produza razoável simetria de benefícios, em comparação com o preço político que se percebe que será pago, em nível nacional e internacional, na tentativa de chegar-se a um acordo.¹⁵

O cenário escolhido por um país como sendo sua melhor estratégia será, portanto, uma função da maximização do benefício previsto e da minimização dos riscos. Os cenários alternativos aqui apresentados são vistos como associados a diferentes graus de certeza de resultados para cada país, gerando, assim, a formação de um problema de ação coletiva no hemisfério. A escolha de um WHFTA como o melhor cenário ser ou não considerada uma opção irá depender da formação de um bem coletivo ainda não existente: um processo de negociações multilaterais que possa produzir conclusões com razoável certeza e que possa ser considerado razoavelmente justo. Quanto mais baseada em multilateralidade for a opção, e quanto mais atores envolvidos, menos certo parece ser o resultado, especialmente se também houver um incentivo material para que os países abandonem uma estratégia bilateral individual. O bilateralismo ou as adesões individuais a acordos existentes, por outro lado, são atualmente encarados como as possibilidades de maior certeza, previsibilidade e controle, em especial porque o bilateralismo pode ser considerado localmente muito bom como segunda opção. O bilateralismo, entretanto, não parece ser uma via para a completa integração regional, podendo produzir fragmentação divisiva em virtude dos incentivos embutidos às práticas exclusionárias.

15. Em entrevistas recentes com líderes políticos do México e dos Estados Unidos sobre o início da formação do NAFTA, frisou-se que o México decidiu prosseguir com as negociações do NAFTA devido ao cálculo de que os custos políticos de mudar a tradicional posição nacionalista do México para com os Estados Unidos e os custos econômicos de abrir a economia mexicana valiam os riscos por causa da conexão especial entre os Estados Unidos e o México, incluindo-se a dinâmica da segurança nacional.

A questão central torna-se, então, a certeza de que uma negociação em nível de hemisfério possa ser concluída, e um acordo simétrico alcançado, comparando-se com os custos políticos (nacionais e internacionais) associados à tentativa de negociar um acordo e recompensar os eventuais perdedores dentro do país. Este processo pode ser analisado em termos da teoria dos jogos como um processo de maximização com restrições com diferentes participantes envolvidos em negociações interativas.¹⁶ Pode ser avaliado como um problema de ação coletiva a dois níveis entre atores da classe econômica e administradores de Estado, entre os países de norte a sul e dentro de cada país, todos defrontando-se com várias restrições.

O cálculo específico deste *trade-off* por parte de cada governo depende da posição de cada país no sistema econômico e de Estado do hemisfério, assim como da estrutura de relações Estado/sociedade dentro do país, já que os dois limitam as ações de um governo. Em escala global, são estas estruturas institucionais nacionais e internacionais que delimitam a amplitude das opções estrategicamente possíveis.

Os países latino-americanos defrontam-se com importantes *trade-offs* ao abrirem-se para o comércio com um mercado economicamente muito mais avançado em troca de eventual acesso aos mercados norte-americanos e de uma redução dos 'prêmios de risco' para os investidores estrangeiros. O significado econômico desta barganha dependerá da importância relativa dos laços de cada economia da ALC com os Estados Unidos tanto em termos de uma fatia do PIB quanto de sua importância relativa no que concerne ao comércio total e às relações financeiras.

Para os países latino-americanos, os eventuais benefícios de um WHFTA consistem em acesso mais garantido ao mercado dos Estados Unidos através de procedimentos regulamentados e de um seguro contra novas restrições; insumos mais baratos e acesso à tecnologia com eventuais efeitos de economias de escala; e um efeito *lock-in* sobre as reformas quando os países buscam uma redução nas taxas de desconto dos inves-

16. Ver Hinojosa (1989), Hinojosa e McCleery (1992).

timentos.¹⁷ Os países grandes podem-se tornar mais atraentes para os investimentos diretos estrangeiros (IDE) devido às considerações de economias de escala e de escopo por parte dos investidores multinacionais dentro de um WHFTA.¹⁸ Todos os países serão atraídos para um WHFTA por motivos defensivos, tentando não ficar de fora de qualquer eventual arranjo.

Estes benefícios têm que ser equilibrados com os custos associados à política de ajuste de mão-de-obra e à exposição das empresas locais à competição com as empresas de recursos e escala global; reduções de tarifa assimetricamente maiores e liberalizações financeiras que poderiam exacerbar os déficits comerciais e os riscos macroeconômicos; flexibilidade limitada das ações de política a curto prazo assim como a perda de algumas ferramentas de política industrial e de desenvolvimento; e eventuais problemas geopolíticos e/ou retaliação por parte de terceiros parceiros comerciais.

O MERCOSUL E O CONE SUL

O Brasil e a Argentina percebem que entrar no NAFTA ou em uma Área de Livre Comércio do hemisfério ocidental poderia levar à retalia-

17. Thomas (1995: p. 5) apresenta uma declaração muito explícita sobre o modo pelo qual investidores e banqueiros consideram o impacto do NAFTA: "Gostaria de examinar alguns detalhes do que o NAFTA faz realmente. Estou certo de que todos nós acreditamos que *umentado* é a palavra certa para o impacto do NAFTA, dadas as fortes tendências positivas que havia nos princípios básicos muito antes do NAFTA começar. A passagem do NAFTA, porém, combinada com aqueles princípios básicos, tem um impacto maior do que a soma de suas partes.

• Ele envia um sinal muito forte para os investidores — tanto os mexicanos quanto todos os demais — que as reformas Salinas e de la Madrid são irreversíveis. O que, por sua vez, significa melhor base de retorno de risco para os investidores do México e no México: mais precisamente, vemos uma tendência em direção a:

a) Horizontes de tempo mais longos nas decisões de investimento.

b) Taxas de desconto mais baixas.

c) Um aumento no fluxo dos investimentos.

• E, também, um sinal importante para os demais países latino-americanos dos benefícios da liberalização econômica e local. A comunidade empresarial dos EUA esperou durante décadas por um progresso firme em direção à estabilidade e ao desenvolvimento, por parte de todos os principais países latino-americanos. O NAFTA poderá vir a ser um dos mais eficazes catalisadores nesta direção.

18. Vernon (1992), p. 25.

ção por parte de seus outros parceiros comerciais devido aos efeitos de desvio de comércio, um cenário considerado provável com relação à União Européia e aos países em desenvolvimento mais pobres, que seriam colocados em desvantagem diante dos Estados Unidos.¹⁹ A Argentina e o Brasil poderiam ser mais vulneráveis a este efeito, se os compararmos ao México ou a outros países cujo comércio é mais concentrado nos Estados Unidos. Para um país relativamente menor como a Argentina, há também um preço geopolítico a ser pago por uma tentativa de unir-se sozinho ao NAFTA, de vez que isto teria implicações reais na integração com seu vizinho maior, o Brasil. Assim, ainda que seja relativamente mais interessante para a Argentina ter um comércio totalmente livre com o NAFTA e o Brasil, ela negociou sua segunda opção de uma tarifa externa comum com o Brasil dentro do Mercosul.

Para o Brasil, ficar fora do NAFTA, do WHFTA ou de um arranjo centro-e-raios é considerado potencialmente negativo devido ao desvio de comércio e às consolidações de investidores multinacionais dentro de uma conexão Estados Unidos-México. No entanto deixa de haver, também, uma vantagem econômica líquida percebida para o Brasil dentro de um FTA com os Estados Unidos, já que esta situação é vista como mais criadora de comércio para os Estados Unidos, dado que suas tarifas já são mais baixas do que as do Brasil. De qualquer modo, não se acredita que o livre comércio dos Estados Unidos com o Brasil venha logo após o NAFTA por duas razões: a falta de apetite dos Estados Unidos por envolver-se em mais discussões políticas sobre o desemprego e o fato de não se achar que o México queira deixar o Brasil entrar no NAFTA. Por isto, muitos concluem que as relações Estados Unidos-Brasil estariam em melhor situação com uma agenda relativamente lenta no tocante à integração do hemisfério.²⁰

Em razão destas perspectivas brasileiras, chega a ser ironia que os resultados do modelo NASAFITA mostrem o Brasil ganhando consideravelmente mais em termos agregados estáticos do que a Argentina com uma união ao NAFTA ou com a criação de um WHFTA (tabela 10a). Os benefícios para o Brasil são dramaticamente aumentados quando os efeitos de externalidade dinâmica do comércio com os Estados Unidos são calculados (tabela 10b). A longo prazo, é de muito mais interesse

19. Fritch (1989), Abreu (1993).

20. Abreu (1993).

para o Brasil estabelecer um FTA Estados Unidos-Brasil do que estabelecer o Mercosul. Entretanto, em termos mais imediatos, os ganhos do livre comércio com os Estados Unidos não são, ao que parece, considerados grandes o bastante para se correr o risco de tentar negociar com os Estados Unidos.

Para o Chile, ficar de fora do NAFTA tem um impacto negativo muito maior do que a formação do Mercosul. O acesso ao NAFTA e, em menores proporções, um FTA bilateral com os Estados Unidos são também muito melhores para o Chile do que unir-se ao Mercosul, embora a união com ambos seja obviamente o melhor. Dúvidas, no entanto, sobre a probabilidade de unir-se ao NAFTA ou de formar um FTA bilateral Estados Unidos-Chile estão empurrando o Chile para a união com o Mercosul como primeira e mais provável opção.

OS PAÍSES DO NAFTA

É interessante notar que os resultados NASAFITA CGE trazem luz sobre a recente controvérsia envolvendo o interesse do México e de outros países latino-americanos em expandir a liberalização do comércio regional.²¹ Uma análise do Gabinete do Representante Comercial dos Estados Unidos sobre "A Política Comercial Latino-Americana após o NAFTA" observou que:

Afirma-se que o México não está interessado em deixar que outros países da região entrem em um arranjo que oferece benefícios consideráveis, alcançados em virtude de suas relações com os Estados Unidos. A obtenção de um consenso para expandir o NAFTA poderia tornar-se cada vez mais difícil, se fosse superada a relutância do México na admissão de alguns outros países (o Chile, por exemplo) e uma dessas nações recém-admitidas bloqueasse negociações de FTA subsequentes.²²

Os resultados da modelagem NASAFITA indicam que se pode apenas demonstrar a um grau mínimo que o México não tem como primeira

21. "Memo Douths Mexican Resolve on NAFTA Expansion". *The New York Times*. 21 de fevereiro de 1993.

22. "USTR Discussion Draft on Post-NAFTA Policy". *Inside NAFTA*. Vol. 1, n.º 4, 23 de fevereiro de 1994: p. 18.

opção a expansão do NAFTA para que inclua toda a América Latina imediatamente, após assegurar seu acesso ao mercado norte-americano via NAFTA, o México vem assumindo uma liderança mais agressiva no desenvolvimento de sua própria opção centro-e-raios, com a formação de FTAs bilaterais em toda a região. Os Estados Unidos, por outro lado, parecem estar mais preocupados com suas discussões políticas internas a respeito de outras extensões do NAFTA. Esta incerteza a um WHFTA poderia, ironicamente, resultar nos cenários 12 ou 17, em que o México persegue sua opção de tornar-se o novo centro de um sistema comercial do hemisfério, com os Estados Unidos retirando-se para uma de suas opções relativamente menos vantajosas, enquanto simples raio em um sistema liderado pelo México.

Para os Estados Unidos, os principais benefícios de um WHFTA baseiam-se no acesso preferencial a um importante mercado de exportação e na intensificação do crescimento econômico em uma importante região geopolítica. O mercado dos Estados Unidos é, em termos práticos, totalmente aberto aos produtos da região via o GSP (Sistema Geral de Preferências) ou outros programas (exceto alguns produtos como têxteis e açúcar), enquanto que os países latinos têm taxas de proteção muito mais elevadas. Assim, é mais importante manter-se o impulso de crescimento sustentado em uma região-chave de exportação, como ocorreu com o México no NAFTA. Ao contrário do NAFTA e da Iniciativa da Bacia do Caribe (CBI), não há muito incentivo para a criação de um WHFTA como meio de produção *off-shore*, com vistas à reexportação de volta aos Estados Unidos. A maior disponibilidade, por parte da América Latina, em abrir seu mercado é, portanto, um fator crucial dentro de um contexto no qual os Estados Unidos são um fornecedor natural e no qual espera-se que o mercado da ALC cresça por motivos no mínimo demográficos, se outros não houver (Garten, 1994).

É, igualmente, do interesse dos Estados Unidos, como demonstramos, expandir a liberalização pela ALC e ter acesso àquele mercado em crescimento de uma forma que seja compatível com o NAFTA. Um WHFTA é também melhor para os norte-americanos do que meramente assegurar o acesso bilateral ao mercado, já que ele aumenta um padrão de expansão do mercado que irá beneficiar diretamente os Estados Unidos. O exercício da liderança dos Estados Unidos dentro do hemisfério é também importante para seu impacto eventualmente global de

abertura de outros mercados e de melhoria da situação geopolítica dos Estados Unidos, sem alarmar, no entanto, a ordem multilateral. Os desdobramentos da Cúpula das Américas serão julgados sob este aspecto, já que se levantaram grandes expectativas no hemisfério e no mundo todo.

Embora esteja claramente dentro do interesse econômico dos Estados Unidos caminhar em direção à integração do hemisfério, os Estados Unidos ficaram para trás dos latino-americanos na formação de lideranças para realmente criar mais FTAs. As raízes deste conjunto de ironias hoje existente situam-se no passado, na dinâmica da economia política interna dos Estados Unidos. Afirma-se que o RCEU não deseja exercer muita pressão sobre as expansões pós-NAFTA devido ao imaginário político que o NAFTA produziu no Congresso norte-americano, fator que deve ser avaliado em termos de custo/benefício com referência aos objetivos políticos gerais do RCEU. É, portanto, considerado mais fácil abrir discussões com a Ásia, onde o estigma do NAFTA é menos aparente, muito embora a probabilidade de acordos seja mais baixa (Ives, 1994).

CONSEQUÊNCIAS DOS PROBLEMAS DE AÇÃO COLETIVA NÃO RESOLVIDOS

Tanto a abordagem de acordos bilaterais centrados nos Estados Unidos quanto aquela de adesão ao NAFTA, assim como as abordagens de acordos bilaterais com o México e a de centro-e-raios com um FTA da América do Sul/Mercosul, todas estas postulam o risco de produzir-se uma imensa gama de acordos comerciais incompatíveis e idiossincráticos. Até os proponentes da expansão do NAFTA admitem (Hufbauer e Schott, 1994) que é completamente irrealista presumir que os Estados Unidos poderão conseguir a inclusão de todos os países, seja como parceiros bilaterais seja como países-membros do NAFTA. É igualmente irrealista presumir que quaisquer das demais abordagens sub-regionais sejam capazes de organizar o livre comércio no hemisfério. Na verdade, algumas alternativas sub-regionais já foram explicitamente enviadas, como um meio de neutralizar o caminho de acesso ao NAFTA.

O perigo é que o *status quo* do momento incentive no hemisfério uma corrida aberta aos pactos bilaterais ou sub-regionais, de consequências eventualmente desastrosas:

— O desvio de comércio negativo seria um dos resultados óbvios de qualquer acordo sub-regional para os países menores que não forem explicitamente incluídos, ou para os países maiores explicitamente excluídos de fora.

— A falta de metas claramente atingíveis em um processo competitivo complexo e arriscado poderia desacelerar as reformas comerciais em muitos países, e tornaria a política comercial um exercício muito mais geopolítico, específico dos interesses locais, e que iria distorcer a liberalização com base em princípios multilaterais. Na ausência de metas claras para a liberalização do comércio, as reformas macroeconômicas nacionais iriam também sofrer desaceleração, devido à falta de incentivos externos em um novo e incerto ambiente internacional.

— Os Estados Unidos iriam obviamente perder a corrida quanto aos arranjos comerciais sub-regionais, e seriam excluídos da maioria dos acordos sub-regionais, o que, na realidade, acaba sendo o pior resultado para os Estados Unidos,²³ que já são vistos como internamente divididos e como um parceiro comercial não confiável. O sentimento seria de que aquele país já não se acha comprometido com uma agenda agressiva para o comércio do hemisfério ocidental, tendo desperdiçado o impulso gerado pelo NAFTA, o EAI e a Cúpula de Miami para redefinir as relações no hemisfério.

— A região ficaria atolada em uma série de arranjos centro-e-raios que seriam um pesadelo para os comerciantes, investidores e administradores comerciais. Estes seriam também muito difíceis de desfazer, já que se formariam, à sua volta, interesses específicos. Os países que ficassem de fora encontrariam, então, muita dificuldade em penetrar em pactos comerciais regionais desprovidos de normas claras de acesso ou de princípios de dosagem.

— Isto iniciaria nítidas rivalidades geopolíticas regionais entre os mercados maiores, fazendo com que os países menores tivessem que escolher estrategicamente com quem e como associar-se. As consequências de tudo isto seriam obviamente destabilizantes para a unidade no hemisfério em torno de princípios comuns, assim como despertariam eventuais preocupações de segurança.

23. Este resultado, confirmado no presente estudo, também foi o previsto para a opção comercial dos Estados Unidos com a América Central e o Caribe. Ver Hinojosa-Lewis e Robinson (1994).

ABORDAGENS DE NEGOCIAÇÃO E DE AJUSTE EM NÍVEL DE HEMISFÉRIO

Que tipo de caminhos estratégicos podem ser previstos, em direção a uma nova ordem no hemisfério? Que nova ordem de interações estratégicas é possível, dadas as assimetrias de poder e de estruturas institucionais dentro de cada país do hemisfério e dentre eles: uma nova ordem que possa gerar contexto para as negociações em curso, capaz de produzir as necessárias mudanças econômicas estruturais e construir as estruturas institucionais essenciais? Uma que possa satisfazer às exigências estratégicas a curto prazo assim como as metas a longo prazo? A resposta ótima a estas perguntas reside na resolução do problema de ação coletiva referente à diminuição dos riscos atualmente associados à tentativa de concluir com êxito as negociações no hemisfério.

A pergunta central é como administrar estrategicamente a transição para um novo arranjo econômico internacional que intensifique o fluxo mais livre de recursos para fins mais eficientes e gere mais altas expectativas de crescimento e que seja suficiente para cobrir, se não reduzir, as incertezas nacional e internacional e as altas taxas de desconto associadas a uma economia mais aberta; equilibrando os benefícios hipotéticos de longo prazo inerentes a uma integração com os impactos bem reais de ajuste a curto prazo. As questões das desigualdades internas dos ajustes, logo, da renda, devem ser abordadas, assim como as condições monetárias-fiscais para que haja estabilidade nos preços relativos internacionais para os investimentos externos. Que estrutura de investimentos, que ajustes sociais a longo prazo e que ajustes de curto prazo têm que acompanhar esta transição? Que mudanças institucionais são necessárias para facilitar a transição e, ao mesmo tempo, servir de base para a nova fase de acumulação de capital, investimento e crescimento?

O anúncio original da Cúpula das Américas feito pelo vice-presidente Gore despertou altas expectativas de que a questão central em pauta seria a definição dos próximos passos para a adesão ao NAFTA e para o Livre Comércio do Hemisfério Ocidental. A Declaração de Princípios e Plano de Ação que emergiram da Cúpula não incluíram alguns elementos importantes de um processo que poderia conduzir à identificação de um mecanismo para a multilateralização da liberalização comercial no he-

mistério. O Plano de Ação é, entretanto, por sua própria natureza, ainda incompleto e em aberto. A abordagem multilateral aqui apresentada englobou os elementos úteis do Plano de Ação da Cúpula, ao mesmo tempo em que procurou completar uma estratégia abrangente para a consecução de fato de um livre comércio no hemisfério, capaz de transcender a série de abordagens regionalmente fragmentadas hoje existentes e que ainda estão em discussão.

O principal desafio estratégico é, portanto, erigir mecanismos e instituições que:

- 1) Aumentem a certeza de negociar com êxito acordos comerciais abrangentes.
- 2) Reduzam, ao mesmo tempo, os custos eventuais associados à integração.

Isto sugere que existem dois tipos básicos de mecanismos conectados que necessitam ser estabelecidos:

1) Um mecanismo de negociação dentro do qual os governos possam concordar em comprometer-se com o princípio de multilateralização dos benefícios básicos do livre comércio através de todos os acordos comerciais sub-regionais em todo o hemisfério por um tempo determinado. Concordariam também em identificar alguns princípios auxiliares básicos em comum em áreas sensíveis como os direitos da propriedade intelectual (IPR), assistência ao ajuste e desenvolvimento, normatização e serviços financeiros, meio ambiente e trabalho. Deveria existir um programa regular de negociações para desenvolver ainda mais os procedimentos, regras e princípios em comum para todos os acordos sub-regionais no hemisfério; criar um mecanismo para negociar a multilateralização da liberalização comercial básica em todos os acordos sub-regionais, e promover um arcabouço em comum para uma abordagem de blocos de construção para o livre comércio no hemisfério ocidental e o desenvolvimento sustentável, incluindo mecanismos para a resolução de disputas referentes ao comércio e para estabelecer acordos comuns no tocante ao IPR, assistência ao ajuste e desenvolvimento, normatização e serviços financeiros, meio ambiente e padrões de trabalho. O Comitê Especial de Comércio da OEA, com a assistência técnica

do BID e da C'epal, poderia servir como convocador destas rotativas periódicas de discussão e negociações.²⁴

2) Um mecanismo encarregado de financiar o ajuste referente ao comércio, assim como investimentos ambientais e de infra-estrutura. Como incentivo à ampliação e aprofundamento futuros dos acordos comerciais, o financiamento ficaria disponível a todos os países e condicionado a sua entrada ou aprofundamento em qualquer acordo comercial liberalizante no plano regional ou do hemisfério. O Banco Interamericano do Desenvolvimento, o PNUD e o Nadebank poderiam ser usados como contextos institucionais para este mecanismo (PNUD, 1994).

Esta abordagem é politicamente capaz de granjear o apoio de um amplo espectro de países e de forças políticas dentro deles. Encorajaria as tendências inevitáveis em direção aos acordos sub-regionais de forma ordenada e compatível, alavancando todos os acordos sub-regionais para que façam o trabalho da liberalização como parte de uma verdadeira abordagem de blocos de construção em direção à liberalização no hemisfério.

Esta abordagem, portanto, aceita de bom grado o invejável aumento no comércio intra-ALC e os acordos comerciais. É uma abordagem "pró-mercado", à medida que dá as boas-vindas aos incentivos econômicos para que os acordos comerciais sub-regionais façam o progresso progredir, pedindo apenas que isto seja feito com normas comuns, e acesso transparente e princípios de docagem. Não impediria o aprofundamento dos acordos sub-regionais existentes ou o avanço nas adesões, mas encorajaria, de fato, estas tendências e as impeliria para que fizessem o trabalho inicial da liberalização do comércio de forma regionalmente abrangente. Poderia usar como fundação os acordos já existentes, como o NAFTA, o Aladi, o MCAAC etc., encorajando os compromissos multilaterais através de arranjos flexíveis em círculos concêntricos sobre as questões não-tarifárias negociadas dentro de um arcabouço multilateral acordado. Com a construção de um mecanismo contínuo que facilite as negociações normatizadas no hemisfério, esta abordagem tem a vantagem política de fortalecer os

24. Muitas destas recomendações foram bem apresentadas em recente publicação do Cepal/BID/OEA chamada *Towards hemispheric free trade* (1994).

CONCLUSÃO

O exercício de modelagem NASAFTA-CGE foi projetado para estabelecer um arcabouço econômico de bases empíricas que poderia ser usado em nova rodada antecipada de discussões e análises pós-NAFTA. Os resultados da modelagem de cenários alternativos fornece percepções e implicações para a formulação de uma política estratégica de comércio por parte tanto dos Estados Unidos quanto dos demais países do hemisfério ocidental.

À primeira vista, nossos resultados pareceriam indicar incentivos muito pequenos para prosseguir com a integração regional do ponto de vista dos Estados Unidos, enquanto que os demais países no hemisfério teriam incentivos relativamente maiores para agir neste sentido. Os resultados da pesquisa com o modelo NASAFTA mostram, como o fez a maior parte das pesquisas sobre o NAFTA, que qualquer padrão de integração Estados Unidos-América Latina tem, talvez, implicações positivas relativamente pequenas para os Estados Unidos mas terá resultados positivos ou negativos muito mais importantes para todos os demais países no hemisfério. Enquanto que os efeitos agregados de todos os cenários alternativos são pequenos para os Estados Unidos, existem, no entanto, diferenças relativamente importantes entre os cenários, tanto para aquele país quanto para o resto da região.

Gostem os Estados Unidos ou não, seu modo de agir ou de não agir terá conseqüências que devem ser levadas em conta ainda que por motivos fundamentalmente geopolíticos. Existe, já, a percepção de que o NAFTA resultou em um impacto negativo para os vizinhos dos Estados Unidos. Os resultados do modelo NASAFTA confirmam este impacto negativo, embora pequeno, de desvio de comércio. Deve-se notar que a atual situação pós-NAFTA também oferece uma oportunidade única para que os Estados Unidos assim como todos os demais países do hemisfério, assumam um novo papel de liderança que possa ajudar a produzir excelente resultado cooperativo e mutuamente benéfico.

Os resultados dos cenários apontam para um conjunto complexo de problemas de ação coletiva entre países, setores e grupos socioeconômicos da região, resolução falha que poderia acarretar níveis mais baixos de produção e comércio nacional e regional. Estes resultados também indicam uma série de escolhas estratégicas essenciais que terão de ser

compromissos multilaterais compartilhados entre a América do Norte e a América Latina.

Esta abordagem também fornece ao governo dos Estados Unidos um alho para contornar o debate muito divisivo a respeito do acesso ao NAFTA versus FTAs bilaterais, que vem consumindo a discussão sobre comércio e vias expressas, desviando a atenção de uma liberalização comercial alcançável com a maioria dos países da região que não estão prontos para aderirem ao NAFTA. O governo dos Estados Unidos pode argumentar que encontrou um meio de alavancar o impulso em direção aos pactos sub-regionais para fazer o trabalho de liberalização do comércio no hemisfério e preparar o caminho para os acordos comerciais com os Estados Unidos. Iniciando um processo inclusivo para todos os países, os Estados Unidos poderiam desempenhar um papel hegemônico crucial, no sentido catalisador positivo, o que somente eles poderiam fazer. Os Estados Unidos permaneceriam envolvidos em todas as negociações sub-regionais sem precisar ser o objeto constante da outorga de concessões e de transações como bases de seu envolvimento no processo. Esta abordagem, assim, atende à necessidade urgente de que o governo dos Estados Unidos restabeleça um papel de liderança no hemisfério, e evite o esfacelamento na região provocado por interesses nacionais e sub-regionais.

Esta abordagem também estabelece que os mecanismos em curso e em evolução atendam à questão do desenvolvimento sustentável, e ambientalmente são como parte integrante de uma pauta comercial no hemisfério. As questões trabalhistas e ambientais relacionadas com o comércio seriam discutidas como partes do mecanismo para a multilateralização dos benefícios do comércio. Outras instituições multilaterais, como o BID/MIF, o PNUD e o Nadebank seriam usadas paralelamente para atender à pauta ambiental e de ajuste em todo o hemisfério. Isto permite a redefinição dos termos do debate através da proposição de novos mecanismos institucionais dentro dos quais as ONGs, as empresas e os governos, nos Estados Unidos e na América Latina, possam sentir que seus interesses estão sendo representados. Estes mecanismos poderiam vir a tornar-se um eventual espelho sub-regional da nova OMC.

feitas para gerarem uma ótima produção regional. Esta produção será preferível se, e somente se

1) Os Estados Unidos puderem superar um debate interno de economia política sobre a distribuição dos ganhos de comércio para o próprio país, o que poderia, então, permitir que aquela nação conseguisse um papel de liderança estratégica na região; e

2) Todas as nações na região solucionarem um problema de ação coletiva, um já quase clássico "dilema do prisioneiro", referente à capacidade dos países para reduzirem a incerteza que lhes permitirá cooperarem na obtenção de ótimos resultados, ou correrem o risco de uma competição na qual todos acabarão em um mundo "de segunda opção", senão pior ainda.

Do ponto de vista dos poderes decisórios nos Estados Unidos, uma série de questões estão, no momento, sendo examinadas com vistas a uma ordem comercial pós-NAFTA no hemisfério ocidental:

- 1) Deve-se estabelecer novas FTAs ou contar com a adesão ao NAFTA.
- 2) A expansão do livre comércio deve ser negociada com cada país em separado ou com grupos sub-regionais.
- 3) A extensão deve limitar-se apenas ao hemisfério ocidental ou também incluir outras partes do mundo.²⁵

Os resultados de nossa modelagem fornecem respostas econômicas explícitas para cada uma destas perguntas a respeito de suas opções no hemisfério ocidental:

1) O livre comércio total é preferível a novas FTAs bilaterais como também um conjunto incompleto de adesões ao NAFTA.

2) Os Estados Unidos estariam em melhor situação com a incorporação de um número maior de agrupamentos regionais múltiplos, em vez de um número menor de países em separado.

25. "U.S. Shows Early Favor for NAFTA Expansion Over Separate Pacts", *Inside NAFTA*, Vol. 1, nº 1, 12/1/94: pp. 1-11.

3) O desvio de comércio com referência ao resto do mundo e uma questão real que crescerá de importância com a incorporação de mais países em um WHFTA, podendo, porém, ser melhorada através da maximização dos eventuais ganhos de externalidade advindos da integração regional.

Um cenário do Acordo de Livre Comércio do Hemisfério Ocidental é ligeiramente melhor do que um sistema centro-e-raios centrado nos Estados Unidos através de FTAs individuais ou de adesões ao NAFTA. Os ganhos dos norte-americanos em PIB real e exportações praticamente dobram sua taxa de melhoria somente devido ao NAFTA. Isto se dá porque aquele país não só poderia exportar para um mercado WHFTA mais amplo, como também para um mercado mais rico no hemisfério, aumentado agora através dos ganhos regionais advindos de um comércio mais livre entre seus países-membros.

Nossos resultados indicam que há, também, claramente, algumas questões de distribuição, específicas de alguns setores dos Estados Unidos e de grupos indústria/ocupação. Alguns pequenos produtores de frutas e hortaliças norte-americanos, processadores de alimentos e produtores de manufaturados leves iriam defrontar-se com uma competição maior, mesmo considerando-se que a exportação nestes setores também aumentaria no cenário 20 referente ao NAFTA.

De todas as opções regionais, um Acordo de Livre Comércio do Hemisfério Ocidental apresenta os melhores resultados para a maioria dos fatores e dos segmentos do mercado de trabalho nos Estados Unidos. Isto se deve tanto a uma queda nos preços de importação dos bens de salário quanto a uma mudança na produção para atividades de exportação mais produtivas. Entretanto, como vimos no debate sobre o NAFTA, as instituições profissionais que podem convencer o Congresso americano de que os encargos do ajuste de alguns trabalhadores, setores e regiões serão totalmente compensados terão uma tarefa política muito complexa. E, no entanto, essencial que este desafio seja assumido para que os Estados Unidos produzam a liderança necessária para percorrer a trajetória ótima — para si e também para toda a região —, em direção à integração regional. Deixar de assumir um papel de liderança na liberalização regional resultará na pior opção para o salário real comparado ao *status quo* pós-NAFTA.

Paralelamente à necessidade dos Estados Unidos de resolverem seus problemas internos de economia política de modo a que possam assumir, como pré-requisito, o papel de liderança regional, nossa pesquisa indica que dois problemas de ação coletiva inter-relacionados devem também ser solucionados: um deles entre os Estados Unidos e o México; o outro entre o Brasil e a Argentina. Estes problemas de ação coletiva emergem de uma situação na qual, na ausência de uma vontade de fazer concessões e agir coletivamente de modo a gerar um máximo de benefícios individuais e regionais, o comportamento individualista iria beneficiar mais a cada um, às expensas de todos os demais, assim como às custas da região como um todo.

Essencialmente, nossos cenários alternativos revelam uma situação do tipo "dilema do prisioneiro", na qual, se não houver cooperação para promover o bem público de um mecanismo de negociações multilateral, cada país ficará a cuidar de si próprio em um ambiente altamente competitivo e de grandes riscos. Ao mesmo tempo que foi demonstrado que a formação de uma Área de Livre Comércio do Hemisfério Ocidental é o cenário ideal para a maioria dos países-membros do NAFTA e do Mercosul, a falta de um mecanismo para negociar com credibilidade um acordo multilateral põe um grande desconto sobre esta primeira-melhor opção. Na ausência de uma primeira opção, as relações estratégicas entre o NAFTA e o Mercosul ou dentro de cada um destes tornam-se muito voláteis, já que cada país-membro possui um leque muito divergente de segundas preferências sobre o modo de conduzir e com quem conduzir a liberalização do comércio. Para se criarem, entretanto, condições de se organizar no hemisfério a primeira e melhor solução, os problemas de ação coletiva devem ser primeiramente abordados dentro do NAFTA e do Mercosul.

O México e os Estados Unidos têm de chegar a uma decisão sobre o modo de expandirem-se além do NAFTA. Para isto, eles contam com três opções: arranjos centro-e-raios individuais; adesões ao NAFTA; ou um acordo com o Mercosul a respeito da negociação de um WHFTA. Como demonstramos, o México teria uma ligeira preferência por ser seu próprio centro, embora tenha poucas probabilidades de sucesso, já que tem tão pouco a oferecer em termos de mercado. Se o México faz a tentativa de desenvolver seu próprio sistema centro-e-raios, os Estados Unidos poderiam bloqueá-lo, ao tentarem criar uma configuração alter-

nativa, com muito maiores probabilidades de sucesso. No entanto, se os norte-americanos tentassem buscar sua própria alternativa centro-e-raios, ou ainda forçar adesões individuais ao NAFTA dentre os países não-Mercosul, o Brasil seria impellido a adotar uma estratégia defensiva e construir um SAFTA em torno do Mercosul. Dados os custos de ajuste relativamente baixos necessários à construção de um SAFTA, o Mercosul provavelmente ganharia uma corrida contra o NAFTA no estabelecimento do livre comércio com seus vizinhos, resultando numa das piores preferências para os Estados Unidos. Uma resposta defensiva como esta seria, provavelmente, o resultado de tentativa altamente problemática de fazer o Mercosul unir-se ao NAFTA, implicando essencialmente o abandono do projeto de construção de um mercado comum com uma tarifa externa comum.

A fim de se evitarem estes resultados conflitivos, o México e os Estados Unidos têm, essencialmente, que ser capazes de cooperar em uma estratégia comum para oferecer ao Brasil e ao Mercosul um arcabouço não-competitivo para estabelecer a Área de Livre Comércio do Hemisfério Ocidental, abandonando sua estratégia de adesões individuais ao NAFTA ou de acordos bilaterais centro-e-raios. Isto necessitaria, é claro, de uma garantia de que o Brasil e os demais membros do Mercosul estivessem também dispostos a caminhar juntos para que se chegasse a um WHFTA.

Na ausência de um mecanismo para negociar um WHFTA, o Brasil e a Argentina também enfrentariam um leque de opções do tipo "dilema do prisioneiro", porque cada um tentaria alcançar sua própria segunda opção às custas do seu parceiro. Os resultados dos cenários indicam que, na falta de um arcabouço multilateral, é do interesse tanto do Brasil quanto da Argentina competir um com o outro para ter acesso individual e exclusivo ao mercado dos Estados Unidos ou do NAFTA, deixando fora do arranjo comercial regional todos os demais países-raios. O cenário *défault* mais provável seria, então, a Argentina e o Brasil escolhendo uma estratégia SAFTA para o Mercosul a fim de desenvolver o livre comércio com os demais países não-NAFTA, ainda que isto não seja sua segunda opção. Isto se dá porque as tentativas feitas pelo Brasil e a Argentina de aderirem ao NAFTA individualmente seriam imediatamente complicadas pelo incentivo para o México e os Estados Unidos serem o centro de seu próprio sistema centro-e-raios, buscando, assim,

BIBLIOGRAFIA

evitar que o Brasil e a Argentina tomem-se o raio adicional do outro parceiro do NAFTA. Para os Estados Unidos e o México, enquanto parceiros do NAFTA com poder de veto, os dois têm que tomar uma decisão-chave: compartilhar um mercado do NAFTA mais amplo com todos os competidores ou bloquear quaisquer adesões ao NAFTA, e correrem o risco de que o outro parceiro do NAFTA consiga um sistema centro-e-raios com seus vizinhos geopolíticos.

Esta situação só pode ser resolvida através de uma decisão, por parte dos países do NAFTA e do Mercosul, de estabelecerem um mecanismo dotado de credibilidade para a formação de uma Área de Livre Comércio do Hemisfério Ocidental abrangente. Felizmente, o objetivo de um WHFTA representa um primeiro e melhor resultado para os Estados Unidos, o Brasil e a Argentina, e um segundo resultado, quase tão bom quanto o primeiro, para o México. Esta estratégia comum pode ser alcançada com o desenvolvimento de mecanismos e instituições que:

1) Reduziriam a incerteza das negociações multilaterais.

2) Mitigariam os custos econômicos da integração através de investimentos de ajuste comercial.

É verdade que nem todos os setores de todos os países da região estão prontos para a adesão ao NAFTA e que o sistema político dos Estados Unidos pode não estar pronto para aceitá-la no momento. É essencial, entretanto, manter o impulso em direção a uma liberalização regional mais ampla e que seja compatível com outros objetivos de desenvolvimento a curto e médio prazos.

Além disso os resultados ainda apontam para o fato de que deixar de resolver os importantes problemas regionais de baixa produtividade rural e grandes disparidades de renda poderia resultar, efetivamente, na exacerbção das desigualdades sob os auspícios da integração regional. O melhor resultado de uma maior integração no hemisfério poderia ser parte da solução, mas apenas combinada com um aumento no investimento na produtividade e na mitigação da pobreza.

- ABREU, Marcelo de Paiva. 'Brazil-U.S. economic relations and the enterprise for the Americas initiative.' *IBD-ECLAC Working papers on trade in the Western hemisphere*, WP-TWH-31, março de 1993.
- ABREU, Marcelo de Paiva. 'O NAFTA e as relações econômicas Brasil-EUA.' Estudo preparado para o VI Fórum Nacional. Instituto de Altos Estudos, Rio de Janeiro, Brasil. 5 de setembro de 1994.
- ALAM, Asad e RAJAPATIRANA, Sarath. *Trade policy reform in Latin America and the Caribbean in the 1980s*. Policy Research Working Paper Series n° 1104, Banco Mundial, 1993.
- BID, OEA, CEPALC. 'Toward free trade in the Western hemisphere', setembro de 1994.
- BOUZAS, Roberto e LUSTIG, Nora. *Liberalización comercial e integración regional: de NAFTA a Mercosur*. Buenos Aires: Grupo Latinoamericano, 1992.
- BROWN, Drujilla A. 'The impact of a North American free trade area: applied general equilibrium models. Em LUSTIG, Nora, BOSWORTH, Barry e LAWRENCE Robert (eds.), *North American free trade: assessing the impact*. Washington, DC: The Brookings Institution, 1992.
- DE MELO, Jaime e PANAGARIYA, Arvind (eds.). *New dimensions in regional integration*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- e ROBINSON, Sherman. 'Productivity and externalities: models of export-led growth'. *Journal of International Trade and Economic Development*, Vol. 1, n° 1, 1992, pp. 41-68.
- EZRAN, Refik e YEATS, Alexander. 'Free trade agreements with the United States: what's in it for Latin America?' Washington, DC, Banco Mundial, 1992.
- FISHLow, Albert e HAGGARD, Stephan. 'The United States and the regionalization of the world economy.' Documentos do Centro de Desenvolvimento da OECD, Paris, 1992.
- FISHLow, HINOJOSA e ROBINSON. 'Proposal for a North American regional development bank and adjustment fund'. *North American free trade, proceedings of conference*. Federal Reserve Bank of Dallas, 1991.

- FRIEDSCH, Wilson. 'The new multilateralism and developing countries' em J. Schott (ed.), *Free trade areas and US trade policy*. Washington DC: Institute of International Economics, 1989.
- FRIEDSCH, Wilson. 'Integración económica: conviene la discriminación comercial?' em Bouzas e Lusting. *Liberalización comercial e integración regional: de NAFTA a Mercosur*. Buenos Aires: Grupo Latinoamericano, 1992.
- GARTEN, Jeffrey. *The United States and Latin America in a changing world economy: recent speeches*. Washington, D.C.: Departamento do Comércio dos EUA, 1994.
- HAGGARD, Stephan. 'The United States and regionalism in Asia and the Americas'. *Asia Pacific and the Americas*. San Diego: Institute of the Americas, 1994.
- HINOJOSA-OJEDA, Raúl. 'The political economy of North-South interdependence: Mexico and the United States in the twentieth century'. Dissertação para o Ph.D., Universidade de Chicago, 1989.
- HINOJOSA-OJEDA, Raúl e SHERMAN, Robinson. 'Alternative scenarios of US-Mexico integration: a computable general equilibrium approach'. *Working Paper* n° 690, Departamento de Economía Agrícola e de Recursos, Universidade da Califórnia, Berkeley, 1991.
- e McCLEERY, Robert. 'US-Mexico interdependence, social pacts and policy perspectives: a computable general equilibrium approach'. Em Jorge Bustamante, Clark Reynolds e Raúl Hinojosa-Ojeda, (eds.), *US mexican relations: labor market interdependence*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1992.
- e ROBINSON, Sherman. 'Labor issues in a North American free trade area'. Em Nora Lusting, Barry Bosworth e Robert Lawrence (eds.), *North American free trade: assessing the impact*. Washington, DC: The Brookings Institution, 1992.
- ; LEWIS, Jeffrey D. e ROBINSON, Sherman. 'Regional Integration Options for Central America and the Caribbean After NAFTA', 1994.
- HAUSMANN, Ricardo. 'On the road to deeper integration with the north lessons for Puerto Rico'. Washington, DC: Banco Interamericano do Desenvolvimento, 1994.
- HUIFBAUER, Gary Clyde e SCHOTT, Jeffrey J. *Western hemisphere economic integration*. Washington, DC: Institute for International Economics, 1992.

- IVIS, Ralph. 'Continuous progressive expansion of Latin America and the Caribbean'. *Inside NAFTA*, fevereiro de 1994.
- KATZ, Jules. 'The agenda of the Americas'. Conselho das Américas Câmara de Comércio dos EUA, Associação das Câmaras de Comércio Americana e Latino-Americanas, 1994.
- LUSTIG, Nora e PRIMO BRAGA, Carlos. 'The Future of Trade Policy in Latin America'. Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais — Conferência do Diálogo Interamericano, março de 1994.
- MCCLEERY, Robert e HINOJOSA-OJEDA, Raúl. 'NAFTA and Asia's concern in a global context', em Koichi Ohno (ed.) *Regional integration and its impact on developing countries*. Institute of Developing Economies: Tóquio, Japão, 1993.
- NAIM, Moises. 'Towards free trade in the Americas: building blocks, stumbling block and entry fees'. Washington DC: The Carnegie Endowment, 1994.
- PANAGARIYA, Arvind. 'The free trade area of the Americas: good for Latin America?' Conferência do PNUD-Banco Mundial para o Projeto de Expansão Comercial, 23-24 de janeiro de 1994.
- PRIMO BRAGA, Carlos. 'The new regionalism and its consequences'. Washington, DC, Banco Mundial. Departamento de Economia Internacional, 1994.
- PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. 'Our common agenda for the Summit of the Americas'. Nova York: PNUD, 1994.
- SABORIO, Sylvia. *The premise and the promise: free trade in the Americas*. Washington, DC: Conselho do Desenvolvimento Ultramarino, 1992.
- THOMAS, Richard L. 'Speech Before the Bankers Association for Foreign Trade'. Conferência do Meio do Inverno de 1994, Washington, DC, 19 de fevereiro de 1994.
- VEIGA, Pedro da Motta. 'Mercosul: a agenda de consolidação interna e os dilemas da ampliação'. Estudo preparado para o VI Fórum Nacional, Instituto Nacional de Altos Estudos, Rio de Janeiro, Brasil, 5 de setembro de 1994.
- VERNON, Raymond. 'The role of transnationals in a Western Hemisphere free trade area'. *IDB-ECLAC Working Papers on Trade in the Western Hemisphere*, WP-TWH-7 de setembro de 1992.